



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA**

CAMILA DA COSTA LOPES

**INVESTIGAÇÕES CULTURAIS E GEOARQUEOLÓGICAS DA ETNIA KONDURI A
PARTIR DE REGISTROS CERÂMICOS**

**SANTARÉM
2019**

CAMILA DA COSTA LOPES

**INVESTIGAÇÕES CULTURAIS E GEOARQUEOLÓGICAS DA ETNIA KONDURI A
PARTIR DE REGISTROS CERÂMICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, do Centro de Formação Interdisciplinar – CFI, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do título de mestre em Ambiente Interdisciplinar.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Diversidade e Desenvolvimento Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino

Coorientador: Prof. Dr. Bruno Apolo Miranda Figueira

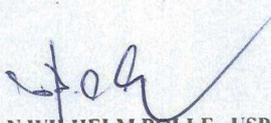
**SANTARÉM
2019**



Universidade Federal do Oeste do Pará
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA

ATA Nº 32

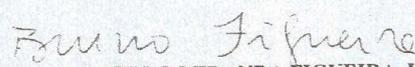
No vigésimo sexto dia do mês de novembro do ano de dois mil e dezenove, às dezessete horas, na sala trezentos e dezenove, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado da discente Camila da Costa Lopes. A banca examinadora foi composta pelos professores: Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior, UnB, Examinador Externo a Instituição, Dr. Stefan Wilhelm Bolle, Examinador Externo a Instituição, USP, Dr. Bruno Apolo Miranda Figueira, Examinador Interno, Dr. Itamar Rodrigues Paulino, orientador da discente. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do professor Itamar Rodrigues Paulino, presidente da banca, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, solicitou a discente que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada "Investigações Culturais e Georquológicas da Etnia Konduri a Partir de Registros Cerâmicos, marcando um tempo de quarenta minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o professor Itamar Rodrigues Paulino, passou a palavra aos examinadores para arguir a discente. Terminadas as arguições, o presidente da banca solicitou aos presentes que se retirassem da sala para a realização do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora por sua APROVAÇÃO, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa, no prazo máximo de sessenta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa. Conforme o Artigo 57 do Regimento Interno do Programa, a discente não terá o título se não cumprir as exigências acima.


Dr. STEFAN WILHELM BOLLE,, USP

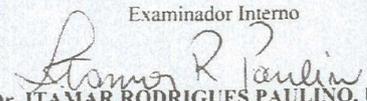
Examinador Externo à Instituição


Dr. AUGUSTO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR, UnB

Examinador Externo à Instituição


Dr. BRUNO APOLO MIRANDA FIGUEIRA, UFOPA

Examinador Interno


Dr. ITAMAR RODRIGUES PAULINO, UFOPA

Presidente

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

L864i Lopes, Camila da Costa
Investigações culturais e geoarqueológicas da etnia Konduri a partir de registros
cêramicos. / Camila da Costa Lopes– Santarém, 2019.
132 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Itamar Rodrigues Paulino

Coorientador: Bruno Apolo Miranda Figueira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação Tecnológica, Centro de Formação Interdisciplinar, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

1. Konduri. 2. Geoarquiometria. 3. Cultura. 4. História. I. Paulino, Itamar Rodrigues, *orient.* II. Figueira, Bruno Apolo Monteiro, *coorient.* III. Título.

CDD: 23 ed. 551.09098115

“Dedico este trabalho aos meus laços sanguíneos mais próximos, que nunca me deixaram desistir e me fazem uma pessoa melhor, ao meu filho Murilo, à minha irmã Sara e à minha mãe Elizângela.”

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho, que mesmo sem compreender é combustível para eu buscar uma vida melhor para ele e por sempre me recebe com um “eu te amo mamãe”.

À minha irmã Sara que sempre acreditou no meu potencial, torceu por mim desde o início dessa jornada e esteve comigo em todas as etapas.

Ao meu companheiro Michel, pela compreensão e por não ter me deixado nos momentos de angústia e ansiedade. Agradeço pelo ótimo pai que tem sido na minha ausência.

Ao meu cunhado Daniel pela ajuda nos momentos difíceis que passei nesse período.

Ao meu orientador, Itamar Rodrigues Paulino, pela longa caminhada que fizemos juntos até aqui, de quase 8 anos, obrigada pelos conselhos, puxões de orelha, pela orientação, disponibilidade e entrega para a finalização dessa dissertação.

Ao meu coorientador, Bruno Figueira Apolo, que me levantou do desânimo várias vezes e me mostrou que era possível a realização dessa parte analítica fundamental para o meu trabalho.

Ao diretor do Museu Integrado de Óbidos, pela confiança no nosso trabalho e a permissão de investigar as cerâmicas de posse do museu. Agradecida também pela acolhida na sua casa quase todas as vezes das nossas idas para Óbidos.

Às meninas da Graduação, Milena, Telma e Daina que estiveram comigo nas ações desenvolvidas em campo.

Agradeço também ao laboratório Geochronos, da Universidade Federal de Brasília - UnB, em nome do Professor de Gustavo Viegas pela realização das análises do MEV. Ao professor Bruno Apolo pela realização das análises de DRX no laboratório de síntese de materiais

Agradeço à minha amiga Deise por me fazer rir em momentos de desespero e acreditar que a gente iria concluir essa etapa.

Agradeço à minha amiga e companheira do mestrado Renata, por ter me ajudado a realizar e a interpretar as análises do DRX.

Ao PPGSAQ pela oportunidade da aperfeiçoarão, a dona Estelina e Joice, que sempre estiveram disponíveis para ajudar.

E, por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que me auxiliou financeiramente, e não me deixou desistir por falta de ajuda financeira.

RESUMO

A presente dissertação apresenta o resultado de investigações culturais, georqueológicas e antropológicas da extinta etnia Konduri, na época de contato entre europeus e povos originários na região do Baixo Amazonas no período da colonização. Relatos apontaram que ela viveu nos séculos V ao XVII, na região onde se localizam as cidades de Nhamundá, Oriximiná, Faro e Óbidos. Os objetivos de nossa pesquisa são de investigar a formação cultural e identitária dos Konduris a partir de registros e análises georqueológicas de objetos cerâmicos da região do Baixo Amazonas. Dessa forma, a pesquisa foi dividida em três momentos. O primeiro diz respeito ao estado da arte, caráter bibliográfico, sobre relatos de cronistas que navegaram o rio Amazonas, na região pesquisada, entre os séculos XVI e XVII, como Orellana e Acunã. No segundo momento, foram feitas análises quanti-qualitativas, com descrição de 20 fragmentos cerâmicos sob a salvaguarda do Museu Integrado de Óbidos, encontrados na comunidade de Arapucu, seguindo referências reconhecidas do estilo Konduri, além de balanço estatístico sobre características pertencentes ao estilo Konduri. No terceiro momento, foi realizada a análise georqueológica-arqueométrica, por meio de técnicas de difração de raio X – DRX, para identificar fases mineralógicas dos materiais componentes das cerâmicas, bem como a Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), para caracterizar morfológica e o tempero de resistência de cerâmicas. Os resultados permitiram afirmar que as peças investigadas são características do estilo Konduri, e evidenciam incisões retilíneas, curvilíneas e aleatórias, aplicação e ponteamo das peças, além da presença apêndices zoomórficos e antropomórficos, bem como presença cauxi. Isto confirma referências arqueológicas da região e possibilitam sugerir preocupação da etnia em melhorar a resistência mecânica das peças cerâmicas.

Palavras-Chaves: Konduri. Georqueometria. Cultura. História.

ABSTRACT

This dissertation presents the result of cultural, georheological and anthropological investigations of the extinct Konduri ethnic group, during the period of contact between Europeans and local peoples from the Lower Amazon region during the colonization period. Reports pointed out that they lived in the 5th to the 17th centuries, in the region where the cities of Nhamundá, Oriximiná, Faro and Óbidos are located. The objectives of our research are to investigate the cultural and identity formation of the Konduris from geoarchaeological records and analyses of ceramic pieces of the Lower Amazon region. The research was divided in three moments. The first concerns the state of the art, about reports of chroniclers who sailed the Amazon River in the researched region, between the 16th and 17th centuries, such as Orellana and Acuña. In the second moment, quantitative and qualitative analyses were performed, describing 20 ceramic fragments under the safeguard of the Integrated Museum of Óbidos (MIOB), found in the community of Arapucu, in accordance to recognized Konduri-style references, as well as statistical balance on Konduri-style characteristics. In the third moment, the geo-archaeological-archaeometric analysis was done through X-ray diffraction techniques - XRD, to identify mineralogical phases of ceramic component materials, and Scanning Electron Microscopy (SEM), to characterize clay and the resistance conditions of ceramics. The results allowed us to state that the investigated pieces are characteristic of the Konduri style, and show rectilinear, curvilinear and random incisions, application and punctuation of the pieces, as well as the presence of zoomorphic and anthropomorphic appendages, as well as 'cauxi' presence. This confirms archaeological references of the region and makes possible to suggest that the indigenous group was concern in improving the mechanical resistance of the ceramic pieces.

Keywords: Konduri. Geoarcheometry. Culture. History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pinturas Rupestres da caverna Pedra Pintada, no Município paraense de Monte Alegre.....	25
Figura 2 - Pinturas Rupestres da caverna Pedra Pintada, no Município paraense de Monte Alegre.....	26
Figura 3 - Estatueta feminina com características típicas do estilo Konduri, achada às margens do rio Amazonas, no município de Óbidos. Miob/sala ti/7 - registro 004 / 2093 2094, classificação cerâmica indígena, de material argiloso, altura de 14CM.	50
Figura 4 - Panorâmica da região do Baixo Amazonas, com a possível presença dos Konduri.....	58
Figura 5 - Mapa construído por Curt Nimuendajú sobre a dispersão dos estilos cerâmicos no Baixo Amazonas. Foram excluídas as referências a outros estilos mencionados. Adaptado de palmatory (1960, p. 19).....	61
Figura 6 - Localização da comunidade de Arapucu, área rural de Óbidos.....	77
Figura 7 - Cerâmica com características tipicamente do complexo konduri. A, b, bulbos de vasos trípodas; c, d, alças em arco; e, f, inciso; g . J, modelado-inciso-pontado.	80
Figura 8 - Direita: cerâmica da fase pocó. A- c, vermelho-sabre-branco; d, escovado; e, f, inciso-escovado; g – Esquerda: cerâmica da fase pocó. A -f, modelado-inciso; g _ j, pontado; i- n. Marcado-com-corda; O_ p, serrungulado; q -s, unguiado; t, u, impresso-.....	80
Figura 9 - Fragmento cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões e pontados, também com técnicas de acordelamento e modelagem. A) visão externa da peça; b) visão frontal e superior da peça. C).....	82
Figura 10 - Fragmento Cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões retilíneas aplicações e pontados, semelhante a um pássaro. A) visão frontal da peça; b) visão externa.	83
Figura 11 - Fragmento Cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões retilíneas aplicações e pontados, semelhante a um pássaro. A) visão frontal da peça; b) visão externa.	83

Figura 12 - Vasilha miniatura com características do estilo Konduri. A) visão frontal da peça; b) visão basal; e c) a reconstituição da sua forma completa com aproximadamente 8 cm de diâmetro e 6 de altura.	84
Figura 13 - Fragmento de vasilha. Com características de aplicação e repuxamento. A) visão geral da peça. B) reconstituição da sua forma completa com aproximadamente 16 cm de diâmetro da porção de onde for retirada.	84
Figura 14 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto. A) visão frontal; e b) visão externa da peça.	85
Figura 15 - um adorno antropomórfico, com típicas características do estilo konduri, apresentando incisões nos olhos e nariz e ponteados. A) visão frontal da peça; b) visão frontal e superior da peça.	85
Figura 16 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto da amostra arq-obd-04.	86
Figura 17 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto da amostra ARQ-OBD-09. A) visão frontal; e b) visão externa da peça.	86
Figura 18 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão retilíneas, aplicação, ponteamto da amostra ARQ-OBD-10. Visão frontal.	87
Figura 19 - Fragmento de vasilha. Possivelmente uma alça de panela, com técnica de aplicação e repuxado da amostra ARQ-OBD-11. A) visão externa; e b) mostrando a borda da peça.	87
Figura 20 - Fragmento Zoomórfico, possivelmente da fase pocó, apresentando técnica de incisão retilínea da amostra ARQ-OBD-12.	88
Figura 21 - Fragmento Zoomórfico, possivelmente um muiraquitã, com técnica de incisão e ponteamto da amostra ARQ-OBD-014.	88
Figura 22 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão e ponteamto da amostra arq-obd-15. A) visão frontal; e b) visão inversa da peça.	89
Figura 23 - Fragmento Antropomórfico, com técnica de aplicação, incisão e ponteamto da amostra ARQ-OBD-013. A) visão frontal; e b) visão inversa da peça.	89
Figura 24 - Fragmento zoomórfico, com técnica de incisão e ponteamto da amostra ARQ-OBD-16.	90
Figura 25 - Fragmento Zoomórfico, da fase pocó. Apresenta técnica de incisão e ponteamto da amostra ARQ-OBD-17.	90

Figura 26 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão, aplicação e ponteadado da amostra ARQ-OBD-18. A) visão frontal; e b) visão externa da peça.....	91
Figura 27 - Fragmento, de incisão da amostra ARQ-OBD-19.	91
Figura 28 - Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação, incisão e ponteadado da amostra ARQ-OBD-020. A) visão frontal; e b) visão externa da peça.....	92
Figura 29 - Gráfico com a percentagem das formas dos fragmentos.....	93
Figura 30 - Gráfico ilustrando a porcentagem das representações iconográficas das peças analisadas.....	94
Figura 31 - Gráfico apresentando a porcentagem da técnica de fabricação de cerâmica konduri.	95
Figura 32 – Difratoograma de raio-x da massa cerâmicas dos fragmentos arq-obd-(01,03,07,10, 13, 14, e 18). C= coríndon; k= caulinita; q=quartzo; e il= ilita.....	96
Figura 33 – Padrão drx das amostras ARQ-OBD-05, ARQ-OBD-15 E ARQ-17.....	96
Figura 34 – Dendograma indicando as amostras agrupadas em clusters.....	96
Figura 35 – Micrografias do fragmento cerâmico arq-obd-03, obtidas por mev com aumento de 500 µm. Apresentando a matriz argilosa, com grãos aglomerados e desordenados, e alguns arredondados.	96
Figura 36 – Micrografias do fragmento cerâmico ARQ-OBD-03, obtidas por mev com aumento de 100 µm. A) matriz argilosa com grãos de quartzo angulosos e arredondados da amostra ARQ-OBD-05; b) matriz argilosa com grãos de quartzo angulosos e arredondados da amostra ar.....	96
Figura 37 – Micrografias do fragmento cerâmico arq-obd-03-05-20-13 respectivamente, obtidas por mev. A) cauxi envolvido numa matriz argilosa; b) cauxi próximo ao cariapé. C) cauxi e cariapé, sobreposto a matriz argilosa com alguns grãos de quartzo. D) cariapé.....	96
Figura 38 – Micrografias do fragmento cerâmico, arq-obd-12 obtidas por mev. Apresentando cauxi bem vivíveis.	96
Figura 39 – Micrografias do fragmento cerâmico e tabelas ARQ-OBD-03 (a) e ARQ-OBD-12 (b), obtidas por mev-eds., com análises semiquantitativas apresentando o peso dos elementos químicos nas análises pontuais com o eds.....	96
Figura 40 – Micrografias do fragmento cerâmico e tabelas arq-obd-07 (a) e arq-obd-20 (b), obtidas por mev-eds., com análises semiquantitativas apresentando o peso dos elementos químicos nas análises pontuais com o eds.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	16
HISTÓRIAS, CULTURA E SOCIEDADE INDÍGENA.....	16
1.1 Sociedades Indígenas nas Américas.....	19
1.2 Sociedades Indígenas no Brasil e na Amazônia.....	32
1.3 Sociedade Indígenas no Baixo Amazonas no Período Pré-Colombiano.....	39
CAPÍTULO II.....	57
PRESENÇA KONDURI NA REGIÃO AMAZÔNICA: APROIMAÇÕES E DISCUSSÕES HISTÓRICAS.....	57
2.1 Localização do Grupo Indígena Konduri e Denominação étnica.....	57
2.2 Organização Social, Sistema cultural e o cotidiano dos Konduris.....	60
2.3 Cerâmica Konduri na Perspectiva de Registro de Memória.....	61
CAPÍTULO III.....	64
A GEOARQUEOLOGIA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA E BASE FUNDANTE DA HISTÓRIA DOS KONDURI NO BAIXO AMAZONAS.....	64
3.1 Técnicas Físicas em Fragmentos Cerâmicos.....	66
3.1.1 Nota explicativa de Difração de Raio-X (DRX) e Micrografia Eletrônica de Varredura (MEV).....	67
3.2 Matéria-prima das Cerâmicas e a interpretações Geoarqueológicas....	70
3.2.1 Argila como matéria-prima Konduri.....	71
3.2.2 Cauxi como matéria-prima Konduri.....	72
3.3 Dos procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	74
3.3.1 Caracterização da Área do Estudo.....	75
3.3.2 Materiais e Métodos.....	78
3.3.3 Análise Mineralógica e Microestruturas de Composição Química.....	81
3.4 Resultados e Discussões.....	82
3.4.1 Carcterização Estilística.....	82
3.4.2 Análise de DRX.....	96
3.4.3 Análise por meio da Microcopia Eletrônica de Varredura (MEV).....	99
CAPÍTULO IV.....	106

PONDERAÇÕES INTERDISCIPLINARES ACERCA DOS RESULTADOS..	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE I – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-01.....	119
APÊNDICE II – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-03.....	120
APÊNDICE III – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-05.....	121
APÊNDICE IV – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-07.....	122
APÊNDICE V – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-12.....	123
APÊNDICE VI – MICROGRAFIAS E TABELAS MEV-EDS, AMORTRA ARQ-OBD-20.....	124
APÊNDICE VII – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-01.....	125
APÊNDICE VIII – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-03.....	126
APÊNDICE IX – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-05.....	127
APÊNDICE X – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-07.....	128
APÊNDICE XII – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-12.....	129
APÊNDICE XII – MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS AMOSTRA ARQ-OBD-20.....	130

INTRODUÇÃO

A extinção de várias etnias indígenas no Brasil, com destaque àquelas que ocupavam a Amazônia, levanta diversas preocupações, dentre elas a perda da memória, história e cultura dessas populações, principalmente no que diz respeito à espacialidade e à construção social, que são perdidos quando essas sociedades desaparecem. O grupo Kunduri, que esteve presente expressivamente na região de Óbidos, Oriximiná, Faro e Trombetas entre os séculos V e XVIII é um dos exemplos dessa matriz cultural perdida no tempo e no espaço, restando apenas deduções e vestígios cerâmicos que contam sua materialidade na Região do Baixo Amazonas.

A valorização cultural, bem como o resgate e conservação da memória de grupos étnicos da Amazônia são essências para entendermos a construções social e ideológica dos antepassados que viveram nessa região, bem como compreender as suas relações de sobrevivência, territorialidade e fonte de matéria-prima para a perpetuação da sua cultura. Nesse sentido, a presente pesquisa diz respeito à importância de se fazer pesquisas interdisciplinares sobre populações indígenas presentes na Amazônia antes da colonização europeia, discutindo a questão da cultura na região como patrimônio histórico cultural, deixado como legado diverso e rico em símbolos que foram fontes na constituição da identidade da população amazônica.

De viés interdisciplinar, pede-se que a leitura seja feita sob uma perspectiva dialógica entre áreas de conhecimento para que se tenha um olhar aguçado em perspectiva sobre o objeto investigado. Assim se fazendo, notar-se-á que a estrutura de nossa pesquisa implicou na integração de diversas informações organizadas que incluem estudos bibliográficos e documentais para fins de fundamentação teórica, além de procedimentos metodológicos de coleta em campo de informações com rigor metodológico que nos permitisse responder a questão científica que propomos responder e em possíveis respostas, ou seja, *resíduos cerâmicos podem servir de material que possibilita a identificação das condições históricas e geoarqueológicas da região do Arapucu do Baixo Amazonas e o reconhecimento local como Território Konduri?*

Alcançar uma resposta à questão científica é alcançar as linhas gerais de nossos objetivos, que são o de investigar a formação cultural e identitária dos

Konduris da Amazônia a partir de registros e análises geoarqueológicas de objetos cerâmicos da região do Baixo Amazonas; registrar e Identificar por meio de documentos a etnia Konduri, população da Amazônia pretérita que possivelmente habitou a região do Arapucu, na microrregião de Óbidos, na região do Baixo Amazonas; averiguar por meio de estudos geoquímicos e geoarqueológicos datações de material cerâmico e outros tipos para analisar o modo de vida artesanal da referida comunidade indígena pesquisada; gerar delineamentos possíveis das condições naturais e territoriais presentes na Amazônia durante a existência dos autores dos materiais coletados e investigados; e verificar possíveis relações entre o território georreferencial Konduri e possíveis condições socioeconômicas e culturais a partir dos tipos de artefatos investigados.

De maneira didática, nossa dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo propõe-se a contextualizar, numa perspectiva histórica e geológica, as sociedades pré-coloniais, apresentando uma síntese da origem dos primeiros habitantes que se estabeleceram nas Américas, por meio de uma discussão interdisciplinar. Em seguida, faz apontamentos sobre as sociedades indígenas no Brasil, Amazônia e por último na região do Baixo Amazonas.

O segundo capítulo, apresenta uma revisão bibliográfica sobre o contexto histórico do povo indígena Konduri, enfatizando a localidade de suas habitações, inferências de sua organização e por último, qualificando de acordo com autores a cerâmica Konduri. A discussão considera as crônicas dos Expedicionários Carvajal e Acuña sobre a região do Baixo Amazonas e o encontro conflituoso com os indígenas da região, ainda no período da colonização.

No terceiro capítulo, expomos a composição interdisciplinar das ciências que estudam cerâmicas com emprego de técnicas da ciência exata, a geoarqueologia, desenvolvendo uma discussão justificadora do fator interdisciplinar nas geociências como método analítico à arqueologia, e expondo a importância e os benefícios da utilização das técnicas geoarqueológicas nos estudos antropológicos e culturais sobre populações pretéritas. São expostos também, alguns trabalhos aplicados no Brasil e na Amazônia. Além disso, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados na análise das peças cerâmicas Konduri.

Finalmente no quarto capítulo, fazemos uma síntese das pesquisas em campo, tecendo ponderações interdisciplinares para que as considerações finais de nossa dissertação sejam apreendidas pelo leitor como um resultado que, longe de ser uma conclusão, se propõe a ampliar o leque dos acalorados debates sobre a sistematização dos mapas antropológicos a respeito da Amazônia, desta vez dialogando não somente com a historiografia e a arqueologia, como também com a literatura cronista e com a geociências.

Ao final, em nossas considerações, apresentamos respostas diversas para nossa fundamental indagação que nos propomos responder a partir do reconhecimento da ocorrência do fenômeno objeto de nossa pesquisa. Esperamos que neste formato, a dissertação esteja didaticamente organizada de modo que o leitor consiga obter um olhar cognitivo, crítico e valorativo de nossa dissertação.

CAPÍTULO I

HISTÓRIAS, CULTURAS E SOCIEDADES INDÍGENAS

A organização das sociedades indígenas nas Américas, e especial no Brasil pré-colonial, principalmente na região amazônica, é uma lacuna cujo preenchimento tem sido feito à base de acirradas discussões por parte de vários estudiosos (CARDIM, 1583 [1925]; SOUSA, 1587 [1879]; VASCONCELLOS, 1663 [1865]; SAMPAIO, 1901; REIS, 1906; ROOSEVELT, 1996; GAPINDAIA, 1993 e 2008; FASTO, 1996; GOMES, 2002; PROUS, 2006; NEVES e PILÔ, 2008) que ressaltam a importância de se entender as condições históricas e a ancestralidade dos habitantes que viveram no amplo espaço terrestre no hemisfério sul que os colonizadores denominaram de Novo Mundo. É fato que as investigações neste sentido têm aumentado vertiginosamente, pois compreender arranjos culturais e sociais das populações originárias da região Amazônica implica desvendar sócio e culturalmente como as relações entre os indígenas ocorriam na região, além de nos permitir atestar ou não possíveis elos culturais entre as populações indígenas originárias com as atuais, entender em que nível de complexidade social se enquadrava os índios da Amazônia, além de poder descrever possíveis formas de relação dos povos originários com a natureza.

Mas como investigar populações Amazônicas levando em consideração a ausência ou incipiência de registros no amplo território das Américas e no contexto particular da Amazônia, sobretudo quando se trata de populações já extintas? Ora, as origens dos primeiros habitantes ao sul do continente americano são ainda objeto de grandes e calorosos debates entre estudiosos e pesquisadores, principalmente no que se refere ao estabelecimento territorial, considerando a procedência ancestral e fatores que favoreceram a permanência dos grupos étnicos nas terras do hemisfério sul.

Diante disso, há três questões básicas, que procuraremos responder no sentido de propor uma compreensão sensata sobre a introdução do ser humano nessa região, sua organização coletiva e seu desenvolvimento até alcançar estruturas complexas, principalmente na região que atualmente conhecemos como Brasil. Há, pois uma questão de compreensão geral, referente a *quando foram estabelecidas as primeiras populações nas Américas*; questão de

compreensão da região norte do continente sul-americano, a saber: *como essas sociedades se organizavam?* E uma questão voltada especificamente para a região amazônica: *qual a densidade populacional existente na região amazônica antes da chegada dos europeus?*

Certamente que as respostas a essas questões ainda serão bastante provisórias, visto não serem possíveis respostas definitivas sobre questões tão subjetivas como as propostas. Entretanto, as digressões no presente capítulo servirão de conhecimento provisório o mais aproximado possível da realidade da época, para que possamos ter um escopo mais elaborado sobre nossa proposta investigativa. É nesse contexto, que geramos esforços interdisciplinares de pesquisa para a compreensão contextualizada da vida social e cultural de povos indígenas originários que habitaram a região do Baixo Amazonas às margens dos rios Amazonas, Trombetas e Nhamundá, por meio de análises étnico-históricas, antropológicas, geoarqueológicas e geoquímicas dos artefatos por eles produzidos. Não se pode negar que os relatos elaborados por viajantes colonizadores, expedicionários e cientistas são os principais documentos e fontes primárias a respeito da história da região amazônica, e contribuem consideravelmente com os estudos amazônicos, pois não há registro algum de que os povos indígenas da América portuguesa desenvolveram a escrita e o registro de sua história.

Por isso, a pesquisa sobre a Amazônia pretérita numa perspectiva interdisciplinar nos ajuda com mais propriedade a entender o processo de construção social e cultural dos povos indígenas na Amazônia, recompondo informações de cronistas, rejeitando certas afirmações suas, ou ainda ampliando o espectro de informações na ausência de materialidade o suficiente para compreensão mais apurada dos acontecimentos de época nas Américas, na sociedade brasileira e na Amazônia, desde o início da colonização.

As crônicas expedicionárias foram os primeiros relatos divulgadores de registros dos povos que existiam na Amazônia, apresentando informações fundamentais para compreensão da organização indígena desde o período de chegada dos europeus, mesmo que boa parte das vezes se note explícitas impressões parciais, preconceituosas, fantasiosas ou mesmo grotescas da realidade, ou com uma acentuada visão eurocêntrica de apresentar os povos originários como selvagens, mas dispostos a se defenderem porque eram

“*sujetos y tributários a las Amazonas*” (CARVAJAL, 1542, p. 18). Não é por acaso que uma das mais emblemáticas distorções da história das primeiras sociedades Amazônicas, presentes nesses registros, é a descrição de uma população selvagem, não necessariamente silvícola, vivendo às margens de rios em meio a uma floresta tropical, distante de qualquer ideia de “civilidade” que tinha nos europeus, daquela época, o modelo exemplar.

Uma leitura apurada de tais crônicas leva-nos a apresentar que as percepções expedicionárias sobre os índios eram as de que esses povos tinham um comportamento selvagem e em completo desacordo com os padrões europeus. Essa visão eurocêntrica de cultura ganha *status* universais a partir da proposta conceitual de Edward Burnett Tylor (1832-1917), fundada no espírito da *Ilustração* e atrelada a um processo geral de progresso intelectual, espiritual e material. Eagleton afirma que essa concepção de cultura pertencia “*ao espírito geral do iluminismo, com culto do autodesenvolvimento secular e progressivo*” (EAGLETON, 2005, p. 19). A assertiva é de que alinhada ao pensamento europeu de progresso estaria a ideia de cultura condicionada a uma educação refinada e erudita, ou seja, ser civilizado, nesse aspecto, seria estar de acordo com modelos de bons costumes e comportamentos regidos sob a égide da moralidade ocidental, regra fundamental para gradativamente alcançar o progresso.

Ainda assim, o que apresentamos é uma parcela do estágio em que se encontram tais pesquisas sobre o passado das Américas, mais especificamente, da região que desde o século XVI passou a ser chamada de Amazônia, segundo as crônicas de Carvajal (1542). Estamos cientes de que as teorias que permitem um entendimento plausível de populações originárias, desaparecidas ou não nas Américas, são bastante complexas, pois evidências que embasam suposições e interpretações postulares são produtos de criação do indivíduo pretérito ou mesmo seus próprios vestígios, preservados por estratos rochosos que na maioria das vezes não estão expostos, que propõem, olhares diversos e até mesmo divergentes dos registros documentais e relatos de expedicionários e colonizadores europeus que tiveram contato com as populações locais.

Logo, desmistificar essas visões é, pois, um processo de *desinvenção da história*. As obras cronistas e descritivas de expedicionários colonizadores, entre os séculos XVI e XIX revelam um tipo de sociedade que, quando confrontado

com literaturas dos séculos XIX e XX, bem como com estudos e pesquisas sobre a região nos últimos dois séculos, demonstram o grau de colonização da região, bem como nos permite ter possibilidades de atuar na desinvenção da história da Amazônia, talvez concebendo uma história nova que adiante deverá ser revisada para também ser desinventada.

1.1 Sociedades Indígenas nas Américas

As mais recorrentes hipóteses presentes na arqueologia sobre o indivíduo antigo estão baseadas em estudos de artefatos que, nos termos conceituais de Trigger (2004), representam ocorrência que exhibe atributo físico que possa ser considerado como resultante da atividade humana. Além dos estudos de artefatos, são feitas pesquisas e análises dedutivas e indutivas sobre processos naturais que preservaram restos, vestígios e sedimentações que, por sua vez, servem de fontes confiáveis em hermenêuticas que permitam reconstituições possíveis da vida das sociedades pretéritas, pois tais elementos fornecem informações bastante precisas de uma época uma vez que,

Os ossos humanos informam sobre idade, sexo, características físicas tanto individuais quanto diagnósticas de tipo de população (evita-se o termo raça), postura frequente e tipos de esforços mecânicos, doenças e alimentação. Os restos de animais pequenos fornecem dados sobre o ambiente local (umidade, temperatura); os de animais caçadores sobre a escolha e os hábitos de preparo alimentar. Os vegetais (raramente preservados) evidenciam as técnicas de coleta e/ou de cultivo, e as modificações genéticas sob domesticação. (PROUS, 2006, p. 13).

Dadas essas condições teóricas, podemos encaminhar discussões que permitam resposta às perguntas sobre o estabelecimento das primeiras populações nas Américas, como elas se organizavam, sua densidade populacional antes da chegada dos europeus; considerando fatores condicionantes como é o caso das inúmeras variações climáticas e ambientais da Terra ao longo do tempo, até o estabelecimento de uma atmosfera adequada à sobrevivência e à resistência do ser humano. De acordo com Funari e Noeli (2009), pesquisas e informações genéticas e paleontológicas apontam que a origem dos primeiros indivíduos foi constituída na África, há pelo menos três milhões de anos atrás.

Coube ao anatomista e paleontólogo australiano Raymond Dart a descoberta e a descrição no ano de 1924 de uma nova espécie de homínídeo, o *Australopithecus Africanus*, a partir de um crânio fossilizado encontrado em Taung, um lugarejo de *Bechuanaland Protectorat*, pertencente à África do Sul, até 1966, quando passou a se chamar Botswana por ocasião de sua independência. Segundo Klein, Dart fora à *University of the Witwatersrand*, em Joanesburgo, para lecionar anatomia no curso de medicina,

Como tinha um interesse profundo e permanente pela evolução, encorajava seus alunos a trazerem fósseis para um museu do departamento em que trabalhava. Em 1924, um estudante mostrou-lhe um fóssil de crânio de babuíno de uma caverna descoberta numa pedreira de cal em Taung, mais ou menos 320 km a sudoeste de Joanesburgo. Dart obteve posteriormente dois caixotes de sedimentos contendo fósseis da mesma caverna ou de outra próxima. O sedimento era uma mistura de areia e osso, aglutinada por uma cola viscosa dentro de um tipo de rocha conhecido como *breccia*. Quando abriu os caixotes, viu blocos de *breccia* que continham numerosos fósseis de babuíno. Mas, para seu assombro e deleite, um bloco também tinha uma moldagem natural da parte interna do crânio de um primata mais avançado. A moldagem era constituída de cal presente na água que outrora enchera o crânio, e a réplica combinava com uma depressão existente num segundo bloco de *breccia*. Quando Dart examinou o interior da depressão, pôde ver restos de ossos. Trabalhando com um martelo, uma talhadeira e agulhas de tricô afiadas, Dart partiu para liberar o osso de sua prisão de *breccia*. Após algumas semanas expôs o rosto e as partes adjacentes do crânio de uma criatura jovem, com aparência de macaco. (KLEIN, 2005, p. 26)

Nesse momento era descoberto um fóssil denominado por Dart de *Australopithecus Africanus* (*Lat.: australis* "do sul"; *Gr.: pithekos* "macaco"; *Lat.: Africanus* "Africano"), com base no "crânio Infantil de Taung", com datação aproximada entre 2,5 e 2,9 milhões de anos, é considerado por bom tempo o ancestral direto do gênero *Homo Erectus*.

No ano de 1972, a equipe do International Research Expedition Afar (IARE), liderada pelo geólogo francês Maurice Taieb, descobriu a Formação Hadar¹, na Etiópia, e convidou para se juntar à equipe o antropólogo americano Donald Johanson, fundador e diretor do *Institute of Human Origins*, afiliado à instituição *Arizona State University*, a arqueóloga britânica Mary Douglas Leakey, e o paleontólogo francês Yves Coppens, que atualmente é pesquisador

¹ Hadar, que em Amárica [Etiópe] é Adda Da'ar, é uma vila etíope situada no Vale do Awash, extremo sul do Triângulo de Afar, local onde ocorre a Depressão de Afar, resultante da tripla junção tectônica, que também serve de divisão territorial entre Eritreia, Etiópia e Djibouti, e onde ocorre a ascendência de sua crista formando o Mar Vermelho e o Golfo de Aden, onde se localiza o Vale do Rift.

do *Collège de France*. No ano de 1973, a equipe explorou o campo de Hadar, na região do Vale do Awash em busca sedimentos fossilizados e artefatos que pudessem apresentar dados novos sobre a origem dos seres humanos. Embora Johanson tenha reconhecido um fóssil da extremidade superior da tíbia como sendo parte junto ao ângulo da articulação do joelho de um hominídeo que andava ereto, o fato marcante ocorreu em novembro de 1974, nas proximidades do rio Awash, quando Johanson se juntou ao aluno de pós-graduação, Tom Gray, do Texas, para buscar por fósseis de ossos.

Na ocasião, um fragmento de osso do braço que estava à mostra chamou a atenção de Johanson e Gray, que de imediato começaram a escavar nas adjacências do fragmento, encontrando no local a parte de trás de um crânio pequeno, uma parte do fêmur, vértebras, parte da pélvis (indicativo do sexo feminino do fóssil), costelas e pedaços de mandíbula. Nomeado de fóssil "AL 288-1", ganhou apelido de *Lucy*, por conta da canção dos *Beatles*, "Lucy in the Sky with Diamonds", tema musical do acampamento da equipe. A *Lucy*², ou *Dinknesh*, passou então a compor a história do gênero *Homo*, e recebeu o nome científico de *Australopithecus Afarensis* (Lat.: de Afar, na Etiópia), em homenagem à região onde o fóssil fora encontrado (KLEIN, 2005).

Essas descobertas paleontológicas são a continuidade de um grande processo científico de compreensão das origens das espécies, proposta ainda no século XIX, por Charles Darwin (1809-1882), em sua obra *A Origem das Espécies*³ (1859). Segundo Darwin, a criação do indivíduo em ambiente hostil se deu por meio de sua evolução a partir do *homo primata*, com ancestralidade ligada a categorias paleoantropológicas como a dos hominídeos: *australopithecus africanus* e o *Australopithecus Afarensis*; e como a dos homo: *homo habilis*, *homo ergaster* e *homo erectus*, *homo neanderthalensis*, até alcançar o estágio *homo sapiens sapiens*, sendo cada categoria identificada por sua habilidade particular na luta por sobrevivência, ora em sua *conditione archaeologica*, ora em sua *conditione anthropologica*. Paulino sugere que,

² Embora o nome *Lucy* tenha sido dado por Johanson e Gray em homenagem à música dos Beatles, a direção do Museu Nacional Etíope colocou em seu saguão uma réplica da Lucy se intitulando *Dinknesh*, que significa "você é maravilhoso" em amárico.

³ O livro em sua primeira edição (1859) recebeu o título inglês de *On the Origin of Species* [Da Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural ou a Preservação de Raças Favorecidas na Luta pela Vida]. Somente na sua sexta edição (1872), é que o título foi abreviado para *The Origin of Species* (A Origem das Espécies), como é de conhecimento de todos nos dias de hoje.

A Teoria Evolucionista descreve o início do progresso humano quando este salta de uma estrutura quadrúpede para uma estrutura bípede. Temos então o *homo erectus*, capaz de andar e explorar territórios. Surge em seguida o ser que toma consciência de sua própria estrutura pensante, de sua capacidade racional e do seu potencial para conhecer. A ele, foi dada a denominação de *homo sapiens*. Junta-se a essas categorias a que define o ser humano como ser capaz de fazer acontecer as coisas através de suas habilidades, tais como o progresso tecnológico. O filósofo Henrique Bergson o chama de *homo faber*, uma categoria surgida a partir da aceitação conceitual do *homo habilis*. O *homo laborans* de Karl Marx, o *homo ludens* de Joahn Huizinga, o *homo politicus* de Aristóteles e o *homo loquax* de Ludwig Wittgenstein, são outras formas conceituais para definir antropologicamente o ser humano (PAULINO, 2004).

Embora haja diversas categorias antropológicas, conforme apresenta autor, para definir o mais próximo possível identidades evolutivas do ser humano, conformando o conceito ao contexto existencial, acreditamos que é no *homo sapiens* onde ocorrem de fato condições e capacidades racionais, ainda que limitadas, para o desenvolvimento humano coletivo e individual (NEVES; PELÔ, 2008). O *homo sapiens*, que deriva do latim "homem sábio", é um primata bípede do gênero *Homo*, que surgiu há aproximadamente 350 mil anos, na região leste da África, e se espalhou para o leste do Mediterrâneo, entre 100 mil e 60 mil anos atrás, e desde essa região para a Europa e a América.

Mas, como teria o *homo sapiens* alcançado a América tanto do Norte quanto do Sul, antes mesmo de tomarmos consciência histórica de técnicas marítimas se os primeiros grupos humanos viviam continentes separados por imensos oceanos como o Pacífico e o Atlântico? A resposta é que para ocorrer as migrações até as Américas seria preciso ambiente que ligasse as grandes massas continentais. Essa concepção já fora defendida há séculos por vários pensadores, entre eles o padre jesuíta, historiador e cosmógrafo José de Acosta que no ano de 1590 desenvolveu uma teoria da Travessia do Estreito na obra *História Natural y Moral de las Indias* (1590). Afirma Acosta,

/.../ Agora é hora de responder àqueles que dizem que não há antípodas e que não se pode habitar esta região em que vivemos. A imensidão do oceano provocou grande espanto em Santo Agostinho ao pensar que a linhagem humana havia passado para este Novo Mundo. E então, por um lado, sabemos com certeza que há muitos séculos que existem homens nessas partes, e, por outro, não podemos negar o que as escrituras divinas claramente ensinam - se todos os homens procederam de um primeiro homem -, estamos sem dúvida

alguma obrigados a confessar que homens chegaram aqui vindos Europa, da Ásia ou da África; mas ainda nos perguntamos e queremos saber como e por qual caminho vieram. Não é correto pensar que havia outra arca de Noé a trazer homens para as Índias.

/.../ Mas, na verdade, sou de opinião muito diferente e não consigo me convencer de que os primeiros índios chegaram a este Novo Mundo por meio de uma navegação ordenada e proposital, nem quero afirmar que os antigos tenham conseguido navegar na forma como nos dias de hoje os homens navegam pelo mar do oceano, de um lugar para outro que desejarem - o que fazem com incrível velocidade e certeza - por causa de uma coisa tão grande e notável que não encontro vestígios em toda a antiguidade. O uso da pedra imã e da agulha de direção, nem a encontrou os antigos nem creio que sequer tinham notícias dela: e, tendo retirado o conhecimento da agulha de direção, fica claro que é impossível passar pelo oceano.

/.../ Portanto, não há razão em contrário nem experiência que desfaça minha imaginação, ou opinião, de que toda a Terra se reúne e continua em algum lugar; pelo menos fica muito perto. Se isso é verdade, como de fato me parece, nos parece que há uma resposta fácil para a dúvida que propusemos sobre como os primeiros colonos passaram para as Índias: porque é preciso dizer que eles passaram, não necessariamente navegando pelo mar, mas andando em terra. Eles fizeram esse caminho sem pensar, movendo aos poucos de lugares e terras. Alguns povoavam os lugares já foram encontrados, e outros que procuravam novos lugares, chegaram com o tempo de se falar de terras das Índias de tantas nações, povos e idiomas. (ACOSTA, 1590 [2008], pp, 30,31 e 37).⁴

Embora o pensador tenha se baseado na bíblica ideia judaico-cristã de que todos os humanos descendem de Adão e Eva, sua intuição propositiva sobre a travessia no polo sul ou norte *andando por terra* de pessoas para justificar a presença humana em terras do Novo Mundo tem um fundamento lógico bastante plausível. Essa ideia parece se confirmar por estudos mais avançados da cosmologia e da geologia desde o século passado, pois teorias desde essa época apontam que as últimas glaciações manifestadas no Pleistoceno⁵ foram o

⁴ Tradução livre para: “/.../ Ahora es tiempo de responder a los que dicen que no hay antípodas, y que no se puede habitar esta región en que vivimos. Gran espanto le puso a san Agustín la inmensidad del Océano para pensar que el linaje humano hubiese pasado a este Nuevo Mundo. Y pues, por una parte sabemos de cierto que ha muchos siglos que hay hombres en estas partes, y por otra no podemos negar lo que la divina escritura claramente enseña —de haber procedido todos los hombres de un primer hombre—, quedamos sin duda obligados a confesar que pasaron acá los hombres de allá de Europa, o de Asia o de África; pero el cómo y por qué camino vinieron todavía lo inquirimos y deseamos saber. Ciertamente no es de pensar que hubo otra arca de Noé en que aportasen hombres a Indias. /.../ Mas, diciendo verdad, yo estoy de muy diferente opinión y no me puedo persuadir que hayan venido los primeros indios a este Nuevo Mundo por navegación ordenada y hecha de propósito, ni aún quiero conceder que los antiguos hayan alcanzado la destreza de navegar con que hoy día los hombres pasan el mar Océano, de cualquiera parte a cualquiera otra que se les antoja —lo cual hacen con increíble presteza y certinidad— pues de cosa tan grande y tan notable no hallo rastros en toda la antigüedad. El uso de la piedra imán y de la aguja de marear, ni la topo yo en los antiguos ni aun creo que tuvieron noticia della: y, quitado el conocimiento de la aguja de marear, bien se ve que es imposible pasar el Océano. /.../ Así que ni hay razón en contrario ni experiencia que deshaga mi imaginación, u opinión, de que toda la tierra se junta y continúa en alguna parte; a lo menos se allega mucho. Si esto es verdad, como en efecto me lo parece, fácil respuesta tiene la duda tan difícil que habíamos propuesto cómo pasaron a las Indias los primeros pobladores della: porque se ha de decir que pasaron, no tanto navegando por mar como caminando por tierra. Y ese camino lo hicieron muy sin pensar, mudando sitios y tierras poco a poco. Y unos poblando las ya halladas, otros buscando otras de nuevo, vinieron por discurso de tiempo a henchir las tierras de Indias de tantas naciones y gentes y lenguas.

⁵ No tempo geológico, o pleistoceno é caracterizado como parte da grande área da geologia do quaternário, tida como período de maior intensificação de atividades humanas, bem como evidências que justificam o argumento de povoação dos continentes nessa época. O Pleistoceno termina com o recuo da última glaciação, há cerca de doze mil anos (10 mil a. C.), dando lugar ao período do Holoceno ou atual.

cenário que possibilitou a migração de pequenos grupos para outros continentes, por meio de conexões, que o gelo permitiu. No caso das Américas, a glaciação proporcionou um grande corredor entre o Oceano Pacífico e o Oceano Ártico. Neves e Pilô bem como Funare e Noelli concordam que o Estreito de Beringia ou *Bering*⁶ tenha sido o local apropriado para a grande travessia do oriente para o ocidente. Eles esclarecem que,

.../ Sibéria e o Alasca, no estreito de Bering, em momentos em que o mar estava muito mais baixo que atualmente, unindo os dois continentes. Após a entrada deles para o Sul teria se dado na opinião dos clovistas, pelo interior da América do Norte, através de um suposto corredor livre de gelo (NEVES; PILÓ, 2008; p. 68).

.../ No início do século XX, estabeleceu-se uma visão predominante de que o homem chegou à América, por meio da transposição do estreito de Bering, em algum dos três últimos períodos de glaciação (40 mil, 25 mil, 14-9 mil AP) (FUNARE; NOELLI, 2009, p. 30).

Evidências arqueológicas nas Américas apontam que as glaciações foram essenciais ao estabelecimento de conexões, e coincidem com a dispersão de pessoas no território das Américas, pois diversos sítios com artefatos nessa região marcam presença humana e remontam a datas anteriores ao Holoceno (MELATTI, 2007, p. 18). Por isso, propõe-se que esse foi o ambiente ideal para que não houvesse o comprometimento da vida humana, no período Holoceno, posterior ao Pleistoceno, e que fosse ideal à sobrevivência humana nas condições enfrentadas por quem migrou de continente a continente, fato que teóricos norte-americanos apontam ter ocorrido por volta de 13 mil anos atrás.

A teoria afirma que a migração só foi possível por conta de recessão das águas oceânicas e seu congelamento, que provocaram e formaram barreira no Estreito de Bering, que se tornou uma provisória ponte natural para essa travessia, e desde então grupos primitivos atravessaram o estreito, povoando o norte do continente; de onde partiram para cruzar o Istmo do Panamá, e chegar ao sul do continente há 10 mil anos. Funari e Noelli comentam sobre essa questão,

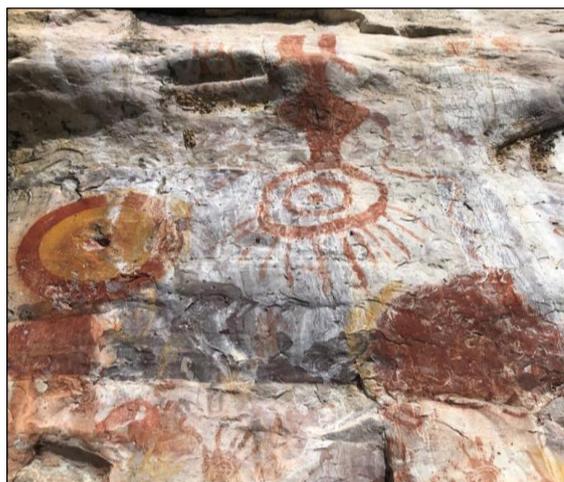
Verificaremos que a maioria provém de savanas e regiões temperadas, o que indica, segundo alguns, que o *Homo sapiens sapiens* só conseguiu se adaptar a vida em clima tropical muito recentemente. As evidências arqueológicas proveniente de áreas tropicais anteriores a

⁶ Situado numa parcela do Globo que liga os oceanos Pacífico e Ártico, o Estreito é uma faixa de água com distância entre margem de cerca de 82 quilômetros no seu ponto mais estreito, entre o cabo Dezhnev (Rússia), ponto extremo oriental do continente asiático, e o cabo Príncipe de Gales no Alasca (Estados Unidos), ponto extremo ocidental do continente americano, com profundidade de 30 a 50 metros. O estreito foi batizado de *Bering* por causa do explorador russo-dinamarquês Vitus Jonassen Bering, que atravessou o estreito em 1728 da Rússia para os Estados Unidos.

12 mil anos demonstram que houve uma expansão colonizadora do homem da África setentrional em direção as zonas temperadas e frias e, daí à América do Norte (FUNARI e NOELLI, 2009, p. 30).

Todavia, a tese da estadunidense Anna Roosevelt contesta a de cientistas norte-americanos quanto à data do povoamento no sul do continente americano. Se por um lado, cientistas norte-americanos apontam que o sul do continente fora povoado somente há 10 ou 11 mil anos atrás, e por pessoas vindas do norte do continente; por outro lado, pesquisas arqueológicas de Anna Roosevelt feitas a partir de escavações em um conjunto de cavernas conhecido como Caverna da Pedra Pintada, nas serras do Ererê e Paytuna, a 45 km da cidade de Monte Alegre, no Pará, permitem afirmar que o estabelecimento de pessoas na região amazônica data de pelo menos 11.200 anos atrás (ROOSEVELT *et alii*, 1996). Seus estudos nessa caverna se deram por sobre pinturas rupestres, e incluíam a datação por radiocarbono das pinturas.

Figura 1 - Pinturas Rupestres da Caverna Pedra Pintada, no município paraense de Monte Alegre



Fonte: Fábio Barbosa/2019.

Figura 2- Pinturas Rupestres da Caverna Pedra Pintada, no município paraense de Monte Alegre.



Fonte: Fábio Barbosa/2019.

Vê-se nas figuras 1 e 2, desenhos de plantas, animais e cenas de parto, e servem de base fundante dos estudos para datação da presença humana na Amazônia, e isto ocorreu segundo Roosevelt pelo menos na mesma época em que viveram os grupos humanos que habitaram o sítio de Clóvis, no Novo México (EUA), considerado até então como o mais antigo vestígio da presença humana no continente americano⁷.

Ainda neste debate há o fato de haver teorias que apontavam por muito tempo as condições climáticas como obstáculos ao desenvolvimento de sociedades complexas nas Américas, gerando compreensões nem sempre realistas sobre o ser humano e as Américas. Tais teorias, na maioria das vezes, apontavam a experiência humana europeia e os fatores climáticos do velho continente como fontes assíduas de representação universal e parâmetro de excelência no comparativo com outras representações até mesmo divergentes ao modelo humano europeu. Neste caso, é importante ressaltar que a maioria das pesquisas, tanto das ciências naturais quanto das áreas de humanidades,

⁷ Pesquisas recentes feitas por cientistas arqueólogos do Museu de História Natural de San Diego têm apontado para possíveis mudanças no cenário de teorias sobre a presença humana no continente americano. De acordo com Judy Gradwohl, presidente do *San Diego Natural History Museum*, uma exploração de um sítio arqueológico situado perto de San Diego, na Califórnia, revelou que uma possível espécie de homínido viveu na América do Norte cerca de 130.000 anos atrás, e não de 13 a 15.000 anos atrás como a ciência arqueológica havia proposto. O que ainda não está evidente é confirmar o achado de ossos de humanos, o que limita bastante a teoria dos pesquisadores do *San Diego Natural History Museum*.

tem considerado como referencial os ambientes que representam a Europa e menosprezam a qualidade ou a validade das pesquisas que consideram ambientes adversos ao europeu como parâmetro válido e sustentável.

Diferentemente, alguns vestígios amazônicos têm apontando o contrário dessas teorias referenciais europeias. As pinturas rupestres de Monte Alegre são um exemplo clarividente de vestígio que retrata um modelo de organização humana diverso ao proposto pela cultura europeia, pois demonstram a qualidade cultural de uma sociedade que domina técnicas de símbolos de comunicação e expressão. Esse contexto nos permite salientar que todas as sociedades desenvolveram formas próprias de organização social e cultural, e que esse tipo de desenvolvimento não torna uma sociedade inferior ou superior em relação a outras, apenas há formas diversificadas de relacionamento entre pessoas, de pessoas com a natureza, de composição identitária coletiva e de organização social, que é bastante claro quando observamos vestígios da organização dos povos originários andinos e da região conhecida hoje como Amazônia, bem como os diversos modelos europeus, ou mesmo africanos ou até asiáticos e da Oceania encontrados nessa região principalmente a partir do século XV.

Se considerarmos a ideia de modelos culturais superiores e inferiores, de civilizações protagonistas da evolução e civilizações marginais à ela nos depararemos com uma estratificação social eurocêntrica, apregoada de forma mais contundente no século XIX por diversos teóricos europeus, entre eles o antropólogo Edward Burnett Tylor, que em 1871, escrevera a obra *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*, para defender a civilização europeia como parâmetro de classificação de estágios da selvageria à civilidade:

É de conhecimento principalmente o saber, a arte e os costumes, e de fato apenas um conhecimento muito parcial neste campo, diante da vasta gama de aspectos físicos, políticos, sociais e; considerações éticas, que são deixadas praticamente intocadas. O padrão de avaliação do progresso e do declínio não é o ideal do bem e do mal, mas o movimento ao longo de uma medida linear de grau a grau de selvageria, barbárie e civilização. A tese que eu me atrevo a sustentar, dentro dos limites, é simplesmente isso, que o estado selvagem em alguma medida representa uma condição inicial da humanidade, a partir da qual a cultura superior tem sido gradualmente desenvolvida ou evoluída, por processos ainda em operação regular como

antigamente, e o resultado mostra que, no geral, o progresso prevaleceu sobre a recaída. (TYLOR, 1871, p. 32-33).⁸

Esse pressuposto tylorista congraça o que expedicionários ao longo da Idade Moderna vinham defendendo como lógica colonialista, a de que os povos originários da América do Sul, vivendo adaptados a um clima de natureza tropical, diferentemente das sociedades europeias, eram vistos como selvagens, por não terem conseguido alcançar estágios de refinamento cultural, nos moldes alcançados pelos europeus. Tylor afirma que,

Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é uma matéria apta para o estudo das leis do pensamento e da ação humana. Por outro lado, a uniformidade que impregna tão amplamente a civilização pode ser atribuída, em grande medida, à ação uniforme de causas uniformes; enquanto, por outro lado, suas várias gradações podem ser consideradas como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um dos resultados da história anterior, prestes a fazer sua parte adequada na formação da história do futuro. (TYLOR, 1871, p. 1).⁹

Por isso mesmo, ele próprio, mais adiante em seu texto, esclarece a questão dos estágios de evolução, confirmando que esse processo gradativo pode ser comparado não por configuração corporal, mas por fatores culturais. O autor afirma que,

Para o presente propósito, parece tanto possível como desejável eliminar considerações sobre variedades hereditárias ou raças humanas, e tratar a humanidade como sendo de natureza homogênea, embora colocada em diferentes graus de civilização. Os detalhes do inquérito irão, penso eu, provar que estágios de cultura podem ser comparados sem levar em conta até que ponto tribos, que usam o mesmo implemento, seguem o mesmo costume, ou acreditam no mesmo mito, podem diferir em sua configuração corporal e cor da sua pele e cabelo. (TYLOR, 1871, p. 7).¹⁰

⁸ Tradução livre para *"It takes cognizance principally of knowledge, art, and custom, and indeed only very partial cognizance within this field, the vast range of physical, political, social, and; ethical considerations being left all but untouched. Its standard of reckoning progress and decline is not that of ideal good and evil, but of movement along a measured line from grade to grade of actual savagery, barbarism, and civilization. The thesis which I venture to sustain, within limits, is simply this, that the savage state in some measure represents an early condition of mankind, out of which the higher culture has gradually been developed or evolved, by processes still in regular operation as of old, the result showing that, on the whole, progress has far prevailed over relapse having or not having reporters present."*

⁹ Tradução nossa para: *"Culture or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, morals, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society. The condition of culture among the various societies of mankind, in so far as it is capable of being investigated on general principles, is a subject apt for the study of laws of human thought and action. On the other hand, the uniformity which so largely pervades civilization may be ascribed, in great measure, to the uniform action of uniform causes; while on the other hand its various grades may be regarded as stages of development or evolution, each the outcome of previous history, and about to do its proper part in shaping the history of future."*

¹⁰ Tradução nossa para: *"For the present purpose it appears both possible and desirable to eliminate considerations of hereditary varieties or races of man, and to treat mankind as homogeneous in nature, though placed in different grades"*

A visão tylorista surgiu no mote dos debates na época da *Ilustração* sobre conteúdos culturais. Sobre esse debate, Freud, em seu texto *O mal-estar da Cultura*, argumenta que,

Como se sabe, a cultura humana – me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e eu me recuso a separar cultura (*Kultur*) e civilização (*Civilization*) - mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si, em especial, a divisão dos bens acessíveis (FREUD, 2010, p. 23).

Podemos notar na ponderação freudiana que a concepção de Cultura no século XIX estava ligada à cultura europeia (*Kultur* e *Civilization*), que nos parece ter tido o propósito de uniformização das práticas comportamentais humanas por meio da padronização dos costumes e valores adquiridos em favor do processo civilizatório europeu.

. Nota-se que, apesar do produto comportamental humano transformado em Cultura tenha ocorrido na maioria das vezes de forma natural, a cultura europeia a fazia parecer como algo imposto pelo refinamento educacional, pois somente assim o objetivo de alcançar o limiar de Cultura e Civilização seria considerado. Esse debate é ecoado no século XX, pensadores tomaram posições a favor e ao contrário. Canedo sustenta que:

Há uma diferenciação entre o estado natural do homem, irracional ou selvagem, posto que sem cultura; e a cultura que ele adquire através dos canais de conhecimento e instrução intelectual. Decorre daí a ideia de que as comunidades primitivas poderiam evoluir culturalmente e alcançar o estágio de progresso das nações civilizadas. Este pensamento também deu origem a um dos sentidos mais utilizados em nossos dias, que caracteriza como possuidores de cultura os indivíduos detentores do saber formal. No século XIX, a noção francesa de cultura se ampliaria para uma dimensão coletiva, se aproximando do significado de civilização e, até mesmo, o substituindo. (CANEDO, 2009, p. 2).

Essa constatação justifica as razões pelas quais o conceito de Cultura passou por severas críticas no final do século XIX e ao longo do Século XX.

of civilization. The details of the enquiry will, I think, prove that stages of culture may be compared without taking into account how far tribes who use the same implement, follow the same custom, or believe the same myth, may differ in their bodily configuration and the colour of their skin and hair."

Paulino apresenta alguns nomes importantes que participaram do debate sobre progresso, desenvolvimento, evolução, humanização. Aponta ele,

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e a crítica de que as instituições educativas corrompem o homem e tiram-lhe a liberdade, sendo preciso educar a criança de acordo com a natureza, Immanuel Kant (1724-1804) e a questão do imperativo categórico como normatização moral ou o dever universal a ser cumprido como condição de vida, Auguste Comte (1789-1857) e o uso das leis positivistas como critério de explicação das leis que regem o mundo social, Charles Darwin (1809-1882) e a teoria evolucionista de que a sobrevivência das espécies está intrinsecamente relacionada à seleção natural; Karl Marx (1818-1883) e a crítica ao papel e ao poder do Mercado no estágio civilizatório da humanidade, Friedrich Nietzsche (1844-1900) e a transmutação dos valores para recuperar a unidade ética perdida pela humanidade ao longo da história, Sigmund Freud (1856-1939) e o estudo do equilíbrio das pulsões e dos instintos humanos como condição que permite a sociedade avançar no processo civilizatório, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e o debate sobre o fato de que a única condição para um ser humano estar livre é estando preso à liberdade (PAULINO, 2018, p. 153).

Se considerarmos o debate sobre cultura, não é de se causar estranheza que as culturas do Novo Mundo, no período prévio às conquistas europeias foram tratadas como mundos à parte das culturas nacionais do velho continente. Essa questão se torna ainda mais evidente quando analisamos registros históricos sobre o povoamento das terras do Novo Mundo previamente ao início da colonização europeia. O encontro conflituoso entre os expedicionários europeus e os povos originários não ocorreu sem consequências trágicas para as culturas belicamente inferiores. Na Amazônia brasileira, região que não diferente das outras partes do continente em termos de colonização, a questão também é bastante complexa.

Se considerarmos que a Amazônia não é um lugar ideal para homogeneidades, mas um espaço construído e constituído de vivências das diversas coletividades que nele vivem, urge levar em conta as relações do ser humano com a natureza e, mais ainda, a riqueza cultural imaterial formulada a partir de tal relação. Neste sentido, nossa tese é a de que boa parte da vida de uma pessoa ou de um grupo social na Amazônia é gasta com o intuito de desenvolver formas de apropriação dos mecanismos da natureza e transformá-la para o uso e bem coletivo e individual, ou seja, cada população vivencia a natureza de acordo com o que gerações anteriores repassaram sobre tal ambiente e com o significado que esse ambiente tem para cada comunidade.

Ainda assim, a construção da história – numa perspectiva ainda europeia – dos povos da Amazônia possui lacunas sérias, e asserções que já estão sendo repensadas a partir de registros de novas descobertas arqueológicas e investigações antropológicas e culturais. De fato, estudos mais elaborados da antropologia pós taylorista demonstraram que as sociedades estabelecidas na região andina detinham certas complexidades em sua organização que as faziam diferentes em relação às sociedades de outras regiões do Médio e Baixo Amazonas, e em relação à Europa. Ainda assim, não se pode aceitar como verdade que essas culturas, comparadas às culturas europeias e da Ásia, sejam vistas como inferiores ou superiores pelo fato delas terem processos tecnológicos e técnicas mais avançadas ou mais atrasadas do que culturas vistas como mais refinadas. Aspectos relacionados à cultura são de fato diferentes entre grupos humanos e não devem servir de parâmetro para tornar-se uma sociedade mais graduada que a outra.

Neste aspecto, é importante evidenciar que desde o período da Conquista dos portugueses das terras no Novo Mundo, no século XVI, os grupos humanos originários e os trazidos da África por europeus foram tratados como organizações sem valores culturais significativos que pudessem ser agregados à cultura do colonizador, pois a lógica de dominação do colonizador europeu provocava processos judicativos das culturas não europeias a partir da lógica cultural do velho continente, reconhecendo que o valor de tais culturas teria o grau vinculado às condições delas de oferecer contribuições à cultura europeia. Sobre isso, Paulino comenta que,

Por certo, essa percepção *estreita* de cultura a enquadra na concepção de fenômeno natural cuja realização aparentemente diversa a cada povo resultaria da casualidade de acontecimentos sociais, comportamentos, instituições e processos, e cuja finalização seria a uniformização de toda a humanidade em seu estágio final, padronizando as diversas culturas na lógica da civilização europeia. Não é por acaso que as culturas brasileiras e da América Latina, no período prévio às conquistas europeias foram tratadas como mundos à parte das culturas nacionais do velho continente. Isto se dava por conta da lógica europeia de que somente poderia ser considerada cultura aquela que tivesse em sua estrutura possíveis contribuições ao processo civilizatório europeu, como por exemplo, modos de alimentação, formas de vestimenta e técnicas e tecnologias de trabalho, e se enquadrasse na lógica dos conceitos de *Civilisation* [realizações materiais] e *Kultur* [aspectos espirituais] de um povo. (PAULINO, 2018, 154).

Ora, se concordamos com a tese de que a cultura é uma dimensão fundamental no processo formativo de uma sociedade, visto que ela diz respeito a todo e qualquer aspecto da vida social (SANTOS, 1983), então é necessário fazermos a crítica e assumir que a desqualificação feita pelo colonizador português das manifestações culturais diversas das sociedades indígenas e africanas no Brasil é uma proposta que pode ser tipificada como eurocêntrica, pois defende que trejeitos sociais e culturais europeus sejam elementos fundamentais e paramétricos na constituição das sociedades modernas, e que por isso as sociedades do velho continente deveriam ser necessariamente protagonistas da história da humanidade.

Por isso, cabe esclarecer que julgar culturas da floresta tropical a partir de velhos preconceitos arraigados a certo menosprezo ao que é primitivo, ou enquadrar essas culturas na lógica *tylorista* de evolucionismo cultural, graduando povos da Amazônia a um estágio de barbárie, ou numa hipótese preconceituosa a um nível de selvageria, é no mínimo postura afrontosa, pois há séculos a cultura Amazônica é permeada por vastas configurações culturais vividas por tipos diversos em seu espaço territorial de floresta. Há neste sentido um número enorme de registros literários no e sobre a Amazônia, que confirmam a enorme diversidade de etnias originárias na floresta. De fato, na Amazônia há *“uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda”* (LOUREIRO, 1995, p.30). Assim, no antagonismo da proposição eurocentrista de cultura, nós defendemos as perspectivas oferecidas pelas culturas indígenas e africanas existentes no País, como resistência ao processo histórico de colonização territorial ocorrido no Brasil do passado e contemporâneo.

1.2 Sociedades Indígenas no Brasil e na Amazônia

As primeiras escritas expedicionárias feitas sobre as organizações das sociedades estabelecidas nas Américas, principalmente em território sul-americano colonizado por portugueses, são de certo modo generalistas e preconceituosas. Nos séculos seguintes, na esteira das crônicas diaristas, há também o fato de certos estudiosos espalharem a ideia de que a porção andina

era mais desenvolvida do que as zonas com baixas altitudes, provocando inúmeras impressões desfavoráveis à organização social e cultural dos indígenas do Brasil. Um dos estudiosos que descreve conteúdos judicativos em seus comentários sobre culturas dos índios que encontrara na expedição científica das Minas Geais até a Amazônia foi o médico, botânico e antropólogo alemão Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), na companhia do zoólogo Johann Baptist von Spix. Eles escrevem em sua obra, *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*, que,

Depois de fartas libações de cachaça, que eles, como todos os índios apreciam apaixonadamente, tornaram-se confiantes e excitados, e executaram as suas danças à noite, num lugar aberto, não distante da Fazenda Cuidoal. Já antes haviam despertado em nós sentimentos melancólicos sobre a degeneração do humano neles, o porte baixinho, o pardo-avermelhado da pele, o cabelo negro de carvão, solto e desgrenhado, o formato desagradável da cara larga, ângulosa, e os olhos pequenos, oblíquos, inconstantes, finalmente o andar de passos curtos, esquivos, desses homens das selvas. E, então, pelo caráter tristonho dessa festa, na escuridão da noite, a nossa impressão de pena ainda era maior. Os homens puseram-se lado a lado em fila; atrás deles puseram-se igualmente em fila as mulheres. Os meninos, aos dois ou três, abraçaram-se aos pais; as meninas agarravam-se por trás, às coxas das mães. Nessa atitude, puseram-se eles a cantar o triste 'Han-ja-ha, há-há-há'. Com emoções melancólicas foram repetidas várias vezes a dança e a cantiga, e ambas as fileiras avançavam lentamente, num compasso de três tempos (SPIX; MARTIUS, 2017, 244aV.1, p.228).

O impulso científico de von Martius o levou a descrever os povos indígenas do Brasil como grupos humanos degenerados ao longo da História. Em sua tese, *“Como se deve escrever a história do Brasil”*, há elementos, conceituais e históricos, que foram aceitos pela historiografia do Brasil sobre os povos indígenas. Não diferentemente das crônicas expedicionárias de Carvajal e Acuña, nessa tese, von Martius apresenta uma História do Índio no Brasil evidenciando características fundadas em certo exotismo e degradação, apontando como nota explicativa processos de degeneração de um povo que outrora pertencia ao velho continente e que, sua chegada às Américas em tempos remotos, o fizeram regredir culturalmente ao ponto de se tornarem “ruínas de povos” (MARTIUS, 1845, p. 92). Isto implica retomada da proposição de Acosta, ainda no século XVI, sobre grandes travessias. Martius contesta a tese de que os indígenas representavam “um estado primitivo do homem” ou “resíduo de uma perdida história” (*idem*, p. 92), ou seja,

Ainda não há muito tempo era opinião geralmente adotada que os indígenas da América foram homens diretamente emanados da mão do Criador. (...) Enfeitado com as cores de uma filantropia e filosofia enganadora, consideravam este estado como primitivo do homem: procuravam explicá-lo, e dele derivavam os mais singulares princípios para o Direito Público, a Religião e a História. Investigações mais aprofundadas, porém, provaram ao homem desprevenido que aqui não se trata do estado primitivo do homem, e que pelo contrário o triste e penível (sic) quadro que nos oferece o atual indígena brasileiro, não é senão o residuum de uma muito antiga, posto que perdida história. (MARTIUS, 1845, p. 92)

Por isso, ele defende que as diversas tribos são possivelmente pertencentes a um único grupo que, em certo momento da história entrara em franco processo de degradação,

Não podemos duvidar que todas as tribos, que nela fazem-se inteligíveis, pertençam a um único e grande povo, que sem dúvida possuiu a sua História própria, e que, de um estado florescente de civilização, decaiu para o atual estado de degradação e dissolução. (Martius, 1845, p. 92).

Por certo que o trabalho primoroso de Martius e Spix é um documento literário de valor inestimável. Todavia, é sensato que apontemos as percepções deste grande pensador europeu sobre os índios brasileiros no início do século XIX, quando de suas primeiras investidas no território brasileiro em sua viagem de Vila Rica (atual Ouro Preto de Minas Gerais) para a aldeia dos índios Coroados, beirando o Rio Xipotó. Após alcançar o presídio de São João Batista (atual Cidade de Visconde do Rio Branco) e daí partir para a Fazenda Guidoal (SPIX; MARTIUS, 2017, 244a1v, 282-293), Martius descreve suas percepções sobre os índios *Puris*, *Coropós* e *Coroados* na terra de Guidoal,

Todos os índios que chegamos a conhecer aqui, das tribos de *Puris*, *Coropós* e *Coroados*, surpreendentemente pouco se diferenciavam entre si na estatura e nas feições; os traços individuais pareciam, provavelmente por falta de desenvolvimento, dominados pelos traços gerais da raça do que é o caso, nas outras raças. /.../ O temperamento do índio quase não se desenvolveu e pode ser qualificado de fleumático. Todas as potências da alma, mesmo a sensualidade mais nobre, parecem achar-se em estado de entorpecimento. Sem refletir sobre a criação universal, sobre as causas e a íntima relação das coisas, vivem com o pensamento preocupado só com a conservação própria. Passado e futuro quase não se distinguem para eles, daí não cuidarem nunca do dia seguinte. Estranhos a todo sentimento de deferência, gratidão, amizade, humildade, ambição e, em geral, a todas as emoções delicadas e nobres, que distinguem a sociedade humana; insensíveis, taciturnos, imersos no mais absoluto indiferentismo por

tudo, os índios não fazem uso senão dos sentidos aguçados da natureza da sua astúcia e por sua infalível memória, e só para a guerra ou caçadas, suas principais preocupações. (SPIX; MARTIUS, 2017, 244a1v, 300; 303).

Meses depois, na cidade de Belém, os viajantes alemães, irão descrever os índios quando estes eram obrigados ao trabalho no lugar dos escravos negros, raros na região, pelos colonos interessados no estabelecimento a qualquer preço de suas lavouras. Embora os viajantes esclareçam o desconforto com a escravização de índios, suas percepções sobre esses povos são bastante contundentes, principalmente quanto àqueles que formavam grandes famílias, que eram retirados de suas terras para o serviço escravo nas vilas e cidades do Pará, e quando se lhes era dado o 'direito' a voltar a vida selvagem e não o conseguiam. Spix e Martius apontam que,

De resto, as novas provisões decretadas com espírito de humanidade e justiça não produziram os almejados frutos. Pensara-se que os índios, quando pudessem viver com todas as prerrogativas de homens livre entre os outros cidadãos, preferissem essa condição à sua vida livre de selvagens, mas nem o caráter nem as luzes dessa desgraçada raça favorecia ainda a independência civil, e, nessa impotência, não lhes restava outro alvitre, senão continuar como serventes dos brancos ou regressas às suas matas virgens. Os índios, que formavam grandes famílias, permaneceram na maioria entre os brancos; a sua existência, no entanto, não melhorava, quando podiam considerar-se em pé de igualdade com eles perante a lei; faltava-lhes justamente tudo que dá valor à liberdade civil: juízo, desembaraço, atividade. Muitas necessidades tornavam-nos continuamente dependentes das raças mais civilizadas, a que eles pelo menos temporariamente serviam, de modo que, embora não tivessem mais tal nome, têm de ser considerados, todavia, como escravos explorados dos outros. Quando por presunção e indolência impedidos de trabalhar, são, como vizinhos vagabundos e ladrões, uma verdadeira praga. (SPIX; MARTIUS, 2017, 244c3v., p. 61).

Nota-se que há nas palavras dos autores, a título de exemplificação nossa do lastro conceitual de *evolução cultural* que rondava a Europa do século XIX e que serviu de fundamento para a publicação do *Primitive Culture* de Edward Tylor (1871), certa necessidade judicativa de desqualificar a organização cultural dos povos pretéritos. Essa necessidade não é uma característica singular de Spix e Martius, pois outros expedicionários europeus séculos antes, ao chegarem à região, descreviam os povos indígenas na mesma lógica judicativa já que esperavam encontrar as terras do Novo Mundo desabitadas, o que propiciaria situação ideal para a expansão territorial e confisco da grande riqueza

local. Em suas chegadas às Américas, eles se deparavam com várias sociedades com linguagens e culturas distintas e organizadas, com destreza e capacidade extraordinária de adaptação aos vários tipos de ambientes, como aponta Melatti,

Fazia milhares de anos que estavam inteiramente ocupados por uma população que se apresentava distribuída por inúmeras sociedades organizadas das mais diferentes maneiras, fossem pequenos grupos de caçadores e coletores, aldeias articuladas ou autônomas ou politicamente articuladas ou, ainda estados sustentados por técnicas de plantio intenso. Estavam instalados e adaptados a ambientes mais variados, como florestas e savanas tropicais, regiões semi-áridas, florestas e campos temperados com planícies e montanhas. (MELATTI, 2007, p 17).

Porquanto, podemos inferir que havia heterogeneidade étnica e cultural nas terras do Novo Mundo na época da chegada dos colonizadores. Essa diversidade cultural e étnica gerou grande dificuldade dos europeus em dominar, escravizar e explorar os indígenas, provocando relações de conflito, principalmente depois da 'descoberta' de que o Novo Mundo era uma região dotada de grande quantitativo populacional indígena. Ora, por muito tempo, acreditou-se que a Amazônia não era ambiente propício para o desenvolvimento de sociedades complexas, sendo insipiente o povoamento desta época.

As teorias antropológicas e geoarqueológicas até a segunda metade do século XX defendiam que as sociedades indígenas que habitavam as regiões temperadas, em especial a região do Andes, eram consideradas modelos de desenvolvimento, enquanto nessas teorias havia certo silêncio sobre o desenvolvimento das sociedades do Baixo Amazonas, nas regiões tropicais e subtropicais. Isso porque havia um pressuposto de que foram os habitantes das regiões andinas que primeiro se estabeleceram na América do Sul, introduzindo a agricultura e a produção artesanal para suprir suas necessidades. Havia por parte dos estudiosos uma visão desvirtuada sobre os ocupantes pré-coloniais da floresta tropical, apontando o clima como causador do baixo nível de sociedade, teoria bastante empregada em várias pesquisas sobre população na Amazônia.

Para os estudiosos da questão, as comunidades indígenas eram nômades e pouco populosas. Essa tese sobressaiu por conta de dificuldades nas pesquisas locais em encontrar vestígios que afirmassem o desenvolvimento de técnicas para que grupos populosos pudessem sobreviver na região. Neste

sentido, as grandes teorias passaram a afirmar que as organizações complexas conseguiriam se desenvolver apenas em clima distinto ao que havia na região, o que justificaria que as sociedades estabelecidas nos Andes povoaram posteriormente a Amazônia. Entretanto, essa tese passou a ser contestada após a descoberta de inúmeros sítios arqueológicos na região Amazônica. De fato, há estudos recentes que apontam para uma ocupação das áreas baixas da Amazônia semelhante ao que ocorreu nas regiões montanhosas do continente sul-americano.

A tese do pouco povoamento das áreas baixas da região amazônica defendida por estudiosos da arqueologia e da antropologia afirmava também que o povoamento da floresta era bastante insipiente por conta da pobreza do solo e da escassez de recurso na região, o que certamente dificultaria um desenvolvimento mais sistêmico da agricultura e disso resultaria que o sustento a longo termo de uma população relativamente grande seria praticamente inviável. Entre os pesquisadores que defenderam essa tese está a arqueóloga estadunidense Betty Meggers. Sua teoria aponta que uma densidade populacional de 0,2 habitante por quilômetro quadrado era o máximo que poderia ser sustentado pela floresta tropical por meio da caça, sendo a agricultura necessária para acolher população maior (MEGGERS, 1971).

Contudo, pesquisas antropológicas recentes têm sugerido outra tese, a de que na região amazônica ocorreu a habitação de densas populações. Alguns pesquisadores chegam a afirmar que é possível terem vivido na Amazônia cerca de cinco milhões de pessoas no ano de 1500 d.C. (ROOSEVELT *et al.*, 1996). Tais teses fundam-se também em pesquisas e argumentações de registros de diários de expedições ocorridas na região desde o século XVI. Segundo a proposta de Ana Roosevelt, há pelo menos três estágios ocupacionais na Amazônia.

A primeira delas data do final do pleistoceno, por volta de 11.000 anos, onde foi estabelecida uma ocupação de povos coletores-caçadores-pescadores, com evidências na forma de artefatos líticos, abrigos com depósitos pré-cerâmicos, e sambaquis espalhadas por uma extensa área da bacia Amazônica, porém pouco estudada. O segundo estágio é a inserção de povos que realizavam caça e pesca de moluscos a aproximadamente 7.000 a 4.000 anos (Holoceno), que se estabeleceram na região Amazônica, e inseriram artesanias

como a cerâmica, e a produção alimentar por meio da agricultura, observadas em alguns vestígios coletados na região; e por último, foram encontrados horticultores, que além da agricultura disseminaram a cerâmica “incisa”¹¹ na região (GUAPINDAIA, 2008).

Estudos como os de Funari e Noelli (2009) demonstraram quantitativos populacionais na Amazônia que também indicam uma sociedade simples, algumas registrando cerca de 8.000 habitantes. Mas, sabe-se que esses números são facilmente superados quando comparados a estudos locais e mais atuais. A ausência de registros que permitam afirmar com precisão o quantitativo de pessoas que viviam na Amazônia antes da chegada do colonizador português é uma lacuna que deve ser resolvida pelas pesquisas nos próximos anos. Pesquisadores de diversas áreas têm juntado esforços para tentar estimar esse quantitativo, seja por meio de fosséis, artefatos achados, cerâmicas, mas ainda assim são incipientes:

Há também uma falta de dados que não decorre nem da incompreensão nem do preconceito, mas da dificuldade de sua obtenção. Não se sabe, por exemplo, quantos índios existiam no território abrangido pelo que é hoje o Brasil e o Paraguai, quando os portugueses chegaram ao Novo Mundo. Os cálculos oscilam entre números tão variados como 2 milhões para todo o território e cerca de 5 milhões só para a Amazônia brasileira (FAUSTO, 1996, p. 20).

Entretanto, projeções realizadas por alguns historiadores e arqueólogos por meio de vestígios e documentos apontam que existiam cerca de 3 a 5 milhões de pessoas na região Amazônica, antes da chegada dos europeus (HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005; p. 238). Segundo o levantamento de Guapindaia (2008), nas antigas instalações das missões jesuíticas, e dos franciscanos capuchinos, na região do Baixo Amazonas viviam aproximadamente 50.000 índios. A maioria desse quantitativo populacional foi exterminada por conta de questões biológicas e de saúde decorrentes da presença portuguesa e seu contato ambiental com os povos originários.

Outro ponto indicativo da presença das sociedades indígenas no Brasil, e em particular na região amazônica refere-se ao quantitativo de línguas existentes à época da colonização. Dialeto, línguas e diversidades linguísticas associadas

¹¹ Cerâmica incisa é de estilo peculiar, baseado no emprego das técnicas decorativas de modelagem por meio de ação de aperto em argila, ainda flexível, para torná-la variavelmente larga, comprida e profunda.

à espacialidade e cultura dos índios encontrados pelos portugueses eram tão variados que houve dificuldade de agrupá-las a partir de troncos linguísticos hegemônicos, que talvez pudesse permitir características que as tornavam semelhantes.

Nos anos 50, o antropólogo brasileiro Eduardo Galvão (1960) desenvolveu o conceito de *áreas culturais*, a partir do qual, começou-se a agrupar as culturas de uma mesma região geográfica que partilhavam certo número de elementos em comum, como a organização social, religiosa, econômica e política além da cultura. Esse conceito de Galvão também serviu de base na classificação mais aceita, a que está alicerçada em mudanças sociais e culturais que ultrapassavam os contatos entre as tribos, cujo resultado fora a divisão de onze grandes áreas culturais no Brasil, sendo sete na Amazônia, a saber, “Norte-amazônica, Juruá-Purus, Guaporé, Tapajós-Madeira, Alto-Xingu, Tocantins-Xingu e Pindaré-Gurupi”. As outras áreas são Paraná; Paraguai; Nordeste e Tietê-Uruguaí (GALVÃO, 1960). Nos dias atuais, há em debate a construção de um novo recurso didático de distribuição das sociedades indígenas por área. A nova configuração classificatória para as sociedades indígenas tem sido proposta pelo antropólogo Julio Cesar Melatti (1997), que utiliza o termo *áreas etnográficas*, apresentando como caracterizações a classificação linguística, o meio ambiente e o contato das sociedades indígenas entre si e com as sociedades nacionais.

1.3 Sociedades indígenas no Baixo Amazonas no período Pré-Colombiano

Os primeiros registros sobre a região do Baixo Amazonas e suas populações indígenas nos levam à tese de que a organização e o desenvolvimento das sociedades do Baixo Amazonas eram geralmente influenciados por culturas externas, principalmente por populações andinas. Entretanto, as pesquisas de Ana Roosevelt (1996), nos levam a compreender que o processo de inovação cultural presente em outra porção da América, a Andina, era impossível de se estabelecer na floresta tropical, que possuía densas matas que dificultavam o deslocamento, bem como um solo pobre para o estabelecimento da agricultura sistêmica e fixação de uma população em grande escala. A autora, assim, concorda que não havia relação intrínseca entre

a cultura dos povos do Baixo Amazonas com a dos Andes, confirmando que os povos da floresta não dependiam de outras civilizações para se tornarem complexas. Sua organização social e cultural dependera inteiramente das relações entre os próprios índios e o que havia de disponível na natureza para sua sobrevivência, por isso, são extremamente diferentes a herança indígena andina da herança indígena do Baixo Amazonas.

Nesse sentido, foram publicados inúmeros relatos coloniais demonstrando que as populações existentes na região que hoje compreende o Baixo Amazonas possuíam características distintas daquelas encontradas em outras partes na América do Sul. Não havia, pois barreira ambiental alguma (Cordilheira dos Andes) que pudesse impedir a formação de sociedades com alto grau de desenvolvimento e alta densidade populacional, uma vez que foram descritas as presenças de diversos povos vivendo às margens do rio Amazonas e seus afluentes, sem qualquer característica andina (CARVAJAL, 1542; ACUNÃ, 1678; HERIARTE, 1864).

Embora diversos expedicionários tenham feito registros da complexidade social das populações indígenas encontradas pelos portugueses às margens do rio Amazonas e afluentes, entre o século XVI e XVII, pouquíssimos relatos detalham características que pudessem apontar com clareza a organização social e cultural dessas populações. Os relatos são registros feitos de forma generalizada, externa, exótica, ocultando não poucas vezes, eventos de manifestação cultural e de crenças e símbolos dos sistemas religiosos dessas populações. Gondin (2007) enfatiza que, nos relatos de Carvajal e Acuña principalmente quanto ao ocultamento de símbolos religiosos locais, e a justificativa da inexistência de templos, ritos e cerimônias que são elementos próprios do Cristianismo, é possível verificar essa questão,

A crônica enfatiza a densidade populacional às margens do grande rio e tributários, informa sobre a diversidade linguística, habitações assedadas, alimentação farta, feiticeiros temidos e a inexistência de templos, ritos e cerimônias (GONDIN, 2007, p. 112).

Apesar dos importantes relatos feitos por esses expedicionários descrevendo minuciosamente o que “descobriram” no novo mundo, não se pode ignorar que as crônicas sobre a região são eurocêntricas, e em muitos casos com distorção da realidade. Mann afirma que essas visões eurocêntricas

são esclarecedoras de seus escritores, pois “[...] seus autores eram frequentemente adversários dos índios sobre o que escreviam, geralmente não falavam as línguas necessárias, e quase sempre a sua prioridade não era exatamente descrever empaticamente os costumes indígenas [...]” (MANN, 2007, p. 299). Sua perspectiva corrobora o pensamento de Reis, para quem, “a Amazônia, no conceito clássico, é aquela que conformamos em nossa imaginação, trabalhada pelo sensacionalismo de viajantes e de uma literatura exótica, infiel, nociva, que a criou sem qualquer obediência ao real”. (REIS [1906], 2001, p.16).

Diante do contexto e do pressuposto de que as narrativas dos cronistas causaram um real impacto aos europeus, pela sua colisão cultural, racial e social (SOUZA, 2009), faz-se necessário entender os interesses das grandes expedições e, sobretudo, conceituar o significado de cultura internalizado nas narrativas dos cronistas, para descrever a cultura indígena da região.

No que se refere ao interesse de relatar, destacamos vários motivos: “[...] alguns escreviam para promover suas carreiras; outros, para marcar pontos na política [...]” (MANN, 2007, p. 299). Além de transcrever os obstáculos a serem vencidos para encontrar a diversidade de bens, ou o famoso *Eldorado*, que poderiam ser encontrados e explorados nas terras no interior do continente sul-americano. Para a realização do empreendimento os monarcas espanhóis e portugueses designaram pessoas com espírito expedicionário. Nesse sentido, era de conformidade com a moralidade do conquistador que escrever sobre algo que vá de encontro com os princípios religiosos e políticos da época, significaria acabar com a carreira do escritor, seja ele comandante, governador, padre ou frei, ou expedicionário. Seria muito menos viável escrever documentos sobre a exaltação de civilizações completamente diferentes à europeia, pois isso afrontaria a ideia latente no pensamento europeu da estratificação social e cultural, que nos termos de Tylor (1871) se resumia em estratos selvagem, bárbaro e civilizado.

O conceito de cultura empregado na época das crônicas expedicionárias até alcançar o século XIX, tinha relação com progresso econômico, desenvolvimento moral e refinamento do homem em sociedade. No século XVIII, as discussões do tema cultura envolviam pensadores franceses e alemães. A França, concentrando o debate em torno das prioridades do iluminismo, adotou

o termo *Civilization* para conceituar o que poderia ser cultura. Esse termo referia-se a questão de individualidade e identidade pessoal, e ao aperfeiçoamento pessoal diante da sociedade. A Alemanha, por sua vez, ainda envolvida nas questões idealistas, adotou o *Bildung* como entendimento de cultura, considerando o termo, significa o desenvolvimento espiritual e intelectual. Logo, a cultura passou a significar “a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento”. (ABBAGNANO, 2000, p. 225).

É nessa perspectiva que a maioria dos relatos cronistas que navegaram pela região do Baixo Amazonas descrevem a “selva” e suas populações, como selvagens que não possuíam sequer vestimentas, além de narrações de fatos desfavoráveis e fantasiosos dos povos indígenas na região. Apesar disso, não se pode negar que esses são os primeiros registros e impressões oficiais sobre a região do Baixo Amazonas. (HERIARTE, 1662).

O primeiro cronista a navegar e relatar a diversidade populacional da região amazônica foi Frei Gaspar de Carvajal (1504-1584) numa viagem que começou em fevereiro de 1541 e terminou em agosto de 1542, ocasião em que acompanhou a primeira expedição ao rio Amazonas, comandada por Francisco de Orellana, e chefiada por Gonzalo Pizarro. A expedição partiu de Quito, no Peru, em busca do país de Canela, onde estava a terra do *Eldorado*. Souza explica que esse lugar é um:

País fabuloso situado em algum lugar do noroeste Amazônico, dele se dizia ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico. (SOUZA, 2009; p. 69).

Entretanto, a expedição fracassou, antes mesmo de entrar nos cursos do rio Amazonas, pois além de não terem encontrado o eldorado, a tripulação já estava com escassez de mantimentos alimentares. No final de 1541, Orellana decidiu seguir apenas com alguns homens em busca de comida para a tripulação, e se caso não voltasse pediu para que Pizarro recuasse. Assim, em um determinado ponto do rio Coca, eles se dividiram, e Orellana, após algumas léguas¹² adentrou no Rio Grande (também chamado por ele de *Mar Dulce*

¹² Medida de distância utilizado antes da adoção do sistema métrico. Seu valor é bastante variado em acordo com a época e região. Em geral, seu valor tem variação entre 6.000 a 6.500 metros.

ou *Rio da Canela*, que depois fora denominado de rio das Amazonas), e navegou até chegar ao oceano Atlântico.

Depois de adentrar o rio, navegaram por vários dias sem sinal de povoados e alimentos, e tiveram que se alimentar de ervas e folhagens de árvores da densa floresta, sendo que alguns chegaram à beira da morte. Passado mais de um mês, já em 1542, os viajantes começaram a escutar tambores de índios, o que segundo Carvajal os animava, pois já estavam exaustos da viagem e quase mortos de fome (CARVAJAL, 1542). O capitão Orellana se preparou para encontrar esses índios. Numa manhã, depois de viajar mais de 20 léguas, encontrou canoas com índios e a primeira impressão relatada por Carvajal foi a de que a população encontrada às margens do rio tinha certa organização, com hierarquia de cacicado e linguagem própria, e foram hospitaleiros e solícitos na doação de comida,

E visto isto pelo Capitão, ele se colocou no barranco do rio, e em sua língua, que de alguma forma ele os compreendia, começou a falar com eles e disse que não tivessem medo e que chegassem porque queria falar com eles; e assim vieram dois índios até onde se encontrava o capitão, e os elogiou e tirou o medo e deu-lhes o que tinha e disse que eles foram chamados até o Senhor, que ele queria falar, e que não temessem, pois ele não faria mal algum; e assim os índios levaram o que lhes fora dado a eles e foram logo dizer ao senhor, que veio em seguida, com mais lucidez do que de onde estavam o capitão e os companheiros e foram muito bem recebidos pelo capitão e por todos, e o abraçaram. Esse mesmo Cacique se mostrou muito feliz em ver a boa recepção que foi feita. O capitão, então, ordenou que o vestissem, e outras coisas que ele muito gostou, e em seguida ficou tão feliz que ele lhe disse para olhar o capitão no que ele precisava, pois ele o daria, e o capitão disse a ele que nada mais ele pedia além de comida e que o mandasse providenciar; e então o Cacique ordenou que seus índios trouxessem comida e, com grande brevidade, trouxeram abundante o que era necessário como carne. (CARVAJAL, 1542, p. 05)¹³

É perceptível nesse relato que as populações existentes às margens do rio já possuíam uma organização social e cultural, pois andavam em grupos, e possuíam cacicados, antes desse território ter sido transformado em colônia europeia. Mesmo que não vivessem conforme os moldes e estilos socioculturais

¹³ Tradução nossa para: “Y visto esto por el Capitán, se puso sobre la barranca del río, y en su lengua, que en alguna manera los entendía, comenzó de hablar con ellos y decir que no tuviesen temor y que llegasen, que les quería hablar; y así llegaron dos indios hasta donde estaba el Capitán, y les halagó y quitó el temor y les dio de lo que tenía, y dijo que fuesen a llamar al señor, que le quería hablar, y que ningún temor tuviese que le hiciese mal ninguno; y así los indios tomaron lo que les fue dado y fueron luego a decirlo a su señor, el que vino luego muy lucido donde el Capitán y los compañeros estaban, y fue muy bien recibido del Capitán y de todos, y le abrazaron, y el mismo Cacique mostró tener en sí mucho contentamiento en ver el buen recibimiento que se le hacía. Luego el Capitán le mandó dar de vestir y otras cosas con que él mucho se halagó, y después quedó tan contento que dijo que mirase el Capitán de qué tenía necesidad, que él se lo daría, y él Capitán le dijo que de ninguna cosa más que de comida lo mandase proveer; y luego el Cacique mandó que trajesen comida sus indios, y con muy gran brevedad trajeron abundante lo que fue necesario así de carnes”.

que os europeus, elas eram constituídas de sociedades complexas. A narração de Carvajal durante a expedição de Orellana em sua viagem pelo rio Amazonas, descreve índios organizados em densas povoações quando alcançou a foz do rio Nhamundá em junho de 1542.

Todas estas aldeias são estâncias de pescadores que adentram a terra. Desta maneira estávamos caminhando em busca de um lugar tranquilo para celebrar e alegrar a festa do abençoado São João Batista, precursor de Cristo; e Deus quis que ao dobrar um ponto do rio, vimos adiante na costa muitas e grandes povoações que estavam mais embranquecendo. Aqui de repente nós atingimos a boa terra e o senhorio das Amazonas. (CARVAJAL, 1542, p. 30).¹⁴

Além de apontar a questão da organização dos povos indígenas que encontravam durante a expedição, Carvajal também narrava os fenômenos naturais que a expedição encontrada. Um desses fenômenos fora narrado na passagem pela foz do rio Negro, no dia 3 de junho de 1542. Ele descreve neste momento o fenômeno do encontro das águas clareadas com as escuras de outro rio grande.

Sábado, véspera da Santíssima Trindade, o capitão ordenou um aportar em povoado onde os índios foram postos em defesa; no entanto, os expulsamos de suas casas, e aqui nos abastecemos de comida e algumas galinhas. Nesse mesmo dia, saindo dali, continuando nossa viagem, vimos a foz de outro rio grande no lado esquerdo, que se encontrava com o que estávamos navegando, cuja água era preta como tinta, e por isso o chamamos de Rio Negro, que corria tanto e com tanta ferocidade que, em mais de vinte léguas, separada por uma da outra água, até se fazerem uma só água. (CARVAJAL, 1542, p. 25).¹⁵

Passados alguns dias, a expedição passou por uma área indicada por Carvajal, em sua narração, como *terra boa e senhorio das Amazonas*, bastante habitada de nativos hostis à presença dos expedicionários. O encontro conflituoso fora descrito por ele, ocasião em que ele se refere de maneira incisiva às Amazonas,

¹⁴ Tradução nossa para: “*Todos estos pueblos son estancias de pescadores de la tierra dentro. Desta manera íbamos caminando buscando un apacible asiento para festejar y regocijar la fiesta del bienaventurado San Juan Bautista, precursor de Cristo, y quiso Dios que em doblando una punta que el río hacía, vimos en la costa adelante muchos y muy grandes pueblos que estaban blanqueando. Aquí dimos de golpe en la buena tierra y señorío de las Amazonas.*”

¹⁵ Tradução nossa para: “*Sábado, víspera de la Santísima Trinidad, el Capitán mandó tomar puerto en un pueblo donde los indios se pusieron en defensa; pero, a pesar de ello, los echamos de sus casas, y aquí nos proveimos de comida y aun se fallaron algunas gallinas. Este mismo día, saliendo de allí, prosiguiendo nuestro viaje, vimos una boca de otro río grande a la mano siniestra, que entraba en el que nosotros navegábamos, el agua del qual era negra como tinta, y por esto le pusimos el nombre de Río Negro, el cual corría tanto y con tanta ferocidad, que en más de veinte leguas hacía raya en la otra agua, si reolver la una con la otra.*”

Aqui chegamos repentinamente à boa terra e senhorio das Amazonas. Essas populações já tinham sido informadas e sabiam da nossa chegada, e que saíram para nos encontrar na estrada à beira da água, com boas intenções, e quando chegaram perto capitão, este quis trazer-lhes paz, e começou a falar; mas eles riram até zombar de nós e nos cercavam e diziam para andarmos e que eles estavam esperando por nós lá embaixo, para nos levar a todos às Amazonas. O capitão, zangado com a arrogância dos índios, ordenou que fossem atacados com bestas (n.t. *arco e flecha*), e arcabuzes, porque pensavam e sabiam que tínhamos como lhes ferir; e assim foram feridos e retornaram ao povoado para dar a notícia do que haviam visto: e nós não paramos de seguir em frente até próximo do povoado; e antes que chegássemos a mais de uma metade de légua, havia muitos esquadrões de índios à beira da água e enquanto estávamos seguindo em frente, eles iam se reunindo junto às suas populações. No meio deste povoado, havia muitas pessoas, e formavam um bom esquadrão, e o capitão ordenou os barcos aportassem para buscar comida onde ficava aquela gente, e foi assim que, ao começar a chegar à terra, os índios começaram a defender seu povo e atirar em nós, e como era muita gente, parecia que chovia flechas; mas nossos arcabuzes e bestas não ficaram ociosos, pois atirávamos e, ainda que vários eram mortos, não fazia diferença porque com todo o dano que lhes foi causado, alguns continuavam brigando e outros dançando: e aqui por muito pouco tínhamos perdido tudo porque, como havia muitas flechas, tínhamos que nos proteger nos impossibilitando de remar, como resultado, eles nos feriram tanto que, antes que pudéssemos desembarcar, eles feriram cinco pessoas, dos quais eu era um deles; eles me deram uma flechada na coxa que me atingiu o osso e, se não fosse por hábitos, eu ficaria ali mesmo. (CARVAJAL, 1542, p. 30-31).¹⁶

Neste episódio está latente que a essa altura da expedição, as relações com os indígenas estavam ficando bem mais endurecidas. Na narração do evento seguinte, há confronto com as indígenas ditas guerreiras, Carvajal prossegue,

Essa luta demorou mais de uma hora, e os índios não desanimaram, antes parecia que se multiplicavam, apesar de terem visto muitos de seus mortos, e até passado por cima deles, não se retiravam /.../ Eles

¹⁶ Tradução nossa para: "*Aquí dimos de golpe en la buena tierra y señorío de las Amazonas. Estos pueblos ya dichos estaban avisados y sabían de nuestra ida, de cuya cabsa nos salieron a recibir al camino por el agua, con buena intención, y como llegaron cerca del Capitán, quisiera traerlos de paz, y así los comenzó a hablar y llamar; pero ellos se rieron y hacían burla de nosotros e se nos acercaban y decían que anduviésemos y que allí abajo nos aguardaban, y que allí nos habían de tomar a todos y llevar a las Amazonas. El Capitán, enojado de la soberbia de los indios, mandó que les tirasen con las ballestas y arcabuces, por que pensasen y supiesen que teníamos con qué los ofender; y así, se les hizo daño y dan la vuelta hacia el pueblo a dar la nueva de lo que habían visto: nosotros no dejamos de caminar y acercar a los pueblos; y antes que allegásemos con más de media legua, había por la lengua del agua a trechos muchos escuadrones de indios, y como nosotros íbamos andando, ellos se iban juntando y acercando a sus poblaciones. Estaba en medio deste pueblo muy gran copia de gente, hecho un buen escuadrón, y el Capitán mandó que fuesen los bergantines a zabordar donde se estaba aquella gente para buscar comida, y así fue que, en comenzándonos a llegar a tierra, los indios comienzan a defender su pueblo y nos flechar, y como la gente era mucha parecía que llovían flechas; pero nuestros arcabuceros y ballesteros no estaban ociosos, porque no hacían sino tirar, y aunque mataban muchos, no lo sentían, porque con todo el daño que se les hacía andaban unos peleando y otros bailando: y aquí estuvimos en muy poco de nos perder todos, porque como había tantas flechas nuestros compañeros tenían harto que hacer en se amparar de ellas sin poder remar, de cabsa de lo cual nos hicieron [tanto] daño que antes que saltásemos en tierra nos hirieron a cinco, de los cuales yo fui el uno; que me dieron con una flecha en una ijada que me llegó a lo hueso, y si no fuera por los hábitos allí me quedara".*

devem saber que são súditos e tributários das Amazonas, e, sabendo de nossa vinda, pediram ajuda e chegaram dez ou doze, que vimos, para lutar na frente de todos os índios como capitãs /.../. Essas mulheres são muito brancas e altas, têm cabelos muito compridos, trançados e envoltos na cabeça, e são muito fortes e andam nuas com couros cobrindo sua vergonha, com arcos e flechas nas mãos, fazendo tanto guerra quanto dez índios; e, na verdade, havia uma dessas mulheres que lançou um amontoado de flecha em nosso barco, e outros que menos, e nosso barco parecia um porco-espinho. (CARVAJAL, 1542, p. 32).¹⁷

A narração de Carvajal coloca como data do evento o dia de São João Batista, portanto no dia 24 de junho, quando os espanhóis estavam na praia e foram atacados por nativos vindos da selva sob o comando de uma dúzia de mulheres guerreiras. Surpreendidos, os expedicionários conseguiram escapar desse lugar, convencidos de que realmente havia um reino liderado por mulheres. O texto é incisivo,

Tomando o nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor que deu força e encorajamento aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito dessas Amazonas que tínhamos visto, motivo pelo qual os índios esmoreceram e foram derrotados e sofrido com muitos danos; e porque vinham muita gente de outros povoados em socorro deles e que tinham sido chamados para o combate, ordenou o capitão, que os seus embarcassem apressadamente porque não iria colocar a vida de todos em risco, e assim embarcaram não sem nervosismo, porque os índios já estavam começando a lutar, e mais ainda por conta de que pela água vinha uma grande frota de canoas, e assim nos pusemos no rio e deixamos a terra. (Carvajal, 1542, p. 32).¹⁸

Uma vez livres dos ataques das guerreiras, e já chegando em território tapajônico, Carvajal relata o depoimento do índio capturado por Orellana e posto a falar sobre as guerreiras, que dominavam a margem esquerda do rio Grande num território com cálculo aproximado feito pelo cronista de cento e cinquenta léguas. Essas mulheres mantinham relações de proteção às terras de um cacique indígena de nome Couynco,

¹⁷ Tradução nossa para: "Se anduvo en esta pelea más de una hora, que los indios no perdían ánimo, antes parecía que se les doblaba, aunque veían muchos de los suyos muertos, y pasaban por encima de ellos, y no hacían sino retraerse y tomar a volver. /.../ Han de saber que ellos son sujetos y tributarios de las Amazonas, y sabida nuestra venida, les van a pedir socorro y vinieron hasta diez o doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanas /.../ Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y revuelto a la cabeza, y son muy membrudas y andan desnudas en cueros tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos, haciendo tanta guerra como diez indios; y en verdad que hubo mujer de éstas que metió un palmo de flecha por uno de los bergantines, y otras que menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín."

¹⁸ Tradução nossa para: "Tomando nuestro propósito y pelea, fue Nuestro Señor servido de dar fuerza y ánimo a nuestros compañeros, que mataron siete u ocho, que éstas vimos, de las Amazonas, a cabsa de lo cual los indios desmayaron y fueron vencidos y desbaratados con harto daño de sus personas; y porque venía de los otros pueblos mucha gente de socorro y se habían de revolver, porque ya se tornaban [a] apellidar, mandó el Capitán que a muy gran priesa se embarcase la gente, porque no quería poner a riesgo la vida de todos, y así se embarcaron no sin zozobra, porque ya los indios empezaban a pelear, y más que por el agua venía mucha flota de canoas, y así nos hicimos a lo largo del rio y dejamos la tierra."

Nesse local, o capitão tomou o índio que ele havia aprisionado, porque ele já o entendia por causa de um vocabulário que já dominava, e perguntou-lhe de onde era natural: o índio disse que daquele povoado de onde o aprisionaram; o capitão lhe perguntou como se chamava o dono dessa terra e o índio respondeu que se chamava Couynco, e que ele era um grande senhor e dominava até onde estávamos, que, como eu disse, havia cento e cinquenta léguas. O capitão perguntou quem eram aquelas mulheres que vieram para ajudá-los e participar da guerra: o índio disse que eram mulheres que residiam no interior a sete dias da costa, e que por ser este senhor Couynco sujeito a elas, havia chegado para salvar a costa. (Carvajal, 1542, p. 35).¹⁹

O relato de Carvajal nos faz entender que Orellana estava interessado em ter todas as informações sobre as guerreiras. Talvez uma preocupação de que poderia encontra-las novamente na viagem, e com detalhes sobre elas, ele poderia contra-atacar com mais propriedade. Ele é convencido pelo relato do aprisionado de que as mulheres guerreiras não se casam, são em grande número, além de habitar no interior da floresta. Ele comenta,

O capitão perguntou se essas mulheres eram casadas: o índio disse que não. O capitão perguntou-lhe como elas viviam: o índio respondeu que, como havia falado, elas viviam no interior e que ele já esteve lá muitas vezes e viu sua lida e moradia, e que como seu vassalo, ia lá levar o tributo quando o senhor o enviava. O capitão perguntou se essas mulheres eram muitas: o índio disse que sim, e que sabia por nome de setenta aldeias, contou ele na frente daqueles que ali estavam, e que já havia estado em algumas delas. O capitão lhe comentou sobre a possibilidade desses povoados serem feitos de palha: o índio disse que não, mas de pedra e com suas portas, e que de um povoado a outro as estradas havia guardiãs, porque ninguém podia entrar sem pagar tributos. (Carvajal, 1542, p. 36).²⁰

Sobre como essas mulheres mantêm sua posteridade, ou se elas dão à luz, Orellana recebe o relato do aprisionado de que elas se engravidavam. Mas, Orellana, não parece satisfeito com a resposta e volta a perguntar,

/.../ como não sendo casadas, nem havia homem residindo com elas, ficavam grávidas: ele disse que essas índias se encontram com índios de tempo em tempo, quando acontece de haver vontade, juntam-se

¹⁹ Tradução nossa para: "En este asiento el Capitán tomó al indio que se había tomado arriba, porque ya le entendía por un vocabulario que había fecho, y le preguntó de dónde era natural: el indio dijo que de aquel pueblo donde le habían tomado; el Capitán le dijo que cómo se llamaba el señor desa tierra, y el indio le respondió que le llamaba Couynco, y que era gran señor y se señoreaba hasta donde estábamos, que, como dicho tengo, había ciento cincuenta leguas. El Capitán le preguntó qué mujeres eran aquellas [que] habían venido a les ayudar y damos guerra: el indio dijo que eran unas mujeres que residían la tierra adentro siete⁴⁸ jornadas de la costa, y que por ser este señor Couynco sujeto a ellas habían venido a guardar la costa."

²⁰ Tradução nossa para: "El Capitán le preguntó si estas mujeres eran casadas: el indio dijo que no. El Capitán le preguntó que de qué manera viven: el indio respondió que, como dicho tiene, estaban la tierra adentro, y que él había estado muchas veces allá y había visto su trato y vivienda, que como su vasallo iba a llevar el tributo cuando el señor lo enviaba. El Capitán preguntó si estas mujeres eran muchas: el indio dijo que sí, y que él sabía por nombre setenta pueblos, y los contó delante de los que allí estábamos, y que en algunos había estado. El Capitán le dijo que si estos pueblos eran de paja: el indio dijo que no, sino de piedra y con sus puertas, y que de un pueblo a otro iban caminos cercados de una parte y de otra y a trechos por ellos puestos guardas porque no pueda entrar nadie sin que pague derechos."

muitas pessoas guerreiras e vão a dar cabo a um grande senhor que reside e tem sua terra junto às dessas mulheres, e à força os trazem para suas terras e têm com eles o tempo que desejam, e depois de engravidadas, elas os enviam de volta à sua terra sem fazê-los e então, quando chega a hora de dar à luz, se for filho o matam, e o enviam aos pais, e se filha, elas a criam com muito solenidade e a impõem às coisas da guerra. (Carvajal, 1542, p. 36).²¹

No entremeio do interrogatório, o índio aprisionado relata que essas guerreiras possuem uma forte liderança feminina, de nome *Coñori*, e uma organização hierárquica que dividia senhoras e plebeias; além de haver no povoado templo dedicado ao sol Caranain,

Ele disse ainda que entre todas essas mulheres há uma senhora que subjuga e tem todas as outras sob sua mão e jurisdição, que é chamada de *Coñori*. Ele disse que há uma riqueza muito grande de ouro e prata, e que todas as grandes senhoras são servidas em ouro ou prata, e as outras mulheres plebeias são servidas em vasos de pau, exceto o que vem do fogo, que é barro. Ele disse que na cabeceira e cidade principal onde a senhora reside, há cinco casas muito grandes que são santuários e casas dedicadas ao sol, que elas chamam de *Caranain*, e nessas casas, por dentro, estão do chão até o alto, tetos grossos forrados com pinturas de várias cores, e que nessas casas há muitos ídolos de ouro e prata com figura de mulheres, e muitos cantis em ouro e prata para o serviço ao sol; e andam vestidas com roupas de lã muito fina, porque nesta terra há muitas ovelhas como daquelas do Peru. Seu traje são mantas apertadas dos peitos até em baixo, em cima deles, e outros como um manto preso na frente com cordões; trazem os cabelos virados para a terra e põem na cabeça coroas de ouro com a largura de dois dedos com suas cores. (Carvajal, 1542, p. 36).²²

As mulheres lideradas pela grande senhora (*Coñori*) aparece nesta narração associada ao mito do Eldorado, um lugar abarrotado de ouro. Neste momento, Carvajal recorda de que já havia sido alertado ainda no Equador (Quito) sobre as mulheres guerreiras, altas e que andavam nuas, carregando apenas arco e flecha, e morando em casas de pedra. Parece-nos neste ponto do relato que o cronista relaciona as índias Icamiabas noticiada aos

²¹ Tradução nossa para: *".../ cómo no siendo casadas, ni residía hombre en ellas, se empañaban: él dijo que estas indias participan con indios en tiempos, y cuando les viene aquella gana juntan mucha copia de gente de guerra y van a dar guerra a un muy gran señor que reside y tiene su tierra junto a la destas mujeres, y por fuerza los traen a sus tierras y tienen consigo aquel tiempo que se les antoja, y después que se hallan preñadas los tornan a enviar a su tierra sin les hacer otro mal; y después, cuando viene el tiempo en que han de parir, que si paren hijo le matan y le envían a sus padres, y si hija, la crían con muy gran solemnidad y la imponen en las cosas de la guerra."*

²² Tradução livre para: *"Dijo más, que entre todas estas mujeres hay una señora que subjeta y tiene todas las demás debajo de su mano y jurisdicción, la cual señora se llama Coñori. Dijo que hay muy grandísima riqueza de oro y plata, y que todas las señoras principales y de manera no es otro su servicio sino oro o plata, y las demás mujeres plebeyas se sirven en vasijas de palo, excepto lo que llega al fuego, que es barro. Dijo que en la cabecera y principal ciudad en donde reside la señora hay cinco casas muy grandes que son adoratorios y casas dedicadas al sol, las cuales ellas llaman Caranain, y en estas casas por de dentro están del suelo hasta medio estado en alto planchadas de gruesos techos aforrados de pinturas de diversos colores, y que en estas casas tienen muchos ídolos de oro y de plata en figura de mujeres, y mucha cantería de oro y de plata para el servicio del sol; y andan vestidas de ropa de lana muy fina, porque en esta tierra hay muchas ovejas de las del Perú: su traje es unas mantas ceñidas desde los pechos hasta abajo, encima echadas, y otras como manto abrochadas por delante con unos cordones; traen el cabello tendido en su tierra y puestas en la cabeza unas coronas de oro tan anchas como dos dedos y aquellos sus colores."*

expedicionários ainda no Equador com as índias guerreiras encontradas na região próxima aos rios Nhamundá e Trombetas, até a altura da entrada do Estreito do rio Amazonas, adjacências da comunidade do Arapucu, no oeste obidense. O índio aprisionado conta ainda que,

Nesta terra, segundo os entendimentos, há camelos que os carregam, e disse que há outros animais, que não soubemos entender, que são do tamanho de um cavalo e que têm pelo espesso e a pata com fenda, que ficam amarrados e que são poucos. Ele diz que há duas lagoas de água salgada nessa terra, e que elas produzem sal. Ele diz que há uma ordem de que, ao pôr-do-sol, em todas essas cidades não pode haver índio macho saindo para suas terras: mas ele diz que muitas províncias de índios as consideram sujeitas e lhes prestar homenagem e servir a elas, e há outras com quem eles têm guerra, e especialmente com as quais já dissemos, e os levam para ter o que fazer com eles: eles dizem que são muito grandes no corpo e brancos é muita gente, e que tudo dito aqui ele viu muitas vezes, como um homem que vinha e ia todos os dias; e tudo o que esse índio disse e mais, eles nos disseram seis léguas de Quito; porque sobre essas mulheres havia grandes notícias; e para vê-las muitos índios descem o rio por mil e quatrocentas léguas; e assim os índios nos disseram acima que quem tiver que descer à terra dessas mulheres deve ir até lá jovem e voltar já envelhecido. A terra diz é fria e que há muito pouca lenha, abundância em todas as refeições; ele também diz muitas outras coisas, e que a cada dia descobre mais, porque é um índio de muitas razões e entendimento, assim como todos os outros [daquela] terra, como dissemos. (Carvajal, 1542, p. 36-37).²³

Somente no dia 26 de agosto de 1542, Orellana alcançou o oceano Atlântico, então conhecido como Mar do Norte. Seguiu viagem até Cubagua e Santo Domingo, embarcando para Espanha no final de 1542. O relato escrito por Gaspar de Carvajal fora apresentado por Francisco de Orellana ao rei Carlos V, que, impressionado com o que ocorrera durante a expedição, principalmente quanto à avassaladora derrota dos espanhóis para as *Icamiabas*²⁴ [ou Coñori,

²³ Tradução livre para: *"En esta tierra, según entendimientos, hay camellos que los cargan y dice que hay otros animales, los cuales no supimos entender, que son del tamaño de un caballo y que tienen el pelo de un jeme y la pata hendida, y que los tienen atados, y que destos hay pocos. Dice que hay en esta tierra dos lagunas de agua salada, de que ellas hacen sal. Dice que tienen una orden que en poniéndose el sol no ha de quedar indio macho en todas estas ciudades que no salga afuera y se vaya a sus tierras: mas dice, que muchas provincias de indios a ellas comarcas les tienen ellas sujetos y les hacen tributar y que les sirvan, y otras hay con quien tienen guerra, y especial con la que ya dijimos, y los traen para tener que hacer con ellos: éstos dicen que son muy grandes de cuerpo y blancos y mucha gente, y que todo lo que aquí dicho ha visto por muchas veces, como hombre que iba y venía cada día; y todo lo que este indio dijo y más nos habían dicho a nosotros a seis leguas de Quito, porque de estas mujeres había allí muy gran noticia, y por las ver vienen muchos indios el río abajo mil y cuatrocientas leguas; y así nos decían arriba los indios que el que hubiese de bajar a la tierra de estas mujeres había de ir muchacho y volver viejo. La tierra dice que es fría y que hay muy poca lenha, y muy abundosa en todas comidas; también dice otras muchas cosas, y que cada día va descubriendo más, porque es un indio de mucha razón y muy entendido, y así lo son todos los demás [de aquella] tierra, según lo habemos dicho."*

²⁴ *Icamiabas* ou *iacamiabas*, palavra composta de origem tupi [*i* = terra; *kama* = seio; *îaba* = partido, cortado], que significa "terra das mulheres de seios cortados", designação genérica dada a uma história-lenda sobre índias também chamadas de Amazonas que teriam formado uma tribo de mulheres guerreiras. O termo é também usado para designar uma serra nas proximidades do rio Conurís (Equador). Segundo a lenda popular amazônica, o elemento Muiraquitã (tupi *mbirakî'tã* "o = nó, verruga das árvores), é um amuleto oferecido como presente pelas guerreiras nativas Icamiabas aos índios guerreiros guacaris que visitavam anualmente suas tabas, às margens do Yacy-Uaruá, o lago espelho da lua, na imaginária região do rio Nhamundá, entre os estados do Amazonas e do Pará. Durante a visita, à meia-noite, as guerreiras mergulhavam no rio e traziam para a superfície, entrelaçado em suas mãos um barro verde. Arrancado do

semelhantes às antigas guerreiras hititas ou amazonas, da história grega], batizou o rio de *rio das Amazonas*.

Figura 3- Estatueta feminina com características típicas do estilo Konduri, achada às margens do rio Amazonas, no município de Óbidos. MIOB/Sala TI/7 - Registro 004 / 2093 2094, classificação cerâmica Indígena, de material argiloso, altura de 14cm.



Fonte: Arquivo Proext-CIMA/2014.

Dois anos depois, apesar das alegações de sua traição em relação a Gonzalo Pizarro e seu irmão Francisco Pizarro, Francisco de Orellana obteve do Rei o direito hereditário de propriedade da Amazônia para que pudesse explorá-la. No dia 10 de maio de 1545, Orellana deixou San Lúcar de Barrameda em direção à Amazônia. Porém, sua jornada já estava forjada, pois foi surpreendido

fundo do rio e ainda umedecido, o barro era moldado pelas guerreiras, que davam a ele formas diversas, tais como sapo e tartaruga. Após seu endurecimento, o objeto moldado era enfiado nas tranças de cabelos das guerreiras que os arrancavam e entregavam a seus guerreiros visitantes para ser usado como amuleto.

com a própria morte logo após chegar, em novembro de 1546, próximo a Macapá, capital do atual estado do Amapá, no norte brasileiro.

Cerca de um século depois da grande expedição de Francisco Orellana, no início de 1637, após uma viagem turbulenta realizada por dois frades franciscanos – Frei Domingos de la Brieba e Frei André de Toledo – e sete soldados espanhóis (BAENA, 1969), que afirmaram ter atravessado a bacia Amazônica até Belém, semelhante a expedição de Orellana, e que tiveram por objetivo promover ações missionárias junto aos indígenas ditos selvagens e explorar selvas, ocorreu um despertar de interesse de firmar uma fronteira portuguesa por parte do então governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará Jácome Raimundo de Noronha, que tinha conhecimento de que os Andes não poderiam servir de proteção eterna contra os espanhóis (ESPADA, 1889).

O governador indicou Pedro Teixeira e o dotou de um regimento (instrução) para comandar uma expedição, com rota contrária à realizada entre 1541 e 1542, por Francisco Orellana, em vista do reconhecimento e delimitação de território fronteiriço. Além da indicação Jácome de Noronha, Pedro Teixeira recebeu do Rei Felipe III de Portugal ordem de que deveria fazer a exploração do rio Amazonas, descobrir comunicação fluvial com Quito, escolher o limite mais conveniente entre os domínios das duas coroas e o local para uma povoação na linha divisória com fim de ampliar o território português sobre aquele que estava de posse dos espanhóis, apontar locais para possíveis fortificações e estreitar possíveis relações com índios.

No dia 28 de outubro de 1637, a expedição comandada por Pedro Teixeira deixa a vila de Cametá, na então província do Grão-Pará, para alcançar o rio Napo, em Quito, então vice-reino do Peru, e atual Equador. Levava consigo o cronista Maurício de Heriarte, o capelão Francisco Agostinho das Chagas e Frei Domingos de Brieva, que pouco tempo antes havia descido o rio em companhia do Frei André de Toledo. Lima e Coutinho, na obra *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*, comentam sobre a expedição que,

Por seus méritos, o agora capitão-mor e general Pedro Teixeira foi designado para liderar a épica expedição, a primeira missão de grande porte e a mais importante viagem de reconhecimento e penetração realizada naquele século. A frota parte a 28 de outubro de 1637 e, em janeiro de 1638, encontra a foz do rio Negro; no início de julho do mesmo ano, chega à confluência dos rios Napo e Aguarico (atual

fronteira Peru-Ecuador) que teria sido chamado pelos portugueses rio do Ouro. Nesse ponto, Pedro Teixeira deixa uma guarnição para explorar a região e preparar o regresso. Em 15 de agosto, chega à jurisdição da Audiência de Quito, e sobe a cordilheira em direção àquela cidade, onde é recebido pelo governador. (LIMA; COUTINHO, 2016, p. 15).

A chegada de Teixeira a Quito não fora vista com bons olhos pelos representantes da corte espanhola local, e a recepção provocara um alerta na província ibera,

Se aos portugueses surpreendera a chegada de espanhóis a Belém, a recepção ao comandante da expedição não escondia a perturbação espanhola. De posse de um mapa e das anotações feitas durante o percurso, a autoridade peruana envia todo o material a Madri. Ao tomar conhecimento do minucioso relato, o Conselho das Índias, indignado, propõe a Filipe IV (III de Portugal) não somente um castigo ao governador Jácome de Noronha, idealizador da façanha, pelo atrevimento da descoberta da navegação até o Peru, mas também, com a maior severidade, que Portugal abandone a boca do Amazonas e as províncias do Maranhão. O rei, entretanto, compreendeu a dimensão do fato e os benefícios que traria à Coroa Ibérica, e não atendeu aos reclamos do Conselho das Índias. Ao contrário, a região passou a ter relações diretas com Lisboa, separadamente do governo do Brasil. (LIMA; COUTINHO, 2016, p. 16).

Esse mal-estar provocou mudanças na autorização dada pelos representantes da coroa ibérica em Quito, para que Teixeira pudesse fazer o percurso de volta, pois havia desconfiança de que as instruções dadas a Teixeira pelo governador do Maranhão e Grão-Pará Jácome de Noronha, e a proximidade da data de separação das Coroas Ibérica e Lusa, que haviam sido unificadas como resultado da união dinástica entre Portugal e Espanha, no ano de 1581 pelo Tratado de Tomar, após a Guerra da Sucessão Portuguesa, eram indícios de uma conspiração de que resultaria a independência de Portugal, em 1640, e a expedição documental de Teixeira asseguraria a posse da maior parte do rio Amazonas, antes da efetivação da separação.

A autorização dada a Teixeira para o seu retorno a Belém exigia que o expedicionário levasse consigo o jesuíta Cristóbal de Acuña, nomeado pelo provincial da Companhia, por ordem do vice-rei do Peru, que havia instruído a obrigatoriedade da presença de pelo menos dois espanhóis relatores do retorno expedicionário de Pedro Teixeira (LIMA; COUTINHO, 2016). Assim, a narração cronista da jornada foi dada ao padre jesuíta Cristóbal de Acuña, que publicou

relatos da expedição na Espanha, no ano de 1641, com o nome de *Nuevo descubrimiento del Gran Río de las Amazonas*.

No dia 16 de fevereiro de 1639, O Capitão-mor Pedro Teixeira começa em Quito sua viagem de volta para o Pará, com o padre Jesuíta Cristóbal de Acuña que escreveu um relatório diário da expedição bastante diverso ao de Carvajal. O cronista de Teixeira não impressiona tanto em suas descrições e tampouco há relatos fantásticos como os feitos por Carvajal, pois seus relatos sequer mencionam *milhares de guerreiros, estradas boas, a melhor porcelana do mundo, mulheres guerreiras*, conforme sugere o cronista em seu relato. Entretanto, é importante apresentar que Acuña expõe em seu relatório diversidade de nações habitando em ilhas, em barrancos de terra firme, à beira de rios secundários e no interior. Ele descreve:

Todo este novo mundo, chamemo-lo assim, é habitado por bárbaros de distintas províncias e nações, das quais posso dar fé, mencionando-as pelos nomes e assinalando sua localização, algumas de vista e outras por informações dos índios que nelas estiveram. Passam de cento e cinquenta, todas de línguas diferentes, tão vastas e povoadas como as que vimos por todo este caminho, conforme depois diremos. Essas nações ficam tão próximas umas das outras, que, em muitas delas, dos últimos povoados de uma se pode ouvir o lavar da madeira nas outras [...]. (ACUÑA, [1641] 1994, p. 95).

Acuña registrou grandes assentamentos ao longo do rio Amazonas. Entretanto, não relata ataques sofridos pela expedição durante a viagem, embora haja testemunho descritivo de guerras entre grupos indígenas rivais. Em seus relatos há também pontos em comum com os de Carvajal, um deles é o de que em certas localidades a população os tratava bem e oferecia-lhes comida em abundância. Suas anotações se concentraram nas observações da vida cotidiana, agricultura, e manejo de recursos como a criação de quelônios em lagos artificiais. Acuña também relata que na chegada da expedição de Teixeira ao rio Tapajós, os expedicionários testemunharam portugueses atacando e capturando índios Tapajós, e os escravizando para trabalhos braçais em Belém. Neste período, os portugueses atacaram as colônias inglesas e holandesas, matando-os ou expulsando-os da região. Teixeira, que partira de Cameté em 28 de outubro de 1637, terminou a sua famosa expedição no dia 12 de dezembro de 1639.

O que podemos notar, numa correlação entre os relatos de Carvajal e os de Acuña, é que os objetivos das duas expedições são bastante diferentes, principalmente quando se trata da organização das sociedades indígenas na região do Amazonas, que nos parece ter sido nesse raio geográfico as situações mais belicosas entre expedicionários e indígenas, culminando com a citação de Carvajal a sociedade específica, chamada de Coñoris ou Conduris.

De primeira assertiva, podemos afirmar que na expedição de Orellana, Carvajal tratou de demonstrar a grande aventura do capitão líder da expedição, por sobre uma região desconhecida e que, por isso, resultou em ocorrências dos mais diversos incidentes, para afirmar que o capitão da expedição não tivera a intenção de trair seu superior, Gonzalo Pizarro, ainda que o acaso lhe tenha premiado com a glória histórica por sobre seu superior, falido em seu empreendimento. Carvajal também evidencia uma história repleta de fatos mesclados a narrações imaginárias, com uma narrativa que em certos momentos chega a ser prolixa e desatenta, provocando no leitor um olhar exótico e místico da região, sem o rigor da objetividade que uma narração menos fantasiosa exigiria. Narração essa que fora registrada como primeiro relato das representações da Amazônia.

Há também no discurso de Carvajal um forte apelo religioso, como devotando a Deus o milagre do sucesso da expedição. Sem os exageros de hipérbole, que facilmente se pode identificar no texto – como é o caso de Maldonado ter conseguido pegar mais de mil tartarugas para sua alimentação, tê-las colocado no barco e ainda assim ter passado fome léguas depois (CARVAJAL, 1542) –, alguns elementos válidos para se compreender, ainda que de forma provisória, a história da Amazônia.

Ainda a primeira expedição, parece encerrar-se numa viagem aventureira às *escuras* por um rio Grande e desconhecido, com a intenção de encontrar provimento alimentar a uma tropa, e de fazer jus à ganância de se achar o tão sonhado Reino de *El Dorado*. Extraordinariamente aos eventos de uma expedição comum para aquela época, encontram luta e resistência por parte de guerreiras mulheres, lideradas por uma grande mulher de nome Coñori. O relato de Carvajal faz evidenciação às Amazonas, guerreiras que moravam em um povoamento matriarcal. Elas são descritas como ricas, organizadas, de espírito belicoso, com homens súditos e tributários a elas. Cientes da chegada da

expedição às suas terras, repelindo o inimigo para evitar que os povoados sob sua proteção sejam saqueados por Orellana. O relato apresenta um trombeteiro aprisionado durante a guerra contra as guerreiras, que detalha a vida e as características dessas guerreiras. Esse relato nos recorda o mito das Amazonas de Heródoto. MAGASICH-AIROLA e DE BEER comentam que,

O mito das Amazonas remonta a Heródoto, no século VI a.C.: Nas margens do Thermodon, perto do mar Negro, viviam tribos de mulheres guerreiras, as Amazonas, que tinham invadido uma grande parte do Oriente próximo, apoderando-se de Éfeso, Esmirna, Pafos e outras cidades. (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, p. 155).

Nesse mesmo ponto, José Maria Pinto, em seu artigo *Representações da Amazônia na relação de Carvajal: devaneio e mistificação*, esclarece que a mítica narrativa das Amazonas não é novidade no cenário literário mundial,

Virgílio, na Eneida, coloca Pentesileia, a rainha das Amazonas, lutando ao lado dos troianos. Um dos doze trabalhos de Hércules foi tomar o cinto de Hipólita, rainha das Amazonas. Alexandre Magno as visita no Thermodon. Marco Polo, no século XIII de nossa era, dá testemunho do reino de Resmacoron, fronteira com a Índia, onde havia uma ilha habitada exclusivamente por mulheres e outra por homens. Colombo anota em seus Diários notícias sobre a existência de ilhas similares na América – que, então, ele pensava ser a Ásia. Na segunda viagem à América, a frota de Colombo chega a ser atacada por uma “nuvem de flechas” lançadas por “um grupo de mulheres”, nas Antilhas. Antonio Pigafetta, cronista da expedição de Magalhães, também escreve sobre uma ilha só de mulheres. Gonzalo de Oviedo, na sua *Historia General y Natural de las Indias*, menciona a existência, nas terras do Novo Mundo, de regiões onde as mulheres “são senhores absolutos (...) e praticam armas (...) como essa rainha chamada Orocomay.” De Colombo para cá, nenhuma narrativa sobre as amazonas é tão extraordinária quanto a de Carvajal – pois ele, somente ele, as viu (PINTO, 2013, p. 9).

A lenda fora ainda mais evidenciada com a confirmação imaginativa de Acuña, para quem as guerreiras de fato existiam. Entretanto, o exagero dos povoamentos diversos, as guerras intermináveis com quase sempre vitória do conquistador, as descrições das mulheres guerreiras tão ricas de detalhes, não encontram forte eco nas descrições de Acuña, quase um século depois. No caso deste, o que se nota é um inventário bastante objetivo da região, o que nos permite de certa forma pelo comparativo investigar possíveis mudanças ocorridas na região em um período de um século.

Nessa expedição de Teixeira, há um descritivo mais objetivo das riquezas gerais e mapeamento dos povos que habitavam as margens do rio das Amazonas, com o fim de fundamentar o domínio português na região, contra a

tentativa espanhola de apossar-se da região cheia de riqueza. Nesta segunda expedição, Acuña cita os Conduri como um povo que habitava uma porção de terra as margens do rio Trombetas, próxima ao rio Nhamundá, que recebeu esse nome por conta de que ali existiam os índios Jamundás. Acompanhava Teixeira em sua viagem, Maurício de Heriarte, que também comentou, no ano de 1662, em sua crônica *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*, sobre a expedição de Pedro, e classificou os Conduris, na mesma lógica que Acuña, como grandes ceramistas, selvagens, canibais e arraigados de vício de beberagem, sendo não civilizados e passíveis de escravização.

Em todo caso, é importante afirmar que o estabelecimento das populações nas Américas, que ocorreram a milhares de séculos, fora de certa forma negligenciada pelos cronistas expedicionários. Entretanto, no quesito *como essas sociedades se organizavam?* Carvajal e Acuña, em formas diferentes, apresentam suas percepções. Enquanto o primeiro vislumbra organização que beira à civilidade, Acuña não demonstra o mesmo otimismo, pois o adensamento populacional 'espetacularizado' por Carvajal, não encontra eco em seu relato. Ainda assim, há um reconhecimento da possível existência dos Conduris como nação, evidenciada em ambos os relatos.

CAPÍTULO II

PRESENÇA KONDURI NA REGIÃO AMAZÔNICA: APROXIMAÇÕES E DISCUSSÕES HISTÓRICAS

Segundo a tese de Guapindaia (2008), os Conduris, Condurizes, Coñoris, Conuris, ou mesmo Konduris, apesar de datarem desde o século V, foram apenas registrados no século XVI ao XVIII, por meio das narrativas de expedicionários e viajantes que fizeram contato direto com essa população quando se propuserem a navegar pelo rio Amazonas. Dentre elas estão, a de Orellana descrita pelo cronista Carvajal (1542), a de Pedro Teixeira descrita por Acuña (1641), Heriarte (1662), Cruz (1900), Fritz (1900), entre outros.

Aliado aos comentários documentais e históricos dos cronistas, as cerâmicas encontradas numa extensão considerável ao longo do rio Amazonas, na sua porção *esquerda*, mais precisamente na região conhecida como Baixo Amazonas, são evidências da cultura materializada dos Konduri, pois afirmam a presença dessa população nessa região, uma vez que são vestígios arqueológicos deixados por eles. É o que nossas pesquisas nos permitem afirmar, considerando interpretações de sua organização social, haja vista que os Konduri foram extintos em meados do século XVIII. Ainda assim, pouco se sabe sobre esse grupo.

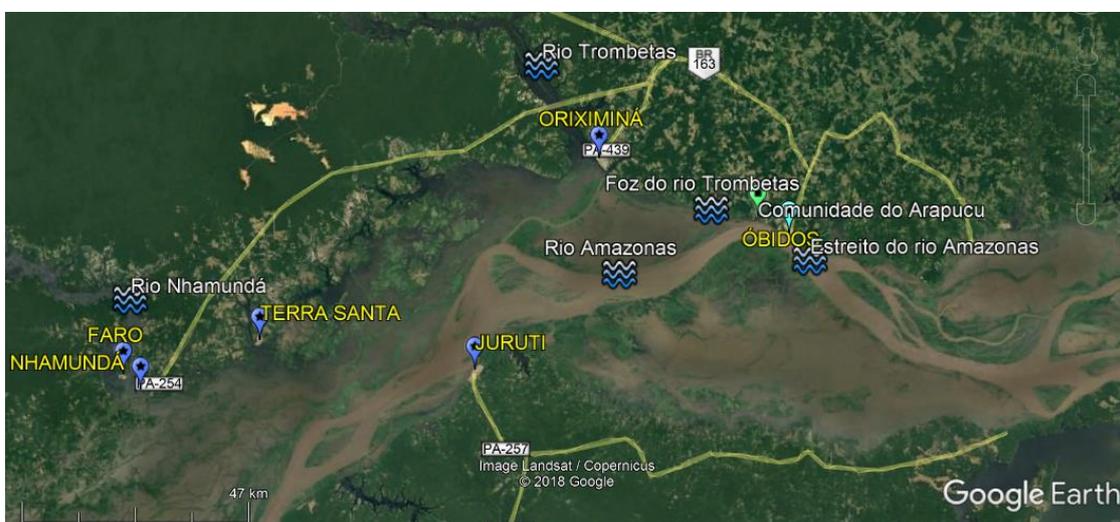
Por isso, as histórias dos Konduri são apresentadas nesse tópico como um trabalho interpretativo por meio de fundamentos discursivos históricos e de achados cerâmicos que, além de comprovar que as descrições, em vários relatos expedicionários europeus, não são de cunho tão imaginário como a crítica moderna e contemporânea apregoa, reforça a presença dessa cultura na região, procurando nos limites da evidenciação apresentar uma possibilidade de atestamento da presença Konduri na região do Baixo Amazonas.

2.1 Localizações do Grupo Indígena Konduri e Denominação étnica

Os Konduri viveram desde o século V ao XVIII, nas margens e nos afluentes do rio Amazonas (GUAPIDAIA, 2008). Sua primeira aparição, nos registros históricos, consta nos primeiros relatos de Carvajal, na expedição

conduzida por Francisco de Orellana, entre os anos de 1541 e 1542, conforme já anotamos no capítulo anterior. Os relatos descreviam a existência de uma grande província povoada por uma densa população indígena, nomeada por ele como São João²⁵, habitada predominantemente por mulheres guerreiras. Essa região se encontrava entre as atuais cidades de Nhamundá, nas adjacências do rio Nhamundá, passando pela foz do rio Trombetas, a algumas léguas da região do Arapucu, no município de Óbidos [Figura 4]. No dia em que encontraram a região povoada, estavam à procura de local para comemorar o dia de São João Batista, por isso, o batismo dessa localidade com esse nome.

Figura 4- Panorâmica da região do Baixo Amazonas, com a possível presença dos Konduri.



Fonte: Google Earth/2019.

É importante ressaltar que era tradição dos reinos colonizadores de Portugal e Espanha de nomear as localidades conquistadas com nomes vinculados ao cristianismo, evidenciando assim uma visão cristã eurocêntrica nos territórios expedicionados e conquistados.

Durante a busca por um lugar para festejar o dia de São João Batista, nos arredores da região do Baixo Amazonas (figura 04), foram atacados por índias guerreiras, que ficaram conhecidas como *Conuri ou Conduris*, cuja “tribo” (“Amazonas”, por associação ao mito grego) vivia de cinco a sete jornadas ao norte da bacia do rio Nhamundá (PORRO, 1992). Outro cronista que reforça a

²⁵ Segundo relato de Gaspar de Carvajal (1542), no dia em que encontram a região povoada, eles estavam à procura de um local para comemorar o dia de São João Batista, por isso, o batismo da localidade com esse nome. É importante também ressaltar a imposição religiosa para a nomeação das localidades presente nas crônicas dos europeus, colocando uma visão cristã eurocêntrica nos territórios “descobertos” pelos expedicionários.

presença Conduri nos afluentes do Rio Amazonas é Heriarte (1662, p. 38), “[...] *Da banda do norte, que he da outra banda do rio das Amazonas, está o rio das Trobetas, mui povoado de Índios de diferentes nações; como sam Condurins, Bobuis, Aroases, Tabaos, Curiatos e outros muitos; [...]*”

Segundo o dicionário etnográfico da Amazônia, no século XVII, foram registrados vários conceitos etnográficos para os Konduri, todos com a mesma essência de povoado à beira do rio Amazonas. O primeiro a descrever seria Carvajal, em 1542, evidenciando o caso das mulheres guerreiras; o segundo fora descrito por Acuña, em 1641, como uma população que habitava a foz e o baixo curso do Nhamundá, em direção aos limites da foz do rio Trombetas, e se chamava *Conduri*. Cruz (1900) aponta que em 1650 continuavam lá, num lugarejo de seis casas, situado na boca de um rio mediano, e seus habitantes eram chamados de *Condurises*. Em 1691, Fritz, apontara que os Conduris viviam numa região de morros entre o rio Trombetas e a região oeste de Óbidos (PORRO, 2007), que coincide com as serras extensivas do Curumu e do Arapucu, entre outros expedicionários.

Ressalta-se que todos os estudiosos que investigaram a existência da referida população indígena concordam em definir a presença deles entre a entrada do rio Nhamundá, região de Faro até alcançar a foz do rio Trombetas, atualmente na divisa dos municípios de Oriximiná com Óbidos, reforçando a problemática dessa dissertação, que investiga um possível aldeamento dos Konduri na região onde hoje é conhecida como Arapucu²⁶, no interior oeste de Óbidos – PA, próximo à foz do rio Trombetas.

Notemos que o termo étnico utilizado para denominar a população indígena existente na região do Baixo Amazonas no período inicial da colonização é bastante impreciso. *Conori, Coñori, Conduri, Condurize, Konduri* são variantes utilizadas por diversos escritores, pesquisadores e expedicionários para caracterizar a mesma população. Nossa opção é de adotar o termo *Konduri*, mais comumente adotado pela maioria dos pesquisadores contemporâneos, entre eles Nimuendajú, Guapindaia e Gomes. Contudo, pouco ou quase nada se sabe sobre o significado “Konduri”.

²⁶ A organização territorial do oeste de Óbidos, na margem esquerda do rio Amazonas, desde a foz do rio Trombetas até a sede do município, que antes era ocupada pelos Konduris, é composta atualmente por três comunidades respectivas, que são: a comunidade vila do Curumu (1971), a comunidade de remanescentes de quilombo Arapucu (Sec. XIX) e a comunidade ribeirinha do Sucuriju (1970).

Há duas hipóteses possíveis para o emprego desse termo na designação dessa etnia. A primeira refere-se ao fato de Carvajal ter sido o primeiro a fazer registro sobre os índios na região, empregando o termo para nomear a grande senhora líder das mulheres guerreiras, sendo *gentilizado* o termo Konduri para todos os índios dessa região, embora se tenha dados de que outras etnias também viviam na região, o que é o caso dos *Mura*, com registro de achados arqueológicos ocorridos na margem direita do rio Amazonas, justamente no início do estreito, local, onde à margem esquerda desemboca o rio Trombetas.

A segunda é defendida por Castro (2018), que apresenta em seu dossiê que o nome *Coñori* fora citado por um dos índios capturados por Orellana, em um dos combates no Rio Amazonas, e ao ser interrogado afirmou que as mulheres guerreiras eram comandadas por uma senhora “...*suprema chamada Coñori, e que em suas terras existiam muitas riquezas, ídolos de ouro e prata, além de cidades que cultuavam divindades solares*” (CASTRO, 2018, p. 205).

2.2 Organização Social, Sistema Cultural e o cotidiano dos Konduris

É notório que nos relatos das primeiras expedições colonizadoras já se registravam sociedades nas proximidades dos afluentes e às margens do rio Amazonas, com alto grau de complexidade. Uma dessas sociedades era denominada de Konduri. Caracterizadas como hierarquizadas em sua organização social e nos cultos religiosos (GUAPINDAIA, 2008), essas sociedades tinham o domínio das artes de produção artesanal de cerâmicas e da atividade agrícola, o que confirma certo grau de complexidade cultural desse grupo indígena. Nota-se que, ao relatar a organização do Konduris, Acuña (1641) comenta a utilização de flechas envenenadas usadas pelas guerreiras da tribo para afastar o perigo de suas terras. Heriarte, em seus relatos, também indica que na região de Trombetas havia uma população semelhante à relatada por Acuña, e que era desvirtuada da moral europeia, pois, “*todos eles sam de pouca vergonha. Vivem nûs, assim os homens com as mulheres, sem cobrirem as partes vergonhosas*” (HERIARTE, 1662, p. 38).

Além disso, ele salienta que o rio Trombetas recebeu esse nome por causa das grandes trombetas que os índios usavam em seus festejos. Quando comparados aos Tapajós, havia também o domínio de técnicas para a

Amazonas guarda fortes semelhanças com aquelas encontradas nas regiões montanhosas (GOMES, 2002).

No que se refere às primeiras descrições sobre a cerâmica Konduri, inicialmente elas foram localizadas na região que compreende Trombetas-Nhamundá, e descritas primeiramente por Hilbert no ano 1955 que definiu várias diferenças entre as cerâmicas produzidas pelos Tapajós. Em sua descrição, ele destaca o emprego pelos Konduri quanto à tecnologia, à forma e à decoração. Gomes, citando Hilbert apresenta todas as características do grupo Konduri,

A cerâmica Konduri é descrita como temperada com cauixi em quantidades abundantes, de cor variada em quantidades abundantes, de cor variada, desde amarelo, vermelho, cinza até o marrom. As Formas reconstituídas são vasilhas globulares, tigelas, pratos, assadores e vasos com suporte trípole, algumas com ornamentação plástica. A decoração envolve por vezes pinturas vermelhas e raros exemplares com pintura amarela, além de ocorrência de padrões de incisão retilínea [...], [...] os adornos apresentam cabeças ou figuras antropomórficas e zoomórficas, sendo reconhecíveis como o jacaré, a tartaruga, o tatu, o macaco, e o urubu-rei [...] [...] além dos apêndices, são característicos os filetes aplicados cobertos por incisão e ponteados, e também os “botões” [...] com protuberância arredondadas com superfície lisa ou decorada por incisão simples, círculos e ponteados. Embora variados estilisticamente, os tipos de olhos são os feitos por incisão circular com ponteados no centro ou por meio de aplicação de uma protuberância redonda com ponteados no centro. Por fim, destaca-se na decoração Konduri as alças de vários tipos. (HILBERT *apud* GOMES, 2002, 43-44).

Outro trabalho que contribuiu substancialmente para a caracterização do estilo Konduri, representando uma nova fase de estudos arqueológicos da cultura desses povos na região foi a tese Guapindaia (2008). Além de confirmar o estilo *inciso ponteados* que a difere da cultura Santarém, conseguiu distinguir três camadas estratigráficas com diferentes características do estilo Konduri. Além disso, a pesquisadora aponta outro fator importante, que é a presença de aditivos como o cauixi, caco moído e às vezes a junção de cauixi e caripé, na composição da cerâmica. Todas essas assertivas confirmam de fato a história desse grupo originário e demonstra a importância e a necessidade de se aprofundar as investigações sobre aspectos mais culturais e de herança nessa região brasileira do Baixo Amazonas.

2.4 Caracterização Estilística das Cerâmicas Kondurins: Amazônia Pré-colonial

Considerando a relevância de uma análise pautada em evidências e estudos e métodos arqueológicos, caracterizar estilisticamente as cerâmicas é indispensável quando estudam-se populações extintas. No Brasil, com destaque àquelas que ocupavam a Amazônia, levanta diversas preocupações, dentre elas a perda da memória, história e cultura dessas populações, principalmente no que diz respeito à espacialidade e a construção social, que são perdidos quando essas sociedades desaparecem.

O grupo Kunduri destaca-se pela sua presença evidenciada por cerâmica numa extensão que perpassa mais de quatro municípios da Amazônia Ocidental, Óbidos, Oriximiná, Faro e Trombetas, cuja sua matriz cultural foi perdida no tempo e no espaço, restando apenas deduções e vestígios cerâmicos que contam sua materialidade na Região do Baixo Amazonas.

A valorização cultural, bem como o resgate e conservação da memória de grupos étnicos da Amazônia são essências para entendermos a construções social e ideológica dos antepassados que viveram nessa região, bem como compreender a suas relações de sobrevivência, territorialidade e fonte de matéria-prima para a perpetuação da sua cultura.

Reflexão sobre a importância de conhecer e estudar populações indígenas presentes na Amazônia antes da colonização europeia, discutindo a questão da cultura indígena na região como patrimônio histórico cultural deixado como legado de uma cultura diversa e rica em símbolos que foram fontes para a construção da identidade da população amazônica.

Assim sendo, dada a relevância da investigação dos povos indígenas extintos no Baixo Amazonas, sobretudo os Konduris, lançamos como pergunta norteadora: Os estilos cerâmicos kondurins podem servir como base material de uma sociedade complexa? Para responder tal pergunta, tomamos como objetivo geral caracterizar estilisticamente as Cerâmicas Konduri da região do Arapucu em Óbidos-PA.

CAPÍTULO III

A GEOARQUEOLOGIA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA E BASE FUNDANTE DA HISTÓRIA DOS KONDURI NO BAIXO AMAZONAS

A necessidade de uma nova abordagem nas ciências humanas no final do século XX, ou seja, com mais envolvimento analítico e que pudesse assim acompanhar as inovações tecnológicas teve início já no pós-segunda guerra mundial na América do Norte, referência nas áreas de conhecimento em geral, principalmente na antropologia e na Arqueologia. Foi a partir dessa demanda que surgiram vários debates para a uma reformulação na Arqueologia dos modelos de pesquisa, conhecida como “Nova arqueologia”, proposta por Joseph Caldwell, que afirmou a necessidade da valorização da ecologia e de padrões de assentamento, e de um novo interesse pelo processo cultural (MILHEIRA *et al*, 2009; TRIGGER, 2004). A antiga arqueologia tinha como objetivo o estudo apenas de “coisas” produzidas pelo homem descartando seu contexto cultural e suas relações com habilidades tecnológicas, apontadas como característicos de sociedades complexas desenvolvidas. Mas, a reformulação da arqueologia veio a sanar lacunas e fortalecer “*o estudo da cultura material que busca compreender as relações sociais e as transformações na sociedade*” (FUNARI, 2010, p. 15).

Nesse contexto, a arqueologia estabeleceu relações interdisciplinares para auxiliar nas suas interpretações, e vice-versa. As ciências exatas, por meio das ciências da terra, empregaram seus eficazes métodos analíticos para interpretações das sociedades passadas e originárias, tanto pelo campo da geologia – análise de solo onde habitavam paleoíndios, descrição de perfis estratigráficos, análises físico-químicas e microscópicas para identificar composição das cerâmicas e datação –, quanto à geofísica – sensoriamento remoto, imagem de satélite, topografia, sismologia –, como descreve Moraes (1999) sobre a contribuição da “geo”:

[...] as contribuições da *(Geo)grafia*, da *(Geo)morfologia* e da *(Geo)logia* para a *Arqueologia* constituem o fator “geo”. Esta contribuição será sempre entendida em dupla mão-de-direção, caracterizando uma verdadeira interdisciplinaridade. O fator “g e o ” integra o uso das *geotecnologias*, aqui expressos o sistema de posicionamento global (GPS), o sistema de informações geográficas (SIG), o sistema de sensoriamento remoto (SSR), a modelagem digital

de terreno (MDT) e os softwares do sistema CAD (*Computer aided design*) e CAM (*computer aided mapping*). Assim, dentre outras possibilidades, o fator geo marca sua importância no conteúdo da disciplina arqueológica e seu planejamento: sua aplicação é direta na prática da arqueologia rotineira, no resgate arqueológico e nos esquemas de gestão do patrimônio das comunidades, incluindo o segmento arqueológico (MORAIS, 1999, p. 3).

O emprego das ciências da terra parte do pressuposto que investigar uma cultura extinta é, sobretudo, um trabalho exaustivo, necessitando de tecnologias que possibilitam a análise cuidadosa de cultura materializada, como artefatos líticos e/ou cerâmicos, para reconstituir o passado, pois a geociência sempre buscou interpretar a história da terra a partir dos seus próprios vestígios, com técnicas e métodos bastante eficazes.

Na última década, diversos trabalhos geoarqueológicos vêm sendo desenvolvidos na Amazônia (SOARES, 2007; SILVA, 2010; CANNAPAN, 2007; KERN, *et. al* 2013), revelando o potencial científico da região e sua importância no cenário investigativo nesse ramo. Um dos exemplos dessa contribuição interdisciplinar na Amazônia é a pesquisa de Silva (2010), que constatou os altos teores de Fosfato presentes na Terra Preta Amazônica (TPA), – Barcarena, Caxiuanã e Juruti no Pará; e Tacana em Letícia, na Colômbia –; sugerindo que pode ser resultado da capacidade das cerâmicas em liberar nutrientes para o solo, uma vez que as amostras estudadas pela autora apresentaram altos valores de elementos químicos que aumentam a fertilidade do solo, o que é possível ser verificado por meio de análises mineralógicas, por Difração de raios-X (DRX), microscopia óptica e eletrônica de varredura para a determinação dos anti-plásticos e dos aspectos texturais, além da determinação da composição química total por ICP-MS via fusão alcalina.

Cannapan (2007) também se apoiou em análises geoarqueológicas, por meio de análises químicas do solo de duas regiões distintas da Amazônia para demonstrar que há uma diversidade de comunidades de microrganismos em solos de terra preta antropogênica e uma variedade de microrganismos que aumentam a capacidade nutritiva do solo.

Os primeiros estudos a empregar tecnologia para entender os povos antigos na região do Baixo Amazonas, foram feitos por Peter Hilbert e, posteriormente, por Peter e Klaus Hilbert na década de 1950, na região do rio Trombetas. Os pesquisadores utilizaram o método radiocarbono para identificar

a datação das cerâmicas por eles investigadas, e que resultaram na confirmação da ocupação Pocó²⁷ e Konduri na região do Baixo Amazonas (RODET, GUAPINDAIA, MATOS, 2010). Nessa mesma região, Guapindaia (2008) encontrou peças que também foram datadas, com idade semelhante às de Hilbert. Além disso, ele observou a presença de temperos que dão dureza às cerâmicas, como o *cauixi*, a mistura de *cariapé+cauixi*, material fornecedor de líquido para pinturas e coloração. Entretanto, supõe-se que a constatação da presença desses materiais foi realizada a “olho nu”, pois não foi encontrado em sua tese método analítico ou georquiológico que confirmasse a presença desses temperos. As técnicas georquiológicas poderiam auxiliar nesse caso e confirmar ou não a presença e a composição desses materiais.

A ausência de pesquisas georquiológicas nessa região da Amazônia é o que motiva esse trabalho, pois a maioria dos trabalhos arqueológicos na região por nós verificados se respalda apenas em métodos da arqueologia tradicional, deixando de lado ou esquecidos detalhes fundamentais para uma melhor compreensão da organização e complexidade dos povos originários que estamos investigando. Exemplo disso é o desconhecimento da cronologia das cerâmicas de Santarém, outro grupo indígena importante da região oeste paraense. As únicas suposições foram realizadas por Ana Roosevelt, Vera Guapindaia, e uma distinção estilística realizada por Meggers e Palmaraty, conforme atesta Gomes (2002), reforçando o grande potencial de estudos que auxiliem a arqueologia a reconstruir a história antepassada da região.

3.1 Técnicas Físicas em Fragmentos Cerâmicos

O trabalho interdisciplinar de empregar técnicas físicas e químicas a fragmentos cerâmicos é uma das formas mais precisas de aproximar o passado e presente da história dos povos antigos. Essa prática ficou conhecida pelo nome de arqueometria. Seus métodos de estudo auxiliam no esclarecimento da forma de fazer cultura do homem pré-colonial, bem como possibilita realizar conclusões mais aproximadas do cotidiano dos povos indígenas. De acordo com Alves *et. al*

²⁷ A ocupação Pocó é caracterizada por alguns pesquisadores como populações que viveram anteriormente a sociedade Konduri, ou seja, entre os séculos II a.C e IV d.C. Mas que se restringiam a poções ribeirinhas como descrevera Hilbert & Hilbert, (1980), Entretanto foi verificada por Guapindaia sobreposta à camadas que foram encontradas as cerâmicas Konduri e não apenas na região a margens de rios.

(2014), a arqueometria é uma das bases da geoarqueologia para análise de objetos arqueológicos, como as cerâmicas, bem como de patrimônios culturais materiais. Essa ciência foi difundida amplamente em meados do século XX, embora antes disso já se tenha notícias de estudos que aplicavam essa técnica (KERN *et. al*, 2013).

Para Milheira *et. al* (2009), as análises arqueométricas são essenciais nos estudos de cerâmicas, pois as técnicas empregadas permitem medições precisas, possibilitando a caracterização química e mineralógica da pasta cerâmica, do antiplástico e dos bancos de argila extraídos do ambiente em que estavam inseridos os antepassados, e auxiliam na compreensão de aspectos deposicionais e pós-deposicionais das peças. Desse modo, é plausível apontar que entre as técnicas mais utilizadas estão análises arqueométricas por meio de “*Microscopia eletrônica de varredura, fluorescência de raios-X, difração de raios-X, espectroscopia de infravermelho e Raman, análise térmica (TG-DTA-DSC)*” [...] (KERN *et. al*, 2013, p. 93), que permitem a identificação de compostos químicos e mineralógicos nos mais variados artefatos cerâmicos,

[...] Novas tecnológicas e métodos de medição vêm sendo empregados cada vez mais no sentido de otimizar os trabalhos de campo e possibilitar um melhor entendimento das sociedades que habitaram uma região, através do estudo dos materiais que compõe o sítio arqueológico [...]. (KERN, *et. al*, 2013, p, 91).

Nesse sentido, os estudos geoarqueológicos têm avançado bastante, auxiliando as pesquisas arqueológicas, facilitando e tornando a análise mais rápida e mais precisa. Entre as técnicas físicas mais utilizadas, destacam-se a difratometria de raios X (DRX) e a Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), adotadas em nosso proceder laboratorial como instrumentos de coleta de informações.

3.1.1 Nota explicativa de Difração de Raio-X (DRX) e de Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV)

Uma das técnicas mais eficazes no reconhecimento de fases mineralógicas é a difração de Raio-X por possuir várias vantagens: os resultados são consistentes, simples, rápidos e confiáveis; além de possibilitar a análise de

materiais compostos por uma mistura de fases e análise quantitativa. Isso foi possível porque no ano de 1912, após a descoberta do Raio-X, Von Lane comprovou que cada material possuía estrutura atômica tridimensional, que produzia um padrão que difrata linhas nítidas que correspondem ao seu plano cristalino (SHEPARD, 1956). Para ele, qualquer elemento ou composto químico puro possui difração própria no espectro do Raio-X, e são esses padrões que possibilitam o estudo da estrutura cristalina de materiais, como a cerâmica, para a identificação de fases mineralógicas.

William Henry Bragg e William Lawrence Bragg conseguiram observar, que cada cristal que possuía padrões feitos por raios-X característicos era resposta dos arranjos organizados dentro dos cristais, o que levou os dois estudiosos a desenvolver cálculos matemáticos para determinar os arranjos de átomos a partir dos padrões de raios-X. Sua principal fórmula matemática é expressa por uma equação conhecida como lei de Braggs:

$$n\lambda = 2d \sin(\theta)$$

Essa fórmula tem como fundamento que a difração é representada pela interação do feixe de raio incidente com os elétrons dos átomos dos materiais analisado. Ocorre então a radiação de uma amostra e na detecção dos fótons difratados, então o feixe de raio-X é projetado em um mineral e o ângulo do feixe refletido em um detector é gravado. Ao refletirem na camada de átomo de um cristal, alguns feixes penetram profundamente o cristal percorrendo uma distância maior do que a que ficou na superfície, de modo que o mais raso não será observado. Desse modo, o feixe percorre uma distância entre as camadas do cristal, deixando o ângulo incidente na mesma distância do comprimento de onda do raio X. Isto coincide com as alturas das ondas, obtendo interferência construtiva, observada no detector uma reflexão de raios-X.

Logo se lê na fórmula que quando o comprimento de onda (λ) é igual a um múltiplo integral (n), com o dobro do espaçamento do cristal (d), multiplicado pelo seno do ângulo de incidência (θ), observa-se um raio-X no detector. Ora, o comprimento de onda (λ), escolhido antecipadamente, é constante e conhecido, de modo que é necessário apenas conhecer os ângulos nos quais os raios X são difratados para calcular as distâncias das estruturas dos cristais (d), a partir das

quais a identidade do mineral desconhecido pode ser determinada. De modo geral, os minerais têm estrutura atômica conhecida, pois possuem um ângulo em que difratam, e que já fora identificado, tabulado e listado juntamente com sua intensidade; e arquivado em banco de dados pesquisáveis das ciências mineralógicas (ICM).

Quanto à técnica de Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV), é uma ferramenta com alto nível de sofisticação e precisão, que possibilita análises de microestruturas impossíveis de ver em outros microscópios com aumento de até 200 vezes, uma vez que se utiliza de feixes de elétrons no lugar de fótons tal como ocorre com microscópios comuns, o que possibilita análise mais detalhada, e permite resoluções de qualidade (DEDAVID, GOMES, MACHADO, 2007). As análises com o MEV fornecem rápidos resultados sobre as microestruturas e identificação de elementos químicos de uma amostra sólida, com aparência tridimensional dos materiais, além de resolução na ordem de 2 a 5 nanômetros para instrumentos comerciais e para pesquisa são capazes de alcançar uma resolução melhor que 1 nm.

É excelente opção de análise e identificação de microgrãos como sementes, esporos e pólen, e para estudar em detalhes microscópicos como ranhuras feitas por ferramentas e dentes de animais. Quanto à parte fundante de funcionamento dessa técnica. Dedavid *et al.* descreve que,

“[...] consiste em utilizar um feixe de elétrons de pequeno diâmetro para explorar a superfície da amostra, ponto a ponto, por linhas sucessivas e transmitir o sinal do detector a uma tela catódica cuja varredura está perfeitamente sincronizada com aquela do feixe incidente. Por um sistema de bobinas de deflexão,[...]. O sinal de imagem resulta da interação do feixe incidente com a superfície da amostra. O sinal recolhido pelo detector é utilizado para modular o brilho do monitor, permitindo a observação. A maioria dos instrumentos usa como fonte de elétrons um filamento de tungstênio (W) aquecido, operando numa faixa de tensões de aceleração de 1 a 50 kV. O feixe é acelerado pela alta tensão criada entre o filamento e o ânodo. Ele é, em seguida, focalizado sobre a amostra por uma série de três lentes eletromagnéticas com um spot menor que 4 nm. O feixe interagindo com a amostra produz elétrons e fótons que podem ser coletadas por detectores adequados e convertidas em um sinal de vídeo. Quando o feixe primário incide na amostra, parte dos elétrons difunde-se e constitui um volume de interação cuja forma depende principalmente da tensão de aceleração e do número atômico da amostra,[...]. Neste volume, os elétrons e as ondas eletromagnéticas produzidos são utilizados para formar as imagens ou para efetuar análises físico-químicas. Para serem detectados, as partículas e/ou os raios eletromagnéticos resultantes da interação do feixe eletrônico com a amostra devem retornar à superfície da amostra e daí atingirem o

detector. A profundidade máxima de detecção, portanto, a resolução espacial, depende da energia com que estas partículas ou raios atingem o detector, ou são capturadas pelo mesmo.[...]. A imagem formada a partir do sinal captado na varredura eletrônica de uma superfície pode apresentar diferentes características,[...].Dentre os sinais emitidos, os mais utilizados para obtenção da imagem são originários dos elétrons secundários e/ou dos elétrons retroespalhados (DEDAVID *et al.*, 2007, p. 11-12).

Ainda em relação ao MEV, outra técnica é a microanálise eletrônica (ou Espectroscopia por Energia Dispersiva [EDS]), que tem como princípio a medida de raios-X para obter o número atômico e a energia que possibilita identificar o elemento presente na amostra observada pela radiação. A técnica de EDS considera o princípio de que a energia de um fóton (E) está relacionada com a frequência eletromagnética (ν) pela relação $E = h\nu$, onde “h” é a constante de Planck. Fótons com energias correspondentes a todo espectro de raios-X atingem o detector de raios-X quase que simultaneamente, e o processo de medida é rápido, o que permite analisar os comprimentos de onda de modo simultâneo.

Esses aspectos de precisão de microestruturas e rapidez de análise da ferramenta foram substanciais para verificar algumas hipóteses sobre os antiplásticos presentes na massa cerâmica fabricada pela população Konduri, como a verificação de microestruturas de espojas e indícios de utilização de vasilhas para cozimento.

3.2 Matérias-primas das Cerâmicas e a interpretação geoarqueológica

Nos ambientes de estudos arqueológicos, as habilidades no emprego de matérias-primas para a fabricação de cerâmicas são apresentadas como objetos de investigação, pois são vistas como novas práticas adquiridas pelos povos antigos em relação à simplicidade na artesanaria de utensílios práticos para o uso cotidiano. Uma vez que essa destreza pode ser observada nos escudos interpretativos do ambiente sociocultural dos povos pretéritos como forma de medir sua capacidade de dominação de técnicas de manufatura, elas podem servir de demonstração da evolução do conhecimento sobre materiais artefatos e cultura.

Nesse sentido, a matéria prima utilizada para fazer cerâmicas nos permite fazer interpretações de características ambientais, geológicas, composições mineralógicas e químicas, bem como entender de que forma se fabricava cerâmicas pré-coloniais, pois os principais materiais são elementos disponíveis na natureza como areia e argilas, além de cauxi, cariapé, carvão, cacos moídos. Contudo, ressaltaremos em nossa pesquisa os mais comuns verificados nas cerâmicas Konduri.

3.2.1 Argila como matéria-prima Konduri

O principal material constituinte das cerâmicas é a argila, considerada na geologia como uma das menores frações granulares de rochas sedimentares siliciclásticas. De acordo com o Serviço Geológico Brasileiro – CPRM (2019), sua dimensão é cerca de 1/256 milímetros de diâmetro, classificados por meio de seu arranjo cristalográfico como filossilicatos, que forma lâminas, de baixa dureza e densidade.

A matéria prima argilosa é chamada de argilomineral e é composta de aluminossilicatos hidratados, representados por alumina (Al_2O_3), sílica (SiO_2) e água (H_2O), podendo conter magnésio, ferro, potássio, lítio. O material argilomineral pode ser dividido em vários grupos como caulinita, halloysita, pirofilita, illita, mica e montmorilonita (GOFFER, 2007; SANTOS, 2013). Além disso, pode ser caracterizado como material inorgânico natural com minerais de feições terrosas, principalmente constituído de argilominerais (MODUGONO, 2009; SANTOS, 2013). As características físicas da argila, fundamentais para as aplicações diversas, são: i) possuir conteúdo elevado de partículas com tamanho inferior a $2 \mu m$; ii) quando pulverizada e misturada com a água em quantidade adequada, torna-se plástica; iii) após secagem, torna-se consistente e rígida, e após queimada à temperatura elevada, superior a $1000 \text{ }^\circ C$, ela adquire coesão. (SANTOS, 2013, p. 48).

Em seu estado natural, os grãos são finos e bastante flexíveis, mas quando submetidas a queimas se tornam materiais pedregosos obtendo com secagem significativa uma estrutura rígida com alta dureza, resistência química e estabilidade física no artefato produzido. A matéria prima argilosa mais representativa na região Norte brasileira é o *caulim*, constituído

mineralogicamente pela caulinita, que é classificada como silicato de alumínio hidratado numa célula unitária e representada pela fórmula $Al_4(Si_4O_{10})(OH)_8$ (CETEM, 2008). A caulinita é um filossilicato (argilo-mineral) com composição química teórica de 39,50% de Al_2O_3 ; 46,54% de SiO_2 ; e 13,96% de H_2O . A caulinita pode ocorrer no mesmo depósito, ou com outros minerais como haloisita- $4H_2O$, haloisita- $2H_2O$ ou metahaloisita, diquita e nacrita. Elementos químicos semelhantes, porém, possuem diferenças estruturais (CETEM, 2008).

Outro grupo importante da caulinita é representado pelos minerais diquita, nacrita, folerita, anauxita, colirita e tuesita. Entretanto, o caulim pode conter impurezas de aproximadamente 40 a 50% em volume, consistindo, de modo geral, de areia, quartzo, palhetas de mica, grãos de feldspato, óxidos de ferro e titânio (SILVA, 2001). Além da caulinita, outro material argiloso importante de se ressaltar por ser bastante utilizado na região amazônica é a *Illita*, intimamente associada às micas, que são principalmente alterações de Feldspato potássico. Sua fórmula é expressa por $(Si_4Al)O_{10} [Al_2 (Mg, Fe)(OH) K$, cujos ânions de potássio são fortemente ligados (SANTOS, 1998).

3.2.2 Cauxi como matéria-prima Konduri

O *cauxi* é o nome dado a *espojas* facilmente encontradas em água doce. Essas esponjas da classe das *Demospongiae* são conhecidas na Amazônia pelo nome de cauxi, um termo derivado do radical “*cai*”, um vocábulo que provém da indígena *Guarany* e que se refere à queimadura. Essas espécies apresentam espículas compostas de sílica cristalina que se soltam na água quando as esponjas morrem (VALLE et al, 2017). Estudo realizado por Kalinovsk et al (2006), aponta que o Brasil é o país que possui a maior biodiversidade de esponjas já descritas em relação aos países da América do Sul. Além disso, o autor afirma que os poríferos são encontrados principalmente nas bacias dos rios Amazonas, Paraná e Uruguai, principalmente em seus cursos médio e baixo. Segundo Ribeiro; Pimpão (2007), esse fato pode ser explicado pelo seu nicho ecológico, uma vez que esses animais aquáticos fixados nas camadas das rochas, e em restos de vegetação submersa, que em períodos de cheias sofrem inundações, têm o ambiente propício para sua propagação, o que é o caso da dinâmica do rio Amazonas.

Acredita-se que os filós poríferos são considerados um dos metazoários aquáticos mais antigos do planeta, datando de cerca de 800 a 900 milhões de anos atrás, sendo que suas primeiras descrições foram realizadas por naturalistas europeus em viagens, na maioria das vezes, pelo rio Amazonas (MORONSTEGA, 2013). Essas premissas justificam as razões pelas quais o cauxi fora apropriado cultural e socialmente pelo povo Konduri, pois era (e ainda é) um elemento natural disponível e que constituiu uma tradição utilizá-lo como componente técnico – *artefactum* - das populações ceramistas.

Um questionamento importante às nossas pesquisas, nesse momento da investigação, diz respeito ao uso do cauxi e a razão pela qual os povos ceramistas da Amazônia, principalmente os Konduri, inseriam esse animal como antiplástico nas cerâmicas antigas? Para Viana et al (2015), há pelo menos duas possibilidades:

[...]Na primeira estratégia citada, a continuada re-colonização do corpo morto de uma esponja, produz as chamadas “bolas de espinhos”. As colonizações sucessivas de um mesmo esqueleto estrutural forma corpos volumosos que, nos períodos de seca, se tornam visivelmente acessíveis aos grupos sociais que coletavam as esponjas para adicioná-las na pasta argilosa com finalidade de confecção de artefatos cerâmicos. A segunda estratégia de dispersão, onde a fragilidade da esponja faz com que ela se desintegre, liberando suas gêmulas, resulta em depósito das espículas silicosas, não degradáveis, juntamente com os argilo-minerais, ou minerais de argila do fundo, particularmente de lagoas, atuando como um aditivo ideal no momento da utilização dessas na fabricação de cerâmicas. Dessa forma, os grupos indígenas que coletavam a argila disponível nessas lagoas para confecção de artefatos cerâmicos estariam levando junto um aditivo tradicional, porém não intencionalmente adicionado, para produção de suas cerâmicas. Outro ponto a ser ressaltado é a ocorrência da coceira causada pelo contato com as espículas das esponjas de água doce e de longa data reconhecida pelos nativos, daí a conotação do termo cauxi, ou seja, “mãe da coceira”, na língua Tupi. Esses contatos continuam ocorrendo, particularmente na região amazônica, causando desde coceiras, reações alérgicas e até fortes inflamações, podendo requerer cuidados médicos urgentes. Vem sendo pesquisados com enfoque imunológico nessa região (Magalhães et al., 2011). Espécies de esponjas cujas espículas constituíram depósitos biominerais de caráter econômico (espongilitos) em lagoas do bioma cerrado foram determinadas por Volkmer-Ribeiro e Motta (1995), em área abrangendo o sudoeste de Minas Gerais, sul de Goiás e nordeste do Mato Grosso do Sul. Tais depósitos, de valor particular, devido a presença das espículas das esponjas, são minerados para produção de cerâmicas refratárias além de tijolos e telhas(VIANA et al, p. 40).

Essa aferição de Viana et al serve para explicar porque os estudos arqueológicos na região do Baixo Amazonas – desde Hilbert que foi um dos

primeiros a descrever as cerâmicas produzidas pelos povos habitantes nessa região – identificam esse material antiplástico na mistura da pasta da cerâmica. Nesse sentido é inegável a presença desse elemento nos fragmentos cerâmicos da artesanaria amazônica, em particular, da artesanaria Konduri.

3.3 Dos Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Para fins de apresentação didática de nossos procedimentos metodológicos, é preciso considerar três pontos fundamentais, a saber: a caracterização do local onde foram feitas as pesquisas *em campo*, os materiais e método científico utilizado para compor um material cujo resultado pudesse servir de elemento cognitivo ou conceitual no debate da recomposição histórica dos povos passados da região do Baixo Amazonas, principalmente da população Konduri.

Dito isto, é fundamental tecermos considerações antes de adentrarmos no escopo da pesquisa. A presente pesquisa tem um viés interdisciplinar, que exige um olhar aguçado em perspectiva sobre o objeto investigado. Neste caso, a estruturação de nossa pesquisa, passo a passo, implicou na integração de diversas informações organizadas que incluem estudos bibliográficos para a composição do estado da arte com fundamentos teóricos sólidos e estudos documentais sobre o tema. Neste sentido, atentamos para o rigor metodológico na escolha adequada do modelo de técnicas e quais instrumentos poderiam ser utilizados para que os dados coletados pudessem oferecer uma perspectiva interdisciplinar da temática nos permitindo avançar na compreensão da questão científica que propomos responder e em possíveis respostas, ou seja, *resíduos cerâmicos podem servir de material que possibilita a identificação das condições históricas e geoarqueológicas da região do Arapucu do Baixo Amazonas e o reconhecimento local como Território Konduri?*

Para respondermos a essa indagação e alcançar os objetivos de nossa pesquisa que são o de investigar a formação cultural e identitária dos Konduris da Amazônia a partir de registros e análises geoarqueológicas de objetos cerâmicos da região do Baixo Amazonas; registrar e Identificar por meio de documentos a etnia Konduri, população da Amazônia pretérita que possivelmente habitou a região do Arapucu, na microrregião de Óbidos, na região do Baixo Amazonas; averiguar por meio de estudos geoquímicos e

geoarqueológicos datações de material cerâmico e outros tipos para analisar o modo de vida artesanal da referida comunidade indígena pesquisada; gerar delineamentos possíveis das condições naturais e territoriais presentes na Amazônia durante a existência dos autores dos materiais coletados e investigados; e verificar possíveis relações entre o território georreferencial Konduri e possíveis condições socioeconômicas e culturais a partir dos tipos de artefatos investigados.

Responder a uma questão tão complexa exige um olhar a partir de diversas perspectivas, ou diversos olhares sobre várias perspectivas, com vistas a manter em equilíbrio possíveis tensões que pesquisas interdisciplinares podem provocar. Isso exige atitude interdisciplinar e equilíbrio entre entendimento e sensibilidade em vista de utilizar as tensões como ponto demarcador dos limites, da amplitude do objeto e do método apropriado para galgar êxito no procedimento. Uma vez compreendida essa perspectiva científica, podemos nos concentrar nos procedimentos.

3.3.1 Caracterização da área de Estudo

A região foco de nossa pesquisa está situada em uma das maiores bacias sedimentares no Brasil, a bacia do Amazonas, que é também a de maior superfície de água do mundo, 3.889.489,6 km², caracterizada pelo rio Amazonas, com seus mais de cinco mil tributários e lagos de várzea que interagem com os rios, em harmonioso funcionamento ecológico do sistema. A bacia terrestre da Amazônia corresponde a um total aproximado de 615.600 km², sendo constituída principalmente por rochas siliclásticas (Mapa CPRM, 2013), formadas, essencialmente, por pacotes de areia e lentes de argilas.

A Bacia do Amazonas é caracterizada por ser uma bacia de sinéclise intracratônica que abrange uma área de aproximadamente 500.000 km², com eixo maior orientado na direção ENE-WSW. Seus extratos sedimentares recobrem as províncias pré-cambrianas dos escudos das Guianas e do Brasil central (CUNHA et. al. 1994). Ela limita-se a oeste com a Bacia do Solimões pelo Arco de Purus e, a leste, com o arco de Gurupá que a separa da Bacia do Marajó. O embasamento que constitui seu substrato está relacionado a dois eventos principais do Pré-Cambriano, em que o mais antigo originou a organização dos

terrenos grantito-greenstones e dos cinturões de alto grau metamórfico e seu arcabouço estratigráfico foi formado por duas megassequências de primeira ordem: uma paleozóica, constituída de rochas sedimentares de naturezas variadas, e uma mesozóico-cenozóica sedimentar. (CUNHA et. al. 2007).

Com o término dos esforços compressionais, no final do Mesozóico, teve início novo ciclo deposicional Cretácio-Terciário registrado pelo Grupo Javari com as Formações: *Alter do chão* (com arenitos fluviais) e *Solimões*, composta com rochas pelíticas contendo restos de conchas de moluscos e vegetais. No Neocretáceo, a bacia comportava-se como uma área subsidente. Houve então, um sistema fluvial de alta energia que durou até o final do Cretáceo e que foi responsável pela deposição de sedimentos essencialmente arenosos da Formação Alter do Chão. A grande disponibilidade de água para a implantação de um regime fluvial abundante se deu devido à mudança de clima, de árido para úmido. Com o soerguimento da cadeia andina houve o início do isolamento dessa bacia fluvial no Paleógeno.

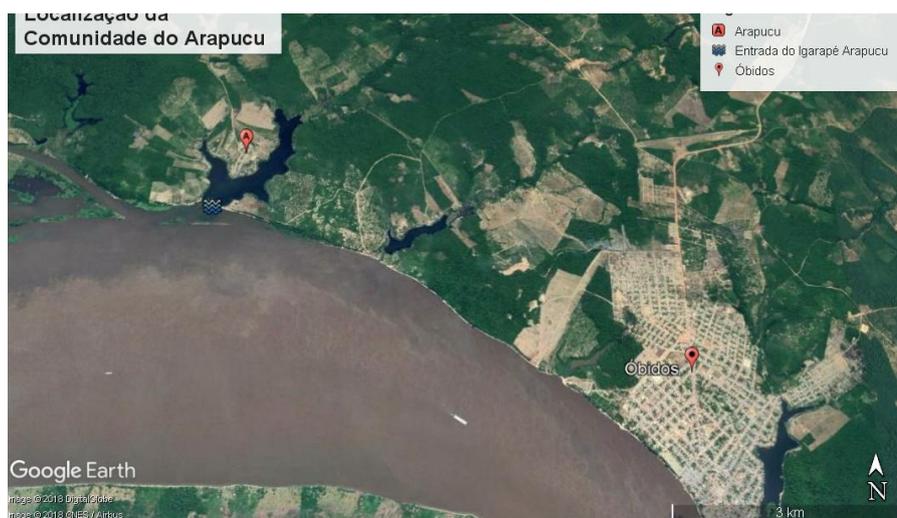
Sobre a Formação Alter do Chão, ela é constituída por clásticos continentais, de idade Cretáceo Superior, e representados por arenitos caulínicos, finos a grossos, às vezes com níveis conglomeráticos; localmente, ocorrem níveis ferruginosos, silicificados. Intercaladas na sequência arenosa, ocorrem camadas argilosas, cuja coloração varia de avermelhada a mosqueada, esbranquiçada, creme e lilás, geralmente pouco consolidadas, às vezes contendo lentes de arenito friável.

A Formação Alter do Chão está bem caracterizada nas porções leste, sul e oeste do município de Óbidos, constituindo uma morfologia típica, com elevações de topo plano, bordas escarpadas e fortemente ravinadas, na forma de platôs. No topo desses platôs, é frequente a presença de crosta ferruginosa, laterítica; às vezes, acha-se desmantelada, constituindo nível concrecionário. Essas bandas ferrosas lateríticas indicam que o clima nessa época era úmido em alguns níveis arenosos da unidade e a paleodrenagem corria de leste para oeste, em direção ao Oceano Pacífico, geralmente, responsável pela preservação dos platôs que caracterizam a Formação Alter do Chão (SCHALKEN, 2000).

No estado do Pará, a Formação Alter do Chão ocorre desde sua fronteira com o estado do Amazonas a oeste até a borda da bacia do Marajó a leste,

abrangendo uma área de aproximadamente 9.870 km², sendo aflorante nas cidades de Faro, Oriximiná, Óbidos, Juruti, Terra Santa, Santarém, Alenquer, Aveiro, Prainha, Brasil Novo, Vitória do Xingu, Senador José Porfírio e Porto de Moz. (JUNIOR e MOURÃO, 2012). A comunidade Arapucu, local onde nossas investigações se concentram, está situada na região interiorana do município de Óbidos no oeste paraense, cerca de 45 minutos de barco, porte médio, e cujo acesso se dá pelo igarapé Arapucu, 2 km de distância do Rio Amazonas (Figura 6). A cidade de Óbidos está situada na margem direita do Rio Amazonas, cerca de 100 km em linha reta da sede da cidade regional do Baixo Amazonas, Santarém e a 800 km em linha reta da sede do Estado, a capital Belém. O município de Óbidos possui cerca 28 021,3 km² de área territorial, com 49.333 habitantes na região urbana e rural (IBGE, 2018).

Figura 6- Localização da Comunidade de Arapucu, Área Rural de Óbidos.



Fonte: elaborado pela autora/2018.

O principal acesso à cidade de Óbidos é por meio hidroviário pelo rio Amazonas, (70 horas de navio mercante, aproximadamente da capital Belém). Há também acesso rodoviário, pelas PA-255 e PA-254.

A comunidade em questão é tida como um dos territórios de desenvolvimento da cultura Konduri, uma vez que está localizada nas proximidades de outros sítios estudados que foram encontrados fragmentos dessa etnia. Existe um sítio que foi escavado por estudiosos desde de 1923 da

USP (Universidade de São Paulo – SP), mas sem registro conhecido, nem mesmo pela comunidade que atualmente está assentada na área, exceto por escassas informações dos comunitários.

3.3.2 Materiais e Métodos

Foram selecionados 20 de fragmentos encontrados em superfície na comunidade do Arapucu, local onde nossas investigações se concentram. Esses fragmentos estavam sob a salvaguarda do Museu integrado de Óbidos e foram obtidos por meio de Ofício para a concessão de permissão de pesquisa, bem como, de ciência da pesquisa pela Polícia Federal, visto ter sido necessário deslocar as peças dentro do território nacional, para que pudessem ser submetidas ao crivo da pesquisa laboratorial geoquímica e mineralógica. Foram escolhidos pedaços de peças, preservando as peças completas que compõem o repertório de acervo do museu, em virtude de que as mesmas deveriam, para fins de análise laboratorial, ser submetidas a processo de pulverização de uma pequena porção. Esses cacos cerâmicos foram primeiramente caracterizados estilisticamente, após isso, foi realizada análise mineralógica seguida das análises de microestruturas e química pontuais.

No que se refere à caracterização do estilo, as cerâmicas passaram por descrição estilística, na qual utilizou-se ilustrações de Hilbert; Hilbert em seu trabalho intitulado “*Resultados preliminares da Pesquisa arqueológica nos Rios Nhamundá e Trombetas, no Baixo Amazonas em 1980*”, como referências bases sobre o grupo Konduri, como mostra a figura 07 e 08. Elaboramos, para fins didáticos, uma tabela para cada fragmento descrito de acordo com o que fizera Gomes (2002) na descrição da coleção Tapajônica, uma vez que apresenta características regionais que podem ser adotadas como pontos de classificação também para os Konduri. A tabela apresenta seis tópicos, a saber:

1) **código**, os fragmentos foram identificados por pré-fixo “ARQ”, sufixo “OBD”, e enumerado de 01 a 020, nesse sentido cada peça possuía o código de ARQ-OBD-0X;

2) **Forma**: que de acordo com Gomes (2012), caracteriza-se por feições gerais da cerâmica considerando sua borda, colo e corpo, assim, foram divididos em três grandes grupos de forma, vasilhas, apêndice fragmentos;

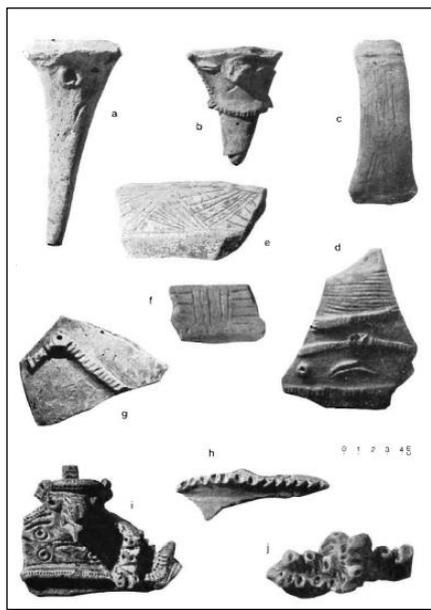
3) **Figura Iconográfica**, que são representações zoomórficas (macaco, urubu-rei, tartaruga) e antropomórficas ou associações, e outras que não são possíveis identificar que estão empregados nas cerâmicas;

4) **Técnica de Fabricação**, que consiste em identificar o modo de moderar a argila e seus antiplásticos para dar forma e figuras as peças, que foram divididas em: acordelamento, modelagem, incisão (resultado de ação de apertar um instrumento na superfície da pasta ainda flexível que pode ter largura, comprimento e profundidade variáveis), ponteadado (resultado de apertar perpendicularmente ou obliquamente um instrumento do tipo palito maciço, na superfície da pasta ainda plástica, produzindo marcas semelhantes a pontos), aplicação e repuxado;

5) **dimensões**: obtidas por meio de medição na régua de comprimento, largura, e algumas de altura;

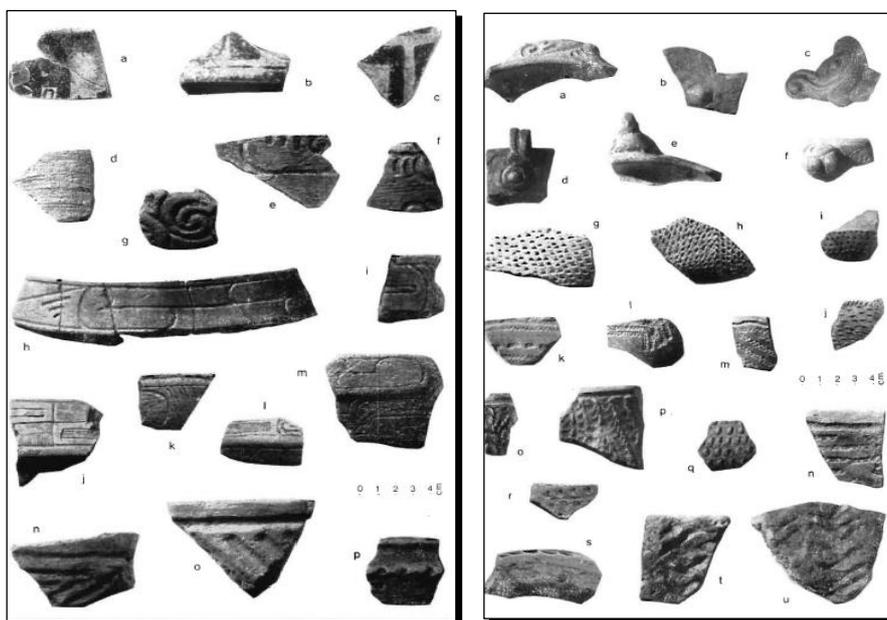
6) **Descrição da decoração**, que consistiu em descrever o fragmento com todas as suas representações e inferência de forma. Além disso, foi realizado um registro fotográfico com escala em centímetros (cm). Para uma melhor visualização algumas peças inteiras foram reproduzidas por meio das bordas a forma das peças com as suas dimensões e representação de onde pertencia o pedaço das peças adaptado de Gomes (2013) como mostra a descrição a seguir de cada peça.

Figura 7: Cerâmica com características tipicamente do complexo Konduri. a, b, bulbos de vasos trípedes; c, d, alças em arco; e, f, inciso; g . j, modelado-inciso-ponteado.



Fonte: (HILBERT & HILBERT1980)

Figura 8: Direita: Cerâmica da fase Pocó. a- c, vermelho-sabre-branco; d, escovado; e, f, inciso-escovado; g – Esquerda: Cerâmica da fase Pocó. a -f, modelado-inciso; g _ j, ponteado; l- n. marcado-com-corda; o_ p, serrungulado; q -s, unguiado; t, u, impresso-



Fonte: (HILBERT & HILBERT1980)

3.3.3 Análise Mineralógica e Microestruturas de Composição Química

Para a determinação das fases mineralógicas das amostras foram submetidas a técnica de Difração de Raio- X. Para isso, foi utilizado um difratômetro de raios-x de marca PANalytical, modelo X'PERT PRO MPD (PW 3040/60), com goniômetro PW 3050/60 (Theta/Theta) e com tubo de raios-x cerâmico de anodo de Co ($K\alpha_1$ 1,78901 Å), modelo PW3373/00, foco fino longo, 2200W, 60Kv. Utilizou-se o método do pó e de lâminas orientadas através do método *pipette-on-glass* (Thorez, 1976) para os argilominerais. Os difratogramas das amostras cerâmicas foram obtidos através uma varredura do detector (tipo RTMS, X' Celerator) com intervalo de exposição de 4 a 75°. Para a aquisição de dados e dos registros foi feita com o software *X'Pert HighScore Plus*, versão 2.1, e para o refinamento dos dados foi utilizado *Orige pró 8*. As análises foram realizadas no Laboratório de Caracterização e Síntese de Materiais Laboratório de síntese da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, no Instituto de Engenharia e Geociências - IEG.

Para as análises de microestruturas (cauxi, cacos moídos, carvão e argilas) e composição químicas pontuais foi realizado a técnica de Microscopia Eletrônica de Varredura com Sistema de Análise Química por Energia Dispersiva (MEV/SED).

As análises com Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV) com Sistema de Energia Dispersiva (SED) foram realizadas no Laboratório Institucional de Geocronologia da Universidade Federal de Brasília UnB, utilizando-se um microscópio eletrônico LEO modelo 1450VP. As amostras empregadas foram previamente secas em temperatura ambiente e montadas em suporte de alumínio com 10 mm de diâmetro. Em seguida, a fim de se tornarem condutivas, foram metalizadas com Au por 2min30s, o que deposita sobre a amostra uma película com espessura média de 15 nm. As imagens foram geradas por detecção de elétrons secundários, utilizando-se aceleração de voltagem de 17,5kV e distância de trabalho de 15 mm. As análises químicas pontuais (micro-análises), de natureza semi-quantitativa, foram realizadas com apoio de detector de EDS (Energy Dispersive System) marca Gresham, equipado com janela de Be e analisador multicanal Q500 da IXRF. Os resultados obtidos ocorreram após um tempo de aquisição de 30 segundos. Desta forma, obtiveram-se imagens e

análises químicas semi-quantitativas de fragmentos de amostras dos sedimentos coletados.

3.4 Resultados e discussões

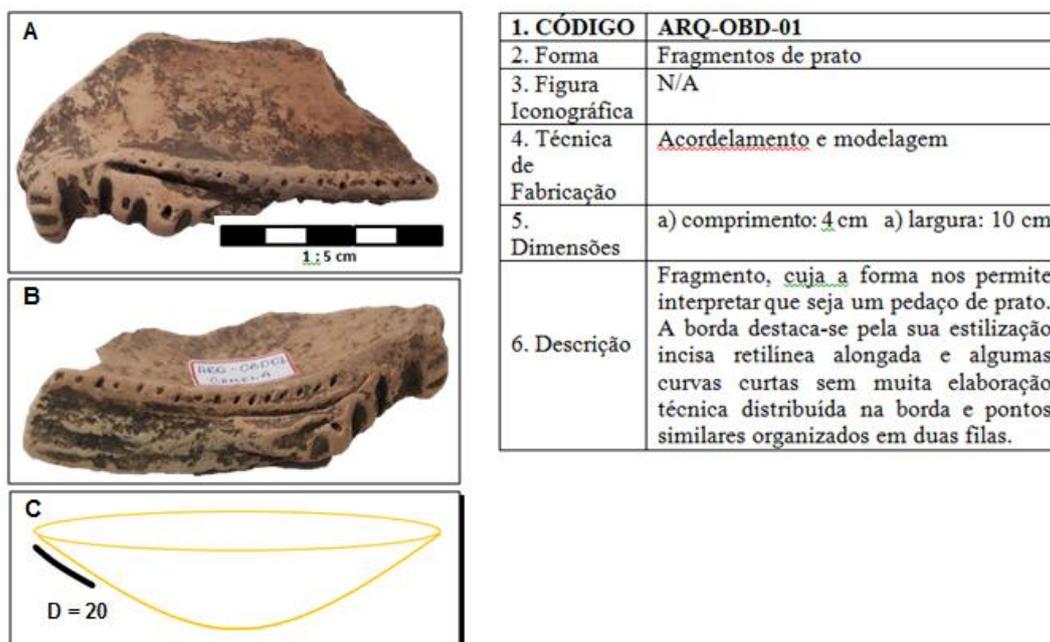
3.4.1 Caracterização Estilística

O estilo Konduri foi identificado em 18 cerâmicas representadas pelas amostras ARQ-OBD-01,02,03,04,05,06,07,08,09,10,11,13,14,15,16,18,19, e 20, e dois fragmentos tipicamente da fase Pocó representados peças amostras ARQ-0BD-12 e 17, que ocorreu anteriormente aos Konduri.

No que se refere às cerâmicas Konduri, tem-se bastante representatividade de técnicas de modelagem, aplicação, repuxado de modo geral, com estilização incisa retilínea e curvilínea alongada e algumas curvas curtas. Nas peças com iconografias, observa-se ponteados e aplicações esferoidal nos olhos apresentando-se profundos e concêntricos, a boca na maioria das vezes é uma incisão retilínea, que podem ser observados nas figuras de 09 a 28).

No entanto, na fase Pocó, tem-se a representação de dois animais bem nítidos, que são o macaco ARQ-OBD-12 que apresenta incisão retilíneas e curvilíneas para formar seu desenho semelhante e um quelônio ARQ-OBD-17, que apresentam incisões simples, como apresentado por Hilbert & Hilbert (1980) (CF.: Figura 04 g h).

Figura 9: Fragmento cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões e ponteados, também com técnicas de acordelamento e modelagem. A) Visão externa da peça; B) Visão Frontal e superior da peça. C) Reconst



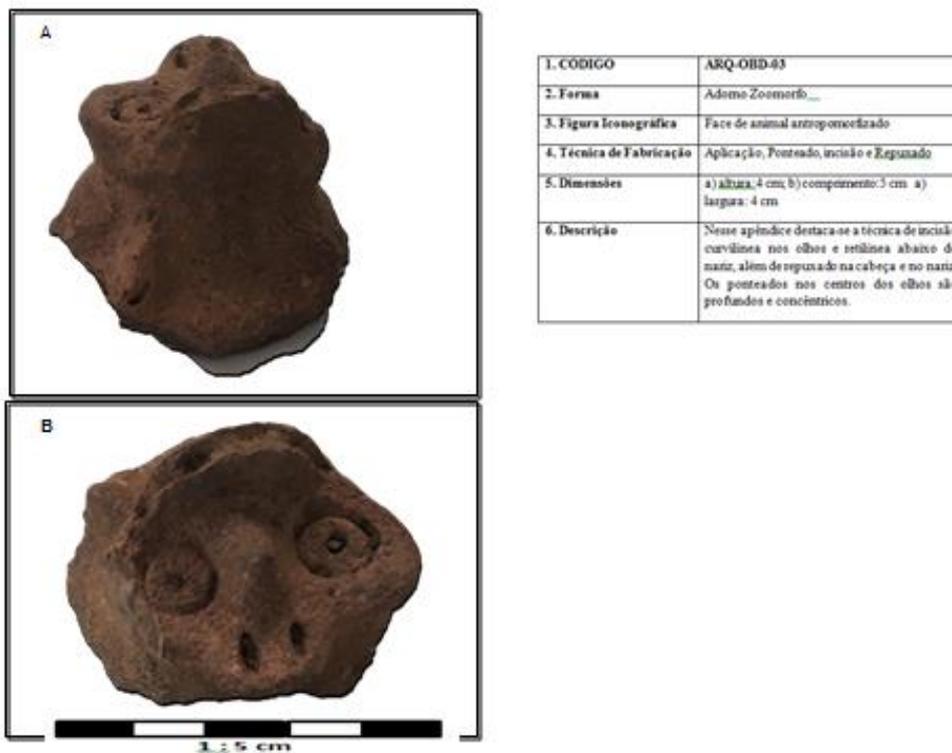
Fonte: a Autora/2019..

Figura 10: Fragmento cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões retilíneas aplicações e ponteados, semelhante a um pássaro. A) Visão frontal da peça; B) Visão externa.



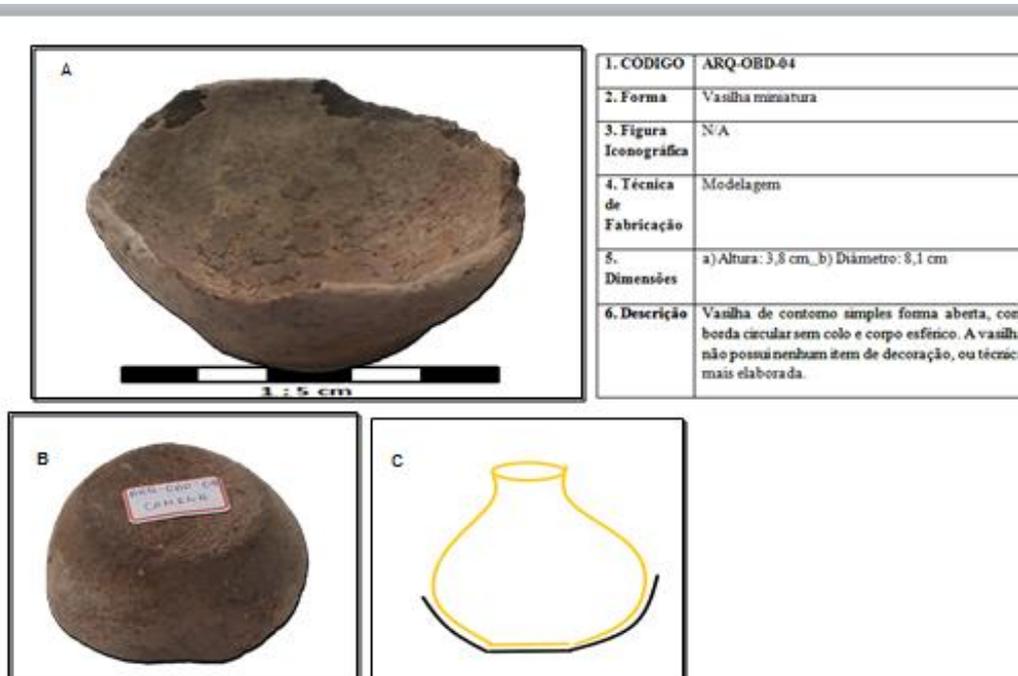
Fonte: a Autora/2019..

Figura 11: Fragmento cerâmico da comunidade de Arapucu relacionada ao estilo Konduri, apresentando de forma geral as incisões retilíneas aplicações e ponteados, semelhante a um pássaro. A) Visão frontal da peça; B) Visão externa.



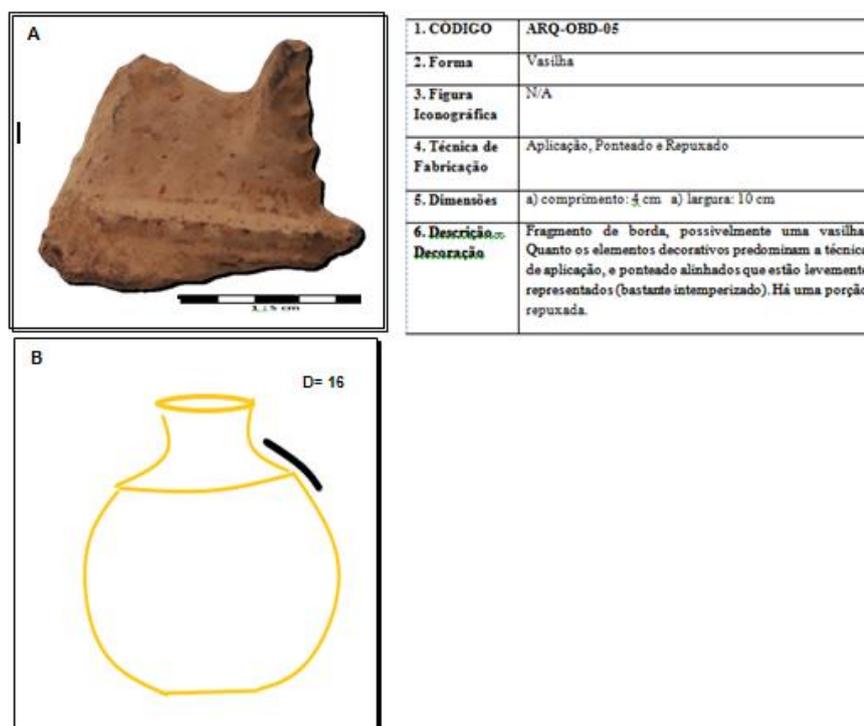
Fonte: a Autora/2019..

Figura 12: Vasilha miniatura com características do estilo Konduri. A) Visão Frontal da peça; B) Visão basal; e c) a reconstituição da sua forma completa com aproximadamente 8 cm de diâmetro e 6 de altura.



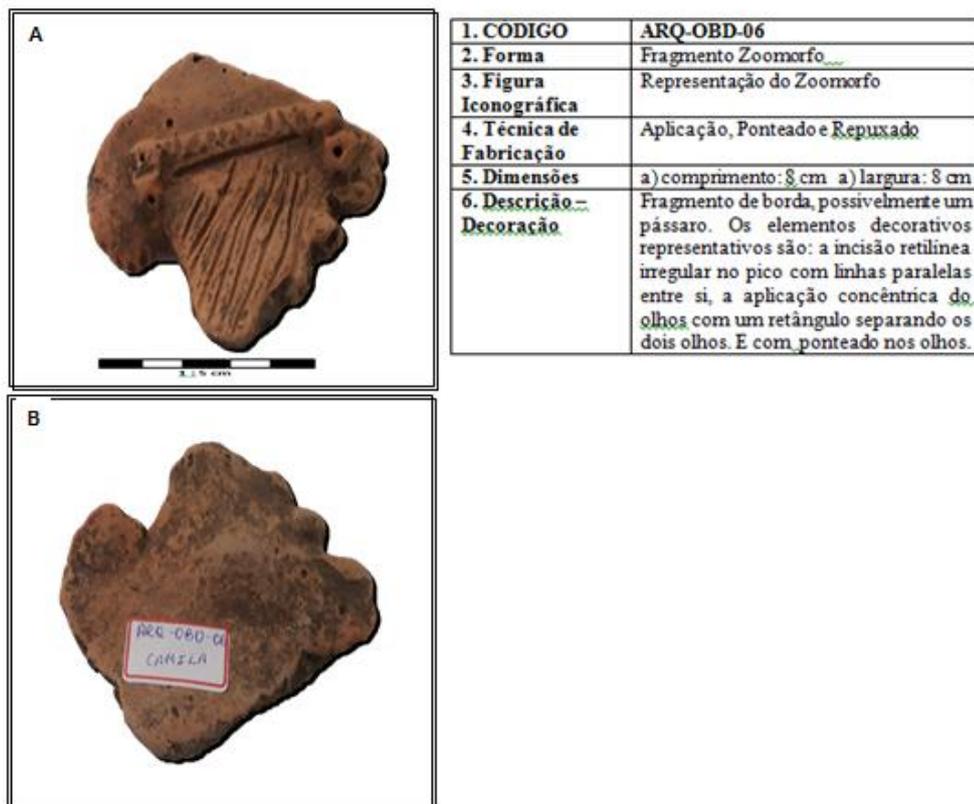
Fonte: a Autora/2019.

Figura 13: Fragmento de vasilha, com características de aplicação e repuxamento. A) Visão geral da peça. B) Reconstituição da sua forma completa com aproximadamente 16 cm de diâmetro da porção de onde foi retirada.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 14: Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto. A) Visão frontal; e b) Visão externa da peça.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 15: Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto da amostra ARQ-OBD-07. A) Visão frontal; e b) Visão externa da peça.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 17: Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto da amostra ARQ-OBD-04.



1. CÓDIGO	ARQ-OBD-08
2. Forma	Apêndice Antropomorfo
3. Figura Iconográfica	Representação do Zoomorfo antropomorfas associadas
4. Técnica de Fabricação	Aplicação incisão e Pontead
5. Dimensões	a) comprimento: 12 cm, a) largura: 10 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda encontrados em vasos caríotes. Com feições antropomorfas e zoomorfas. Na cabeça um acessório (gnalda) representado por um filete aplicado com incisões retíneas irregulares. Além disso, os olhos a boca e o nariz estão caracterizados por aplicações com incisões circulares e retíneas sucessivamente e ponteamto centrais e relativamente grandes nos olhos. Na calda predomina a técnica de incisão retíneas e lombadas essa última também presente na costa cristas com 4 protuberâncias modeladas e decoradas com incisão, bem maiores que a da parte frontal.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 16: Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação e ponteamto da amostra ARQ-OBD-09. A) Visão frontal; e b) Visão externa da peça.



1. CÓDIGO	ARQ-OBD-09
2. Forma	adorno Antropomorfo
3. Figura Iconográfica	Representação antropomorfa
4. Técnica de Fabricação	Aplicação, incisão e Pontead
5. Dimensões	a) comprimento: 5 cm a) largura: 5 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda. Com feições antropomorfas. Na cabeça possui a técnica de repuxado para dois lados, com incisão retínea na parte superior e outra circular separando o acessório do restante do rosto. Os olhos são representados por incisões circulares. As orelhas apresentam duas incisões de cada lado, os olhos também possuem incisões circulares com ponteados centras de quase 3 mm de diâmetro. O nariz é uma aplicação de forma tendendo para o uma forma cilíndrica que saio do acessório até chegar perto da boca, esta se caracteriza por uma incisão retínea longa. Abaixo da boca há uma linha de ponteados com diâmetros semelhantes, mas bem menores do que as dos olhos e do acessório. Além disso o fragmento possui uma pintura verde bastante marcada nas incisões

Fonte: a Autora/2019.

Figura 19: Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão retilíneas, aplicação, ponteamento da amostra ARQ-OBD-10. Visão frontal.



1. CÓDIGO	ARQ-OBD-10
2. Forma	Fragmento de uma vasilha (alça)
3. Figura Iconográfica	Representação antropomorfa
4. Técnica de Fabricação	Aplicação, incisão e Ponteado
5. Dimensões	a) comprimento: 9 cm a) largura: 7 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda. Semelhante a uma alça de uma vasilha. Com feições antropomórfas. Os olhos são ovais com uma incisão semelhante ao traço, cuja estão protegidos por duas aplicações de filletes nas laterais. Há aplicação também no nariz modelado para se dividir em dois de forma tendendo para o cilíndrico, e acima dos olhos dois filletes, paralelos entre si, apresentando incisões curtas e ponteados. Mas a cima, o fragmento foi desenhado incisões em formato de xadrez inclinado com uma divisória no meio.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 18: Fragmento de Vasilha. Possivelmente uma alça de panela, com técnica de aplicação e repuxado da amostra ARQ-OBD-11. A) Visão externa; e b) mostrando a borda da peça.



1. CÓDIGO	ARQ-OBD-11
2. Forma	Fragmento de borda
3. Figura Iconográfica	Representação zoomórfica
4. Técnica de Fabricação	Incisão
5. Dimensões	a) comprimento: 10 cm, a) largura: 8 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda de contomo infletido-forma aberta. Semelhante a porção superior de uma Vasilha. Possui um flange mesial com aparência zoomorfa com incisões retilíneas.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 20: Fragmento Zoomórfico, possivelmente da fase Pocó, apresentando técnica de incisão retilínea da amostra ARQ-OBD-12.



1. CÓDIGO	ARQ-OBD-12
2. Forma	Fragmento de borda com decoração zoomorfa
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa e antropomorfa associada
4. Técnica de Fabricação	Incisão e aplicação
5. Dimensões	a) comprimento: 13 cm, a) largura: 10 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda. A borda está representada por face de um macaco estilizado, na qual o braço está indicado pela aplicação de um grosso filete de formato cilíndrico que sai das orelhas e chega próximo à boca. Os olhos é uma protuberância aplicação com formato elipsóide deitado com uma incisão retilínea grossa no centro. Há incisão curvilíneas representando o formato da face.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 21: Fragmento Zoomórfico, possivelmente um muiraqitã, com técnica de incisão e ponteados da amostra ARQ-OBD-014.



1. Código	ARQ-OBD-14
2. Forma	Fragmento de borda com decoração zoomorfa
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteados
5. Dimensões	a) comprimento: 10 cm; e a) largura: 7 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda, representado um sapo. Os olhos são aplicações redondas com uma incisão que separa os dois com o ponteados central em cada olho. Abaixo possui incisão retilínea que convergem e formam triângulos que são zonadas por duas incisões quase que perpendicular.

Fonte: a Autora /2019.

Figura 23: Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão e ponteamento da amostra ARQ-OBD-15. A) Visão frontal; e b) Visão inversa da peça.



1. Código	ARQ-OBD-15 (semelhante a ARQ-OBD-08)
2. Forma	Fragmento de borda com decoração antropomorfa
3. Figura Iconográfica	Representação antropomorfa
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteado
5. Dimensões	a) comprimento: 10 cm; e a) largura: 7 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de borda encontrado em vasos carótides. Com feições antropomorfas. Na cabeça um acessório (grinalda) representado por um filete aplicado com incisões retilíneas irregulares. Além disso, os olhos a boca e o nariz estão caracterizados por aplicações com incisões circulares e retilíneas sucessivamente e ponteamento centrais e relativamente grandes nos olhos. Na calda predomina a técnica de incisão retilíneas e lombadas essa última também presente na costa cristas com 4 protuberâncias modeladas e decoradas com incisão, bem maiores que a da parte frontal e ponteada.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 22: Fragmento Antropomórfico, com técnica de aplicação, incisão e ponteamento da amostra ARQ-OBD-013. A) Visão frontal; e b) Visão inversa da peça.



1. CODIGO	ARQ-OBD-13
2. Forma	Fragmento Antropomorfo
3. Figura Iconográfica	Representação Antropomorfa
4. Técnica de Fabricação	Incisão e aplicação
5. Dimensões	a) comprimento: 8 cm a) largura: 5,5 cm; e c) altura 6cm
6. Descrição - Decoração	Predomina a técnica de incisão retilíneas com ponteado nos intervalos delas. Possui uma crista modelada por incisões. Os olhos são ponteados e o lábio incisão retilínea.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 24: Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão e ponteadado da amostra ARQ-OBD-16.



1. Código	ARQ-OBD-16
2. Forma	Apêndice Zoomorfo antropomorfo....
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa antropomorfizada
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteadado
5. Dimensões	a) comprimento: 8 cm; e a) largura: 6 cm
6. Descrição - Decoração	Apêndice com feições antropomorfas e zoomorfas. Acima dos olhos possui uma incisão curvilínea. Os olhos são ovais com incisão. O nariz é representado por ponteados de 4mm. Além de possuir um acessório que se assemelha a um jacaré. O corpo é representado por incisão finas retilíneas convergindo e formando triângulos, e curtos.

Fonte: a Autora/2019.

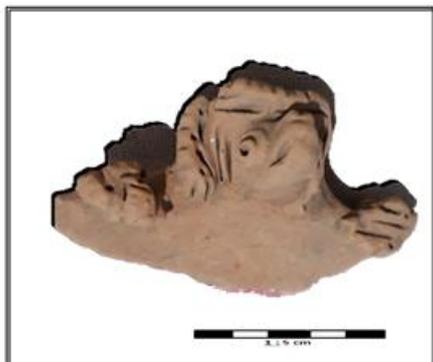
Figura 25: Fragmento Zoomórfico, da fase Pocó. Apresenta técnica de incisão e ponteadado da amostra ARQ-OBD-17.



1. CODIGO	ARQ-OBD-17
2. Forma	Fragmento de borda zoomorfo
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteadado
5. Dimensões	a) comprimento: 8 cm; e a) largura: 6 cm
6. Descrição - Decoração	As feições do fragmento assemelham-se a uma tartaruga, com sua cabeça aplicada e seus olhos representados por ponteados e incisão retilínea. Seu corpo está disseminado várias incisões irregulares.

Fonte: a Autora/2019.

Figura 26: Fragmento Zoomórfico, com técnica de incisão, aplicação e ponteados da amostra ARQ-OBD-18. A) Visão frontal; e b) Visão externa da peça.



1. Código	ARQ-OBD-18
2. Forma	Apêndice Zoomorfo antropomorfo associada
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa antropomorfizada
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteados
5. Dimensões	a) comprimento: 7 cm; e a) largura: 6 cm
6. Descrição - Decoração	Apêndice com feições antropomorfas e zoomorfas. Os olhos modelados por aplicação possuem um ponteados. O nariz é representado pela cabeça de um urubu-rei com dois olhos com ponteados e incisões retilíneas, mas abaixo o fragmento possui diversas incisões.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 27: Fragmento, de incisão da amostra ARQ-OBD-19.

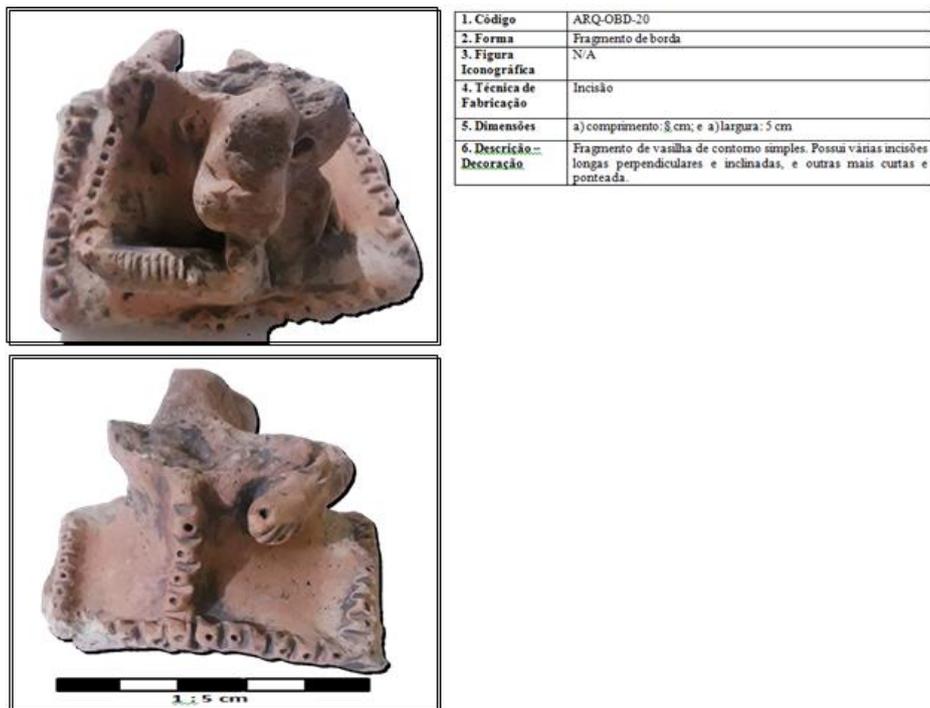


1. Código	ARQ-OBD-19
2. Forma	Fragmento de borda com decoração zoomorfa
3. Figura Iconográfica	Representação zoomorfa
4. Técnica de Fabricação	Incisão, aplicação e ponteados
5. Dimensões	a) comprimento: 11 cm; e a) largura: 9 cm
6. Descrição - Decoração	Fragmento de vasilha de contomo simples de forma aberta. Com aplicações zoomorfas semelhantes a cabeça do urubu rei; com várias incisões retilíneas perpendiculares e ponteados junto as incisões. Na porção das costas há aplicação que se assemelha a uma cobra com várias incisões e com olhe e parte do corpo ponteados.



Fonte: a Autora/2019.

Figura 28: Fragmento Zoomórfico, com técnica de aplicação, incisão e ponteadado da amostra ARQ-OBD-020. A) Visão frontal; e b) Visão externa da peça.

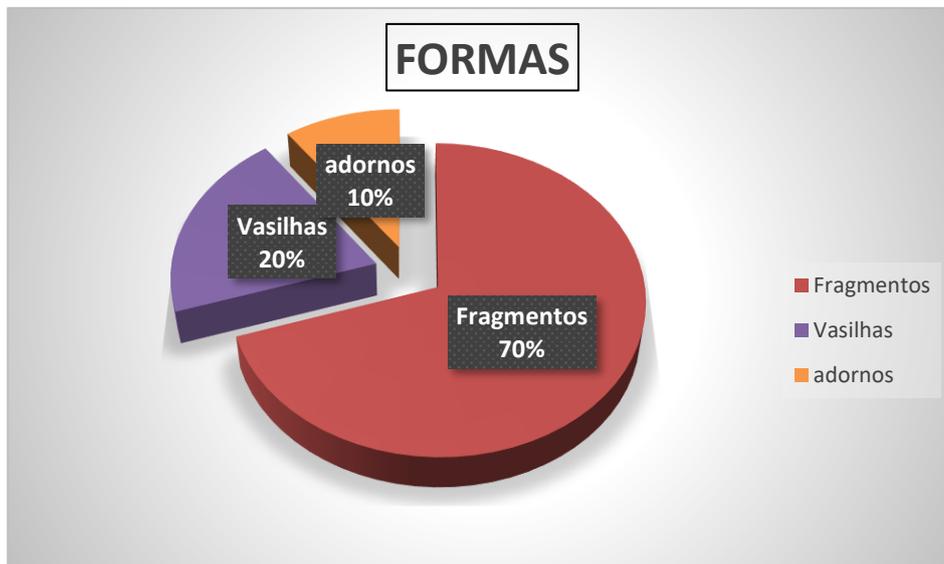


Fonte: a Autora2019.

Após a descrição das cerâmicas, elas foram classificadas conforme os critérios estilísticos adotados por autores de referência considerando sua forma, decoração e dimensões. Assim, no que se refere à forma, os cacos cerâmicos foram divididos em três grandes grupos, a) Fragmentos, caracterizado assim pelo fato de não apresentar forma definida de uma vasilha ou objeto, impossibilitando a reconstrução da sua forma completa, b) Vasilhas, na qual foi possível realizar a sua reconstituição de vasilhas e c) adornos, que seriam objetos decorativos.

Assim, dos 20 fragmentos analisados, 70% ou 14 peças (ARQ-OBD-01,02, 06, 07, 08, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, e 20) foram caracterizados como fragmentos, 20% ou 5 cacos foram característicos de vasilhas, sendo duas delas nitidamente alças (ARQ-OBD), e uma vasilha miniatura (ARQ-OBD-04), e adornos 10% ou 2 peças adornos com características antropomorfos (Figura 29).

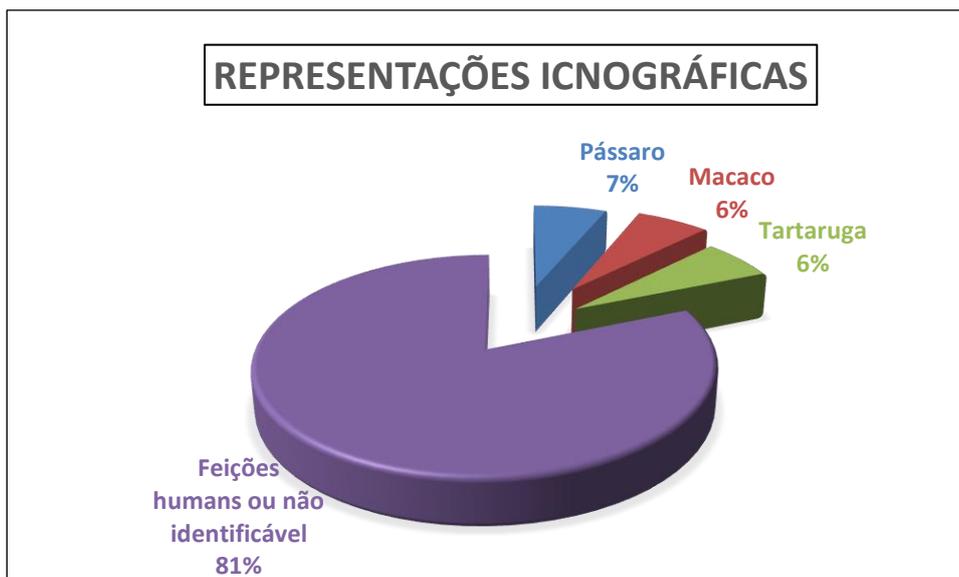
Figura 29: Gráfico com a percentagem das formas dos fragmentos.



Fonte: a Autora2019.

No que tange às representações Iconográficas, foram consideradas tanto estilos zoomorfos e antropomorfos. Assim, das 20 peças apenas 15 possuem representações, sendo, 81% de feições humanas ou não identificáveis, e os animais como tartaruga (quelônio), macaco e um pássaro, possivelmente um urubu rei registraram apenas 7% ou uma peça de cada% como ilustra a figura 30..

Figura 30: Gráfico ilustrando a porcentagem das representações iconográficas das peças analisadas



Fonte: a Autora2019.

Quanto às técnicas de fabricação, as 20 peças foram divididas 6 grupos, sendo o maior percentual referente a técnica de incisão-ponteadão-aplicação correspondendo 50% das amostras das técnicas, seguida da técnicas de incisão-ponteadão-aplicação-repuxado, incisão, aplicação-repuxado-ponteadão correspondendo 10% cada e por último, foram descritas 1 peça com fabricação por modelagem e Acordelamento, perfazendo 5 % das amostras, como mostra a figura 31.

Figura 31: Gráfico apresentando a porcentagem da técnica de fabricação de cerâmica Konduri.



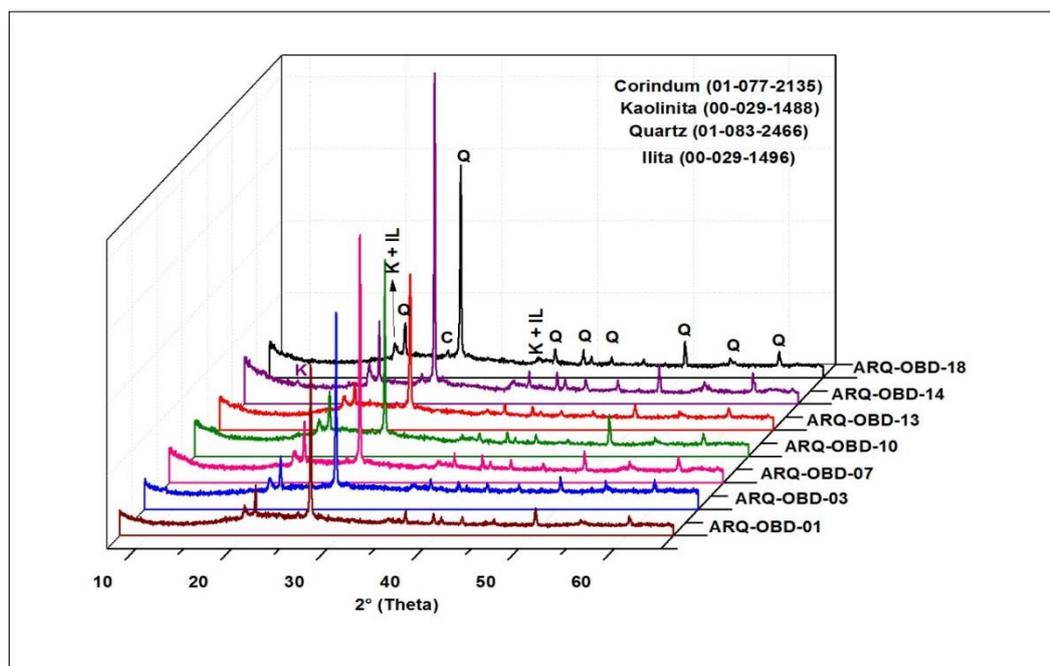
Fonte: a Autora2019.

De posse desses resultados é perceptível a estilização Konduri nas cerâmicas investigadas assemelhando-se aos fragmentos encontrados por outros pesquisadores nas regiões vizinhas. As principais características encontradas nas cerâmicas foram de natureza zoomórficas e antropomorfas associadas, com técnica de fabricação de incisão retilíneas, curvilíneas e aleatórias, olhos esféricos com aplicação e ponteados no centro, exceto os cacos ARQ-OBD- 12 E 17 que representam características da fase Pocó, mas também foram incorporadas no Estilo Konduri. Além disso, foi possível observar que algumas peças representam os alimentos e animais que foram encontrados no seu cotidiano como afirma Gomes (2002).

3.4.2 Análise de DRX

O padrão DRX das amostras ARQ-OBD-01, 03, 07, 10, 13, 14 e 18 são mostrados na Figura 32.

Figura 32: Difratoograma de Raio-x da massa cerâmicas dos fragmentos ARQ-OBD-(01,03,07,10, 13, 14, E 18). C= Coríndon; K= Caulinita; Q=Quartzo; e Il= Ilita.



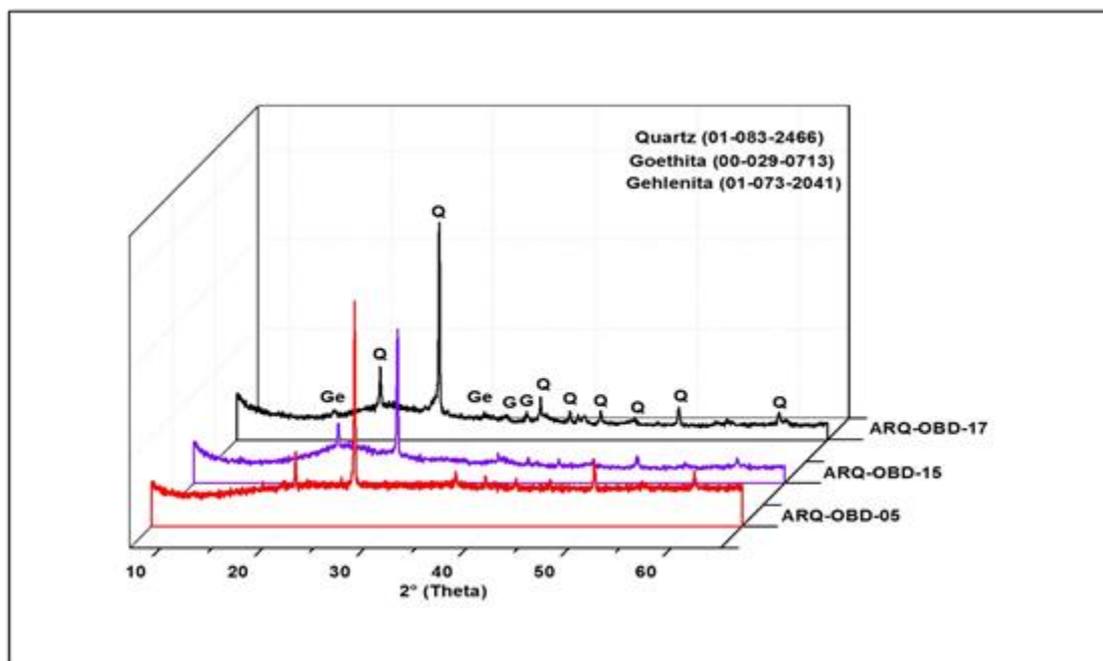
Fonte: a Autora/2019.

Observa-se que a massa cerâmica apresenta picos típicos dos minerais quartzo, caulinita, ilita e coríndon em todas as 7 amostras desse grupo. Além desses, alguns picos atribuídos ilita + caulinita (k-il) se sobrepõe. Há notoriamente a ocorrência de uma elevação da linha base (background) na faixa de 12° a 30° (2θ), que pode ser relacionada à fase amorfa chamada de metacaulinita, normalmente formada quando caulinita é aquecida a elevadas

temperaturas (> 650 °C). Também pode ser relacionada à presença de sílica amorfa bem comum na região denominada cauixi.

Vale ressaltar que os minerais aqui descritos são comuns nas ocorrências de caulim da região de Trombetas e Óbidos. A presença de caulinita nas amostras ARQ-OBS-13 e 14, pode ser um indicativo de baixa temperatura de queima na produção dos artefatos cerâmicos. Enquanto que o quartzo presente nas amostras pode ser relacionado a adição de areia com a intenção de se ter uma maior resistência da massa cerâmica durante o seu processo de confecção. Na figura 7 são apresentados os padrões DRX das amostras ARQ-OBD-05, 15 e 17.

Figura 33: Padrão DRX das amostras ARQ-OBD-05, ARQ-OBD-15 e ARQ-OBD-17.



Fonte: a Autora/2019.

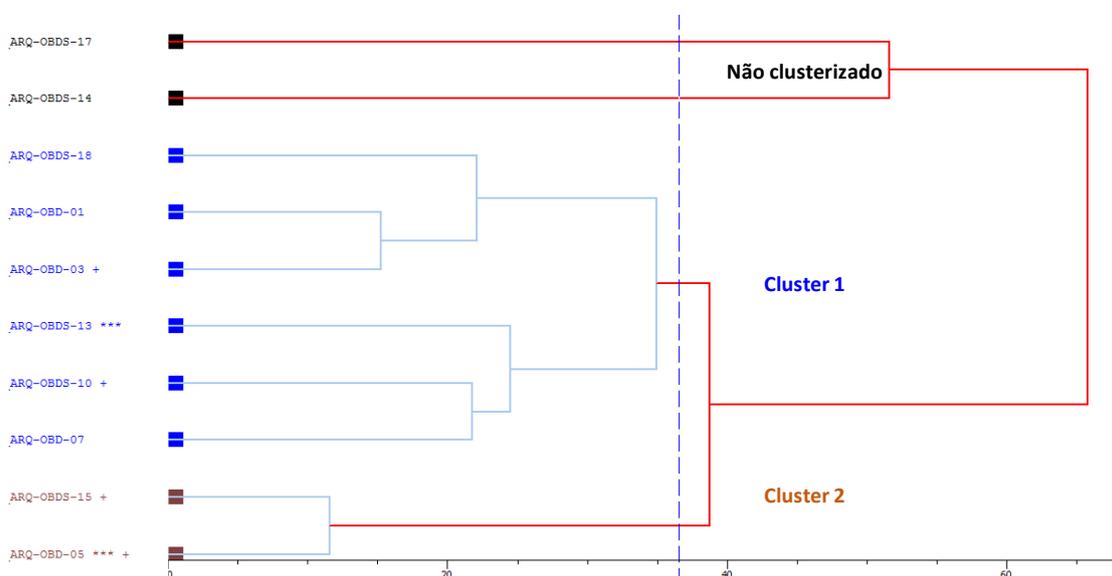
Conforme pode ser observado, a fase de quartzo se mostrou presente também nestas amostras, assim como houve o surgimento de goethita e gehlenita. A fase goethita é um hidróxido de ferro que é um mineral também comum na região conhecida por seus ambientes formados por perfis lateríticos. A fase goethita também pode estar associada a coloração vermelha-amarronzada das cerâmicas. Enquanto que gehlenita, refere-se a uma fase de fosfato de cálcio, que pode ser um forte indicativo que estes fragmentos ARQ-

OBD (05, 15, E 17) façam parte dos artefatos referentes às vasilhas de cozimentos ou pedaços de urnas mortuárias, uma vez que gehlenita é fase mineral representante de ossos e dentes humanos. Este mineral também pode indicar que houve uma decomposição de estruturas humanas ou de animais, uma vez que não é comum a presença deste mineral em ambientes geoquímicos da região (Figura 33).

Menezes (2011), aponta que áreas próximas aos cursos de água, como várzeas, elevações marginais adjacentes, alguns solos de terra firme ao longo de rios e interflúvio, são típicas de solos TPA, e se tornaram férteis justamente pela ampla utilização povos pré-colombianos para assentamentos e práticas agrícolas. Vale ressaltar que essas características físicas e espaciais descritas são semelhantes a Comunidade do Arapucu.

Uma análise de cluster foi aplicada aos dados obtidos de DRX afim de se obter similaridades (ou dissimilaridades) entre as amostras investigadas quanto a sua composição mineralógica. Assim, um dendograma foi obtido e é mostrado na figura 34.

Figura 34: Dendograma indicando as amostras agrupadas em clusters.



Fonte: a Autora/2019.

Os padrões DRX do grupo não clusterizado indicam que as amostras se destacaram pela presença das fases caulinita (ARQ-OBD-14) e gehlenita (ARQ-OBD-17). As amostras agrupadas no cluster 1, foram aquelas

com mineralogia predominantemente formada por quartzo e fase amorfa (ARQ-OBD-01, 03, 07, 10, 13 e 18). Enquanto que as amostras presentes no cluster 2 (ARQ-OBD-05 e ARQ-OBD-15) foram provavelmente agrupadas pela sua predominância da fase goethita e gehlenita.

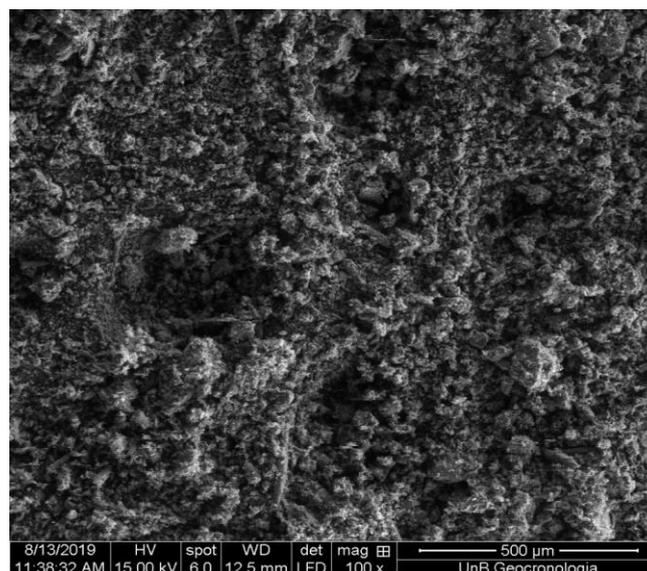
3.4.3 Análises por meio da Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV)

Algumas características que são quase indistinguíveis a olho nu em materiais sedimentares, principalmente nas argilas já processadas e “temperadas”, foram confirmadas com auxílio do MEV que possibilitou identificar microestruturas e fissuras nos fragmentos cerâmicos com o aumento de 100-500 μm do tamanho do grão.

Todas as 7 amostras que foram observadas pelas micrografias do MEV apresentaram formas naturais de argilas prensadas, ocorrendo desordenadamente como aglomerados e forma arredondadas e algumas com estrutura laminar semelhante a caulinita, assim como afirma Ferreira (2010).

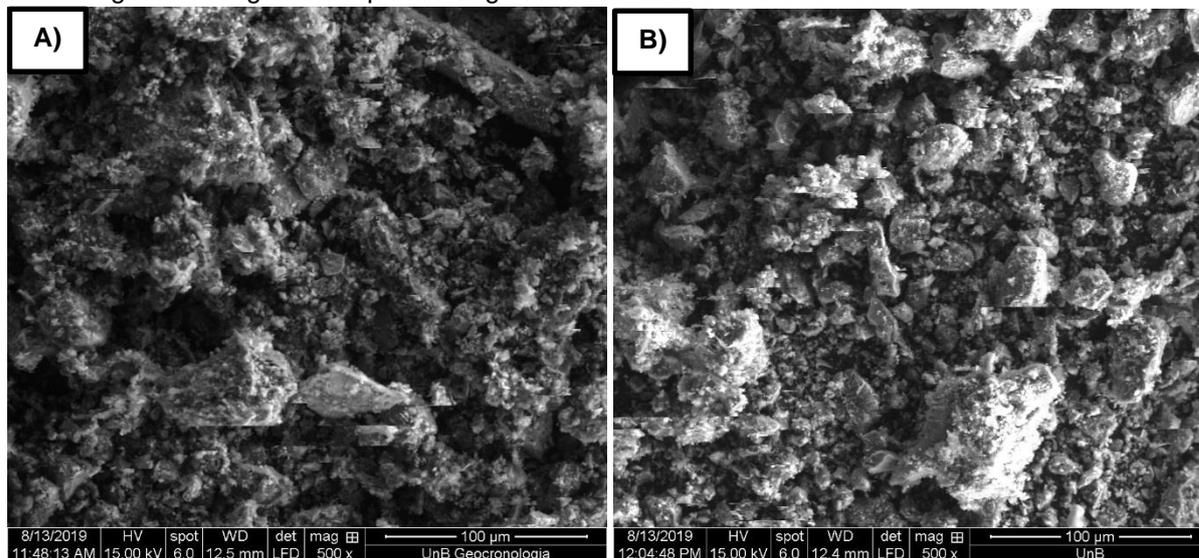
Samet et al (2015), também confirmam por meio de micrografias a presença de material argiloso típico de caulinita, que possui pequenos grãos com variados tamanhos com feições de aglomerações, que podem estar relacionados ao processo de moagem do material para a produção do material cerâmico como mostra a figura 35 e 36.

Figura 35: Micrografias do fragmento cerâmico ARQ-OBD-03, obtidas por MEV com aumento de 500 μm . Apresentando a matriz argilosa, com grãos aglomerados e desordenados, e alguns arredondados.



Fonte: a Autora/2019.

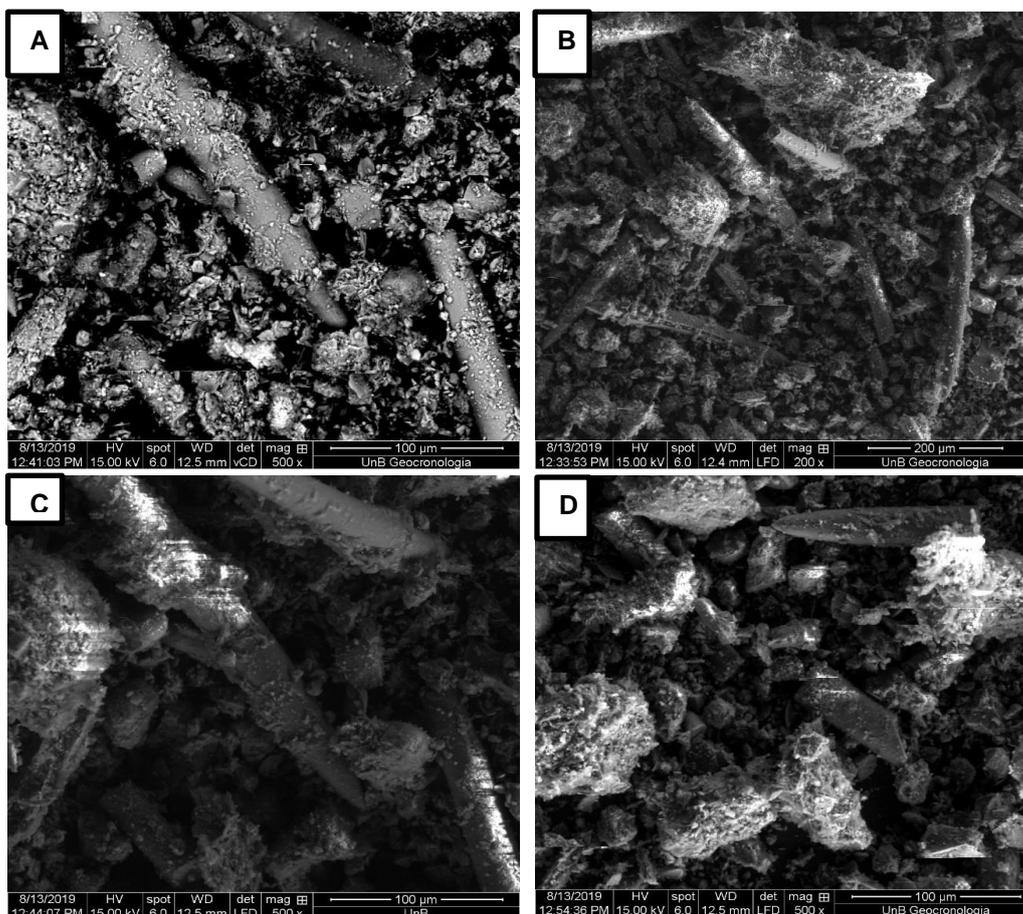
Figura 36: Micrografias do fragmento cerâmico ARQ-OBD-03, obtidas por MEV com aumento de 100 μm . A) matriz argilosa com grãos de quartzo angulosos e arredondados da amostra ARQ-OBD-05; B) matriz argilosa com grãos de quartzo angulosos e arredondados da amostra AR



Fonte: a Autora/2019.

Micrografias observadas pelo MEV mostram nitidamente a presença numerosa das esponjas de água doce em todas as 7 amostras analisadas. O cauxi parece estar sobreposto aos microgrãos de argila, e, às vezes, percebe-se que estão próximas ou inclusas em um material semelhante ao cariapé. Quanto às suas características morfológicas, as esponjas apresentam-se como finos cilindros inteiros de aproximadamente 160 μm e outros quebrados com variação de tamanho, mas todos com um diâmetro de aproximadamente de 25 a 30 μm . Além disso, possuem afunilamento nas suas extremidades como mostra a Figura 37.

Figura 37: Micrografias do fragmento cerâmico ARQ-OBD-03-05-20-13 respectivamente, obtidas por MEV. A) Cauxi envolvido numa matriz argilosa; B) cauxi próximo ao cariapé. C) cauxi e cariapé, sobreposto a matriz argilosa com alguns grãos



Fonte: a Autora/2019.

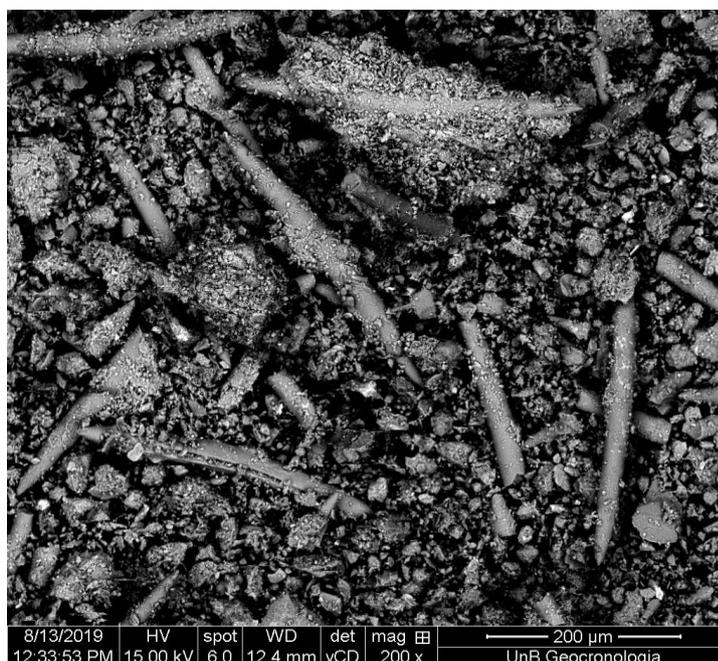
A disposição desses poríferos silicoso na matriz argilosa nos propõe que esse animal sésbil é um tempero, que foi adicionado à pasta cerâmica propositalmente para dar rigidez e estabilidade a peça. Não podendo aqui ser chamado de antiplástico, pois não foi retirado *in situ* junto ao material sedimentar (figura 38).

Moreira (1944) ressalta em seu trabalho o acréscimo de esponjas dulcícolas na região Amazônica observado pelo estudo realizado pelo Alemão

SchewAme Walter Arnet, onde confirma que índios Carajá afirmaram empregar o material intencionalmente para a confecção de objetos cerâmicos. O conhecimento era tal sobre as características dos temperos que os aglomerados de esponjas eram chamados pelos indígenas de cupim d'água ou ninho de Cumpi.

Nesse mesmo trabalho Moreira, obteve relatos de alguns oleiros da região de Minas Gerais que alegam utilizar o pó de mico para a fabricação de telhas, tijolos e outras matérias reafirmando o uso involuntária do cauxi por vários para vários fins pela sua coceira característica.

Figura 38: Micrografias do fragmento cerâmico, ARQ-OBD-12 obtidas por MEV. Apresentando cauxi bem vivíveis.



Fonte: a Autora/2019.

Os estudos etnográficos de Neto (2005-2006), demonstram como se davam a procura pela espoja e a argila por indígenas da etnia WAUJÁ, na região do alto Xingu.

“[...] A coleta desses dois materiais ocorre no período da baixa máxima dos rios e lagoas, que corresponde aos meses de agosto e setembro. [...] Para a obtenção da argila e do espongiário lacustre *akukutai* é necessário mergulhar nos pontos do rio e da lagoa onde existem os depósitos. [...] Como os mesmos encontram-se relativamente distantes, é preciso que a carga seja transportada de canoa e carregada até a aldeia em cestos do tipo *mayapalu* ou em bacias de alumínio. Para transformar o *akukutai* em anti-plástico, o mesmo deve secar ao sol por

uns cinco dias e depois passar por um processo de queima numa fogueira de gravetos, que o tornará um pó ocre, passando então a ser chamado de *akukupe*, que é de fato a matéria-prima usada como antiplástico entre os Wauja. Antes de iniciar a modelagem de uma peça, o ceramista limpará a argila de impurezas, como eventuais gravetos, pedacinhos de madeira e cascas de frutos e moluscos. É importante notar que não há detritos líticos na argila usada pelos Wauja. O trabalho de limpeza é simples e rápido, pois ele não é exaustivo, ademais, durante o processo de modelagem pode-se aprimorar a limpeza. Um ceramista wauja não limpa antecipadamente toda a argila que armazena em sua casa ao longo de uma estação de coleta, mas apenas a quantidade necessária para modelar a peça que ele deseja. Por outro lado, todo o *akukutai* coletado é logo queimado e o pó resultante (*akukupe*) é cuidadosamente guardado em fardos protegidos contra umidade.[...] (NETO, 2005-2006, P. 366-377)”

Sabe-se que a técnica ceramista encontrada na região do Baixo e Médio Amazonas vem sendo discutida fortemente em relação à sua origem comum e à propagação de seu estilo. Um dos precursores dessas teorias foi Curt Nimuendaju que desde 1923 levantou a tese de que a origem das cerâmicas de Santarém²⁸ é de origem Ariwak. Além dele, Linné em 1932 aponta o “emprego” tanto do cariapé quanto do cauxi como aditivos das pastas cerâmicas encontradas na bacia Amazônica (GOMES, 2013).

Isso pode apresentar o repasse estilístico e tecnológico do modo de fazer as cerâmicas vindo dos andes em direção ao centro do continente, demonstrando a perpetuação da cultura em uma longa extensão territorial e que as distâncias geográficas não são barreiras para que houvesse esse repasse. Assim, as práticas de coleta também podem ser uma das heranças culturais propagadas por toda uma região. Nesse sentido, acredita-se que além do incremento pelo tempero de cauxi as amostras analisadas foram acrescidas de cariapé (casca de árvore) e pedaços de cacos moídos, para melhorar a resistência mecânica das peças cerâmicas.

No que se refere à composição química verificada pelo MEV-EDS, observou-se que a presença de Silício -Si e alumínio-al são representados em todas amostras analisadas, além disso há presença de fósforo-P, Potássio-k, Titânio- Ti, Cálcio-Ca, Magnésio- Mg, Ferro-Fe, e Cromo –Cr que na maioria das vezes ocorre apenas em fases acessórias, mas 2 amostras apresentam teores elevados de fosfato (ARQ-OBD-01 E 03).

²⁸ Entende todas as cerâmicas encontradas nas cidades de Santarém, Óbidos, Trombetas, Oriximiná, Faro e Aveiro.

A figura 13 A mostra que esse fragmento de um prato confirma a presença da argila caulínica com tempero para a cerâmica por apontar elevados teores de Si e Al, valores significativos de Ferro e uma morfologia característica de caulim. A ausência de elementos componentes da água dá indícios para uma perda de água durante a queima, indicando a transformação da caulinita em metacaulinita, assim também como foi confirmada pelo DRX.

Ressalta-se que os pontos EDS-Spot (2, 4 e 5), foram analisados em cima das esponjas e eles mostram os altos valores de Silício, base química das esponjas. Outro ponto relevante é que as análises obtidas por MEV-SED confirmaram os elevados teores de fósforo presentes na matriz argilosa de fragmentos EDS-Spot (1, 2 e 3), igual como acontece nas figuras 39 e 40(A e B).

Figura 39: Micrografias do fragmento cerâmico e tabelas ARQ-OBD-03 (A) e ARQ-OBD-12 (B), obtidas por MEV-EDS., com análises semiquantitativas apresentando o peso dos elementos químicos nas análises pontuais com o EDS.

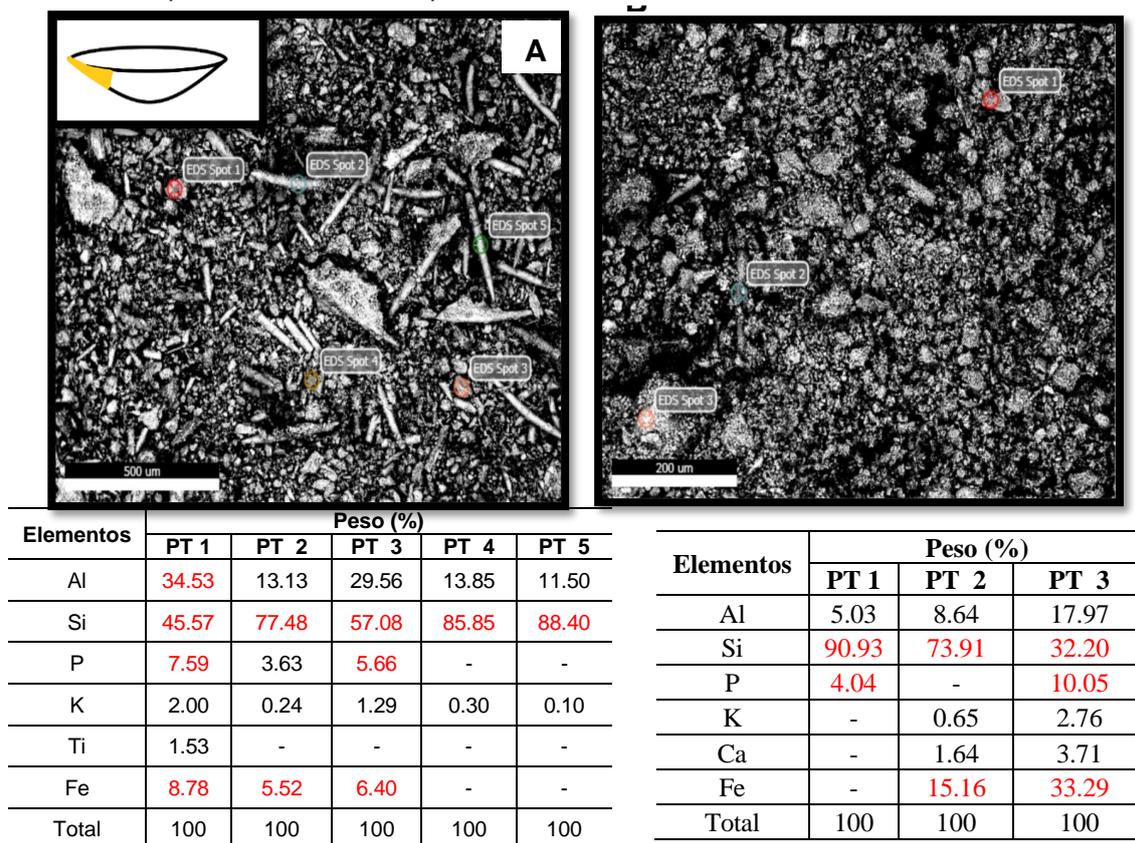
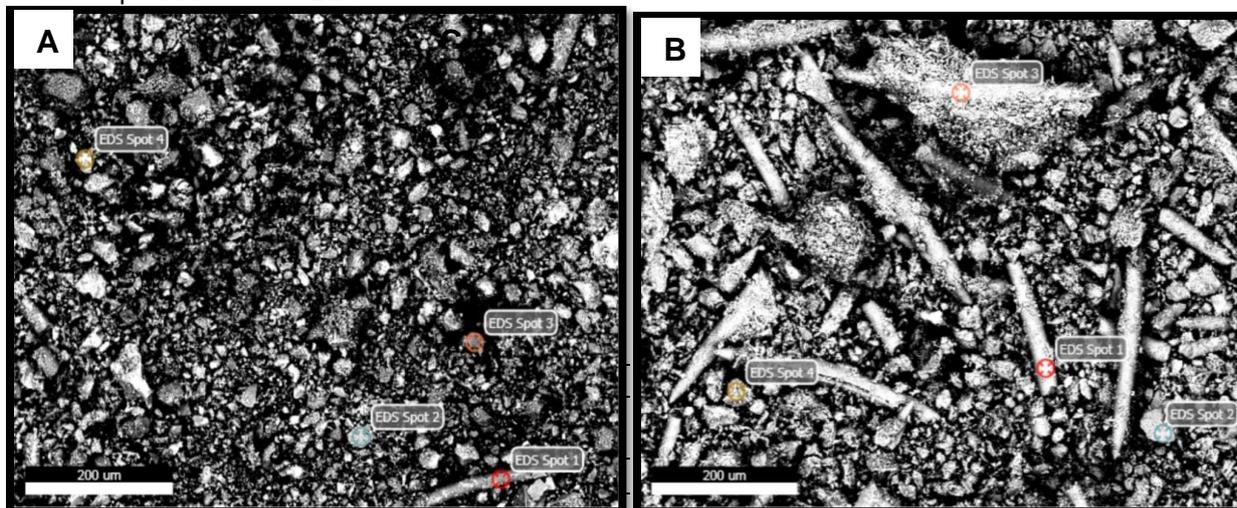


Figura 40: : Micrografias do fragmento cerâmico e tabelas ARQ-OBD-07 (A) e ARQ-OBD-20 (B), obtidas por MEV-EDS., com análises semiquantitativas apresentando o peso dos elementos químicos nas análises pontuais com o EDS.



Fonte: a Autora (2019).	71.20	39.12	72.59	13.73
P	1.57	1.65	-	4.04
K	0.15	13.20	0.76	-
Ti	-	1.01	-	-
Fe	14.33	13.56	21.02	66.94
Ca	0.09	-	0.54	-
Total	100	100	100	100

Elementos	Peso (%)			
	PT 1	PT 2	PT 3	PT 4
Al	4.67	4.96	12.41	28.51
Si	95.20	92.36	76.71	44.97
P	-	2.52	3.71	7.74
K	0.12	0.15	0.41	2.79
Ca	-	-	0.67	3.34
Fe	-	-	6.09	12.63
Total	100	100	100	100

CAPÍTULO IV

PONDERAÇÕES INTERDISCIPLINARES ACERCA DOS RESULTADOS

Nossas pesquisas estão inseridas num espaço de complexidade teórica e prática, o que exige sempre um retorno ao princípio da atividade para compormos uma síntese das pesquisas em campo, fazendo justamente uma tecelagem de ponderações interdisciplinares para que as considerações finais de nossa dissertação sejam apreendidas pelo leitor como um resultado que, sem pretensões conclusivas de nenhuma monta, dada a impossibilidade de pesquisas desse porte se proporem conclusivas, visa ampliar o leque dos acalorados debates sobre a sistematização dos mapas antropológicos sobre a Amazônia, desta vez dialogando não somente com a historiografia e a arqueologia, como também com a literatura cronista e com a geociências.

Neste sentido, no que referente à caracterização do estilo dos fragmentos estudados, os resultados de suas análises em laboratório nos permitem afirmar que possuem todos os indícios da técnica estilística de influência Konduri como apêndices modelados com características zoomórficas e antropomorfas associadas, apresentando incisões retilíneas, curvilíneas e aleatórias, olhos esféricos com aplicação e ponteamento das peças.

A presença de apêndices zoomórficos e antropomórficos, bem como a presença de quantidades abundantes de cauxi na estrutura das peças artesanais submetidas a testes laboratoriais também nos permitem confirmar referências arqueológicas da região, e possibilitaram sugerir que a população Konduri, de base econômica ceramista, tinha uma grande preocupação em melhorar a qualidade de seus utensílios artesanais por meio de mistura de diversos materiais que permitissem uma maior resistência mecânica e durabilidade das peças cerâmicas.

A composição mineralógica das cerâmicas pretéritas estudadas está em pleno acordo com o que os estudos contemporâneos da geologia propõem para uma compreensão científica sensata sobre a região estudada, indicando inclusive que não houve uma mudança significativa no clima da região, o que permitiu a sobrevivência dos utensílios encontrados sem interferências ambientais que pudessem comprometer a qualidade primitiva dos objetos de estudos. Desse modo, sugere-se que a argila utilizada seja de tempo não tão recente,

mas que ainda carece de outras técnicas geoarqueológicas para realizar uma datação ainda mais precisa e a confirmação desse período.

A partir do DRX pode-se verificar e confirmar a presença predominante de SiO₂, em sua forma livre como o quartzo, que não formou a caulinita pela baixa quantidade de alumina. Alguns elementos, como fosfato de cálcio encontrado tanto no DRX quanto no MEV, sugerem um forte indicativo da utilização das vasilhas no cotidiano dos indígenas Konduri. Além disso, o solo onde foram encontradas essas peças pode ser classificado com TPA, uma vez que possuem elementos que aumentam a fertilidade do solo pobre da Amazônia.

Também foi possível observar que a matriz argilosa pesquisada é de comportamento de formas naturais típicas de argilas prensadas, mas ocorrendo como aglomerados de grão, com tamanhos variados. Neste ponto, atentamos sobre a presença de antiplásticos. Acredita-se que os especialistas Konduri em suas atividades artesanais faziam uso de cauxi, cariapé e cacos moídos, sugerindo que foram adicionados à argila, uma vez que observamos, por meio das micrografias, os temperos sobrepostos à matriz argilosa pesquisada e não envolvida por completo nela.

Alguns estudos afirmam que essa prática era comum de várias etnias, e que sua coleta para fazer a adição do tempero na preparação do barro, no seu descanso, na sua modelagem e na sua queima poderia ocorrer em tempos de secas dos rios. Além disso, o próprio nome nos sugere que as características das esponjas eram de conhecimentos dos indígenas Konduri, uma vez que o *cauxi* é o nome dado a *esponjas* facilmente encontradas em água doce, e são conhecidas na Amazônia pelo nome de cauxi, um termo derivado do radical “*cai*”, um vocábulo que provém da indígena *Guarany* e que se refere à queimadura, um jeito dos indígenas locais referir-se ao material como *mãe da coceira* (cauxi).

Quanto às características morfológicas das esponjas, elas são finos cilindros de 160µm apresentando-se também quebrados com um diâmetro de aproximadamente de 25 a 30 µm, com afunilamento nas pontas. Nas análises EDS, observou a presença de Silício –Si, alumínio-al, Fósforo-P, Potássio-k, Titânio- Ti, Cálcio-Ca, Magnésio- Mg, Ferro-Fe, e Cromo –Cr fases acessórias. A presença da argila caulínica com tempero para a cerâmica aponta elevados teores de Si e Al, e valores significativos de Ferro, e uma morfologia característica de caulim. A ausência de elementos componentes da água dá

indícios de que ocorreram perdas de água no processo de queima do artefato, indicando a transformação da caulinita em metacaulinita, assim também como foi confirmada pelo DRX.

Os pontos verificados em cima das esponjas demonstram os altos valores de Silício, base química das esponjas. Assim com, confirmaram os elevados teores de fósforo presentes na matriz argilosa dos fragmentos.

Ressalta-se que, mesmo sem conhecer as múltiplas características das argilas, pode-se afirmar que foram significativas para a evolução tecnológica e sobrevivência dos povos ameríndios, em particular, do povo Konduri, que fez uso de uma matéria prima de aplicações simples e de fácil modelagem, possibilitando que tivéssemos, nos materiais pesquisados, uma impressão identitária cultural desses habitantes. Além disso, demonstrou o nível de sociedade complexa existente antes mesmo da chegada dos europeus nas Américas, uma vez que as cerâmicas, mesmo com fortes ações do intemperismo químico e físico, permanecem bem preservadas e com as suas decorações, quase em sua maioria, intactas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar uma cultura extinta é um trabalho extremamente interpretativo que, na maioria das vezes, carece de elementos que sejam suficientes para tecer conjecturas e suposições sensatas, a não ser por meio de artefatos e raros registros históricos. Ressalta-se a importância dessas informações para o fortalecimento e registro da história dos primeiros habitantes que residiram na Amazônia, sobretudo a região Oeste do Pará.

É nesse sentido que esta pesquisa buscou, por meio de técnicas geoarqueológicas, contribuir de forma significativa para uma melhor clareza e maior precisão dos componentes que foram constituintes nas cerâmicas, e para servir de suporte à reconstrução da história dos povos antigos da região Baixo Amazonas, que nos parece conflitar com registros de pesquisadores em relação aos povos chamados tapajoaras, aqueles registrados na região de Santarém, no Pará, ao longo de vários séculos.

No que se refere à questão científica lançada no início da pesquisa, na qual se indagou se os *“resíduos cerâmicos podem servir de material que possibilita a identificação das condições históricas e geoarqueológicas da região do Arapucu do Baixo Amazonas e o reconhecimento local como Território Konduri?”*, apesar de ser uma pergunta complexa, os vários métodos utilizados nos permitiram várias respostas que convergiram para a conclusão que a fase Konduri esteve presente na região da nossa pesquisa, e que peças remanescentes das fases Pocó afirma também a presença desse outro grupo na comunidade Arapucu.

Mas vale ressaltar, que as peças não foram as únicas evidências, da presença dessa população na região Baixo Amazonas. Os relatos dos cronistas, mesmo que às vezes parecessem fantasiosos, foram substanciais para defender a tese da presença de uma sociedade complexa, cacicada e comandada por mulheres, presente numa grande extensão do rio Amazonas, e Óbidos foi uma dessas localidades que estavam povoados pelos Konduris.

Além das bibliografias, os métodos descritivos da arqueologia foram pilares para a comprovação do uso de técnica ceramista altamente detalhada, diversificadas e própria do povo Konduri.

Com isso, percebemos que todos os objetivos lançados pela pesquisa foram alcançados com satisfação, mas só foi possível pelo trabalho interdisciplinar que gerou um ambiente de debate satisfatório, com várias perspectivas metodológicas que aliou as ciências humanas e exatas para chegar à conclusão de que foi possível analisar uma cultura por meio dos seus artefatos.

Salientamos, a partir da revisão bibliográfica, que apesar do imenso e rico campo de pesquisa sobre as populações passadas na região, em dois séculos de reconhecimento da referida população, há apenas duas pesquisas que são base para o entendimento do contexto histórico da população Konduri, mas pouco se aplicaram no que diz respeito às técnicas que melhoraram seus resultados e interpretações. Apontando uma carência de pesquisas tanto no âmbito arqueológico tradicional, como também pesquisas de cunho geoarqueológicos. Isso demanda de nossa pesquisa um olhar bastante interdisciplinar tanto em campo, como em registro de Estado da arte, e finalmente na coleta, exame e apresentação dos possíveis resultados.

Diante disso, demonstra-se a relevância de investigações sobre a cerâmica Konduri, para a região do Baixo Amazonas como um todo, por representar um complexo de antepassados que povoaram a região ao município de Óbidos, por contar um pouco do passado da cidade. Nesse sentido, espera-se com essa pesquisa gerar informações claras para interpretações consistentes sobre a organização social e cultural dos Konduri.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

ACOSTA, Josef de (1590). **Historia Natural y Moral de las Indias**. Madrid-ESP, Cyan, Proyectos y Producciones, 2008. Disponível em: <http://www.fondazioneintorcetta.info/pdf/biblioteca-virtuale/documento1182/HistoriaNatural.pdf> Acesso em: 22 Ago. 2018.

ACUÑA, Cristóbal. **Nuevo descubrimiento del Gran Río de las Amazonas**. Madrid (ESP), Imprenta del Reino, 1641.

ALVES, Marcony Lopes. Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. Em: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p. 11-36, jan.-abr. 2018.

ALVES, Felipe A. *et al.* Raios X Aplicados à Arqueometria. Em: **Revista Ciências biológicas e da saúde – v. 1; n.3** (p. 59-68) - Recife : Julho 2014.

ARAÚJO, Astolfo Gomes de Melo. **Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo**. 2001. 366 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-SP, São Paulo, 2001.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Compêndio das Eras da Província do Pará**. Belém-PA, Universidade Federal do Pará, 1969.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Município de Óbidos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/obidos/panorama>. Acesso em: 02 Dec. 2018.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?”- reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **V ENECULT-Faculdade de Comunicação: UFBA, Salvador-Bahia, 2009**.

CANNAVAN, Fabiana de Sousa. **Diversidade das comunidades bacterianas em solos de terra preta antropogênica da Amazônia Central e Oriental**. Piracicaba-SP, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação de Mestrado. 115 p.

CARDIM, Fernão [1583]. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4788>. Acesso em 25 Jun.. 2019.

CARVAJAL, Gaspar de. (1542). **Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana**. Edición y notas de M^a de las Nieves Pinillos Iglesias. Madrid-ESP, Babelia, 2011.

CASTRO, Luis P. dos S. de. Índios Conduri: sob o olhar de viajantes e missionários na Amazônia Colonial. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/6641/5503>
Acesso em: 12 Fev. 2019.

CHRISTOFOLETTI, S. R. & MORENO, M. M. T. **Comparação tecnológica, mineralógica e química da Formação Corumbataí em dois polos cerâmicos distintos visando sua aplicação na indústria de revestimentos cerâmicos**. Em: Revista Cerâmica, Volume 61, p. 469-476, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0366-69132015613601951>. Acesso em: 04 Ago. 2019.

COLOMBINI Maria Perla; MODUGNO, Francesca. **Organic mass spectrometry**. Em: Art and Archaeology. New York-USA, John Wiley & Sons, 2009.

CPRM, Serviço Geológico Brasileiro. **Minerais Argilosos**. Disponível em: <http://cprm.gov.br/publique/redes-institucionais/rede-de-bibliotecas---rede-ametista/minerais-argilosos-1255.html>. Acesso em: 10 de Out. 2019.

CPRM – SERVIÇO GEOLÓGICO BRASILEIRO. **Geodiversidade do estado do Pará**. Belém, CPRM, 2013.

CPRM – SERVIÇO GEOLÓGICO BRASILEIRO. **Geologia e Recursos Minerais do Estado do Pará. Sistema de Informações Geográficas – SIG: Texto explicativo dos mapas Geológico e Tectônico e de Recursos Minerais do Estado do Pará**. Belém, CPRM, 2008.

CRUZ, Laureano de la. **Nuevo descubrimiento del rio de Marañon llamado de las amazonas hecho por la religion de San Francisco, año de 1651**. Madrid, Colonia de Dona Carlota, La Irradiación, 1900.

CUNHA, P. R. C. **Bacia do Amazonas**. Boletim de Geociências Petrobrás, Rio de Janeiro, v. 08, n. 1, p. 47-55. 1994.

DARWIN, Charles. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life**. New York-USA, D. Appleton and Company, 1859.

DEDAVID, Berenice Anina, GOMES, Carmem Isse; MACHADO, Giovanna. **Microscopia eletrônica de varredura: aplicações e preparação de amostras: materiais poliméricos, metálicos e semicondutores**. Porto Alegre, DIPUCRS, 2007.

EAGLETON. Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, Unesp, 2005.

ESPADA, Márcos Jimenez De la. **Viaje del Capintán Pedro Teixeira del Rio de las Amazonas (1638-1639)**. Madrid-ESP, Imprenta de Fortanet Calle De La Libertad, 1889.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil: Descobrimos o Brasil**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar; 2000.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, L&PM, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo e NOELLI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. 3ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2009.

GALVÃO, Eduardo. Áreas culturais indígenas do Brasil 1900 - 1959. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, n.s.**, Antropologia, nº 8, Belém, 1960.

GOFFER, Zvi. **Archaeological chemistry**. New York-USA, John Wiley & Sons, 2007.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP**. São Paulo, Edusp / Fapesp / Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**, 2ª edição, Manaus, Valer, 2007.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. **Além da Margem do Rio - A Ocupação Konduri Pocó na Região de Porto Trombetas, PA**. São Paulo, MAE / Universidade de São Paulo, 2008. Tese de Doutorado. 194p.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; e CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. Em: **Revista Estudos Avançados**, vol. 19, São Paulo, 2005, p. 237-257.

HERIARTE, Mauricio [1662]. **Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas**. Vienna-AUT, Imprensa do Filho de Carlos Gerold, 1874. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or110374/or110374.pdf. Acesso em: 05 Ago. 2019.

HILBERT, Peter Paul; HILBERT, Klaus. Resultados Preliminares da Pesquisa Arqueológica nos Rios Nhamudá e Trombetas, Baixo Amazonas. Em: **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Antropologia**, nº 75, 2.05.1980, Belém-PA

IBGE. **Densidade demográfica: Censo Demográfico 2010, Área territorial brasileira**. Rio de Janeiro, IBGE, 2011.

MELO, Homero Reis Junior; MOURÃO, Maria Antonieta Alcântara. **Projeto Rede Integrada de Monitoramento das Águas Subterrâneas: relatório**

diagnóstico Aquífero Alter do Chão, Bacia Sedimentar do Amazonas. Belo Horizonte, CPRM/Serviço Geológico do Brasil, 2012.

KALINOVSKI E.C.Z., PAROLIN M., Souza Filho. **Esponjas de água doce na América do Sul:** o estado da arte da produção científica no Brasil. Em: *Terra Didática*, 12(1):4-18, 2016 Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>. Acesso em 15 Out. 2019.

KERN, Dirse Clara; HERON, André; FIGUEIRA, Bruno Apolo Miranda; & COSTA, Juciele Amarin. **Pesquisa arqueométricas na Amazônia, com ênfase no material cerâmico.** Em: *Geoarqueologia – Goiânia*: Ed da PUC Goiás, 2013.

KLEIN, Richard. **O despertar da cultura:** a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana. Tradução de Lúcia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

LIMA, Helena Pinto. História das Caretas: a tradição Borda Incisa na Amazônia Central. São Paulo, **Museu de Arqueologia e Etnologia**, MAE/PPGA/USP, 2008. Tese de Doutorado.

LIMA, Paula Cabral; FACCIO, Neide Barrocá. A Geoarqueologia como ferramenta para compreensão de contextos ambientais de Sítios Arqueológicos. Em: **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.37, v.1, p.72-91, jan./jul. 2015.

LIMA, Sérgio Eduardo Moreira; COUTINHO, Maria do Carmo Strozzi (org.) **Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri.** Brasília, FUNAG, 2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário. Belém, Cejup, 1995.

LUZ, A.B.; CAMPOS, A.R.; CARVALHO, E.A., BERTOLINO, L.C. e SCORZELLI, R.B. Argila Caulim. In **Rochas & Minerais Industriais:** usos e especificações. Ed. LUZ, A.B. e LINS, F.A.F. CETEM/MCT. Rio de Janeiro. p. 255-294. 2008.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América Mágica:** quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. Tradução de Regina Vasconcellos. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

MANN, Charles C. [1491]. **Nova revelações sobre as Américas antes de Colombo.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

MAROSTEGA, Thalita N.; MORINI, Alessandra A.E.T.; RODRIGUES, Fabiana A. C.; ARAÚJO, Lourismar M. ; BARROS, Iuri B.; JUNIOR, Valdir F. da V. Ocorrência de Esponjas de água doce (Porifera, Demospongiae) na Baía dos Malheiros, Pantanal Mato-Grossense. Em: **Revista Perspectiva**, Erechim. v.37, n.137, p.141-148, março/2013

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e Redescobrir o Grande Rio das Amazonas: as Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas Sj (1639) e

Christóbal de Acuña Sj (1641)". Em: **Revista de História 156** (1º SMT de 2007), P. 31-57.

MARTIUS, Karl P. von. Como se deve escrever a história do Brasil. Em: **Revista Trimensal de História e Geografia**, n. 24, jan. 1845.

MEGGERS, Betty J. Revisiting Amazonia Circa 1492. Em: **Science**. 302 (5653): 2067–2070. 19.12.2003.

MEGGERS, Betty J. **Amazonia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise**. Smithsonian Institution Scholarly Press. 1971.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios no Brasil**. São Paulo, Edusp, 2007.

MENDES, Anderson C.; TRUCKENBROD, Werner; NOGUEIRA, Afonso C. R. Análise faciológica da Formação Alter do Chão (Cretáceo, Bacia do Amazonas), próximo à cidade de Óbidos, Pará, Brasil. Em: **Revista Brasileira de Geociências**, 39 42(1): 39-57, março de 2012. Disponível em: www.sbgeo.org.br, Acesso em 12 Abr. 2019.

MENEZES, Jorge Almeida de. **Caracterização de Fragmentos Cerâmicos de Terra Preta de Índio**. Manaus, ICE/DQ/Programa de Pós-Graduação em Química – PPGQ/UFAM, 2011. Dissertação de Mestrado.

MILHEIRA, Rafael Guedes; APPOLONI, Roberto Carlos; PARREIRA, Sergio Paulo. Arqueometria em Cerâmica Guarani no Sul do Brasil: um estudo de caso. Em: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 19, 355-364, 2009.

MORAIS, José Luiz de. A Arqueologia e o Fator Geo. Em: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, MAE, nº 9, 3-22, São Paulo, 1999.

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luíz Beethoven. **O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos**. São Paulo, Globo, 2008.

OLIVEIRA, Josafá Ribeiro de; PESTANA, José Maria do Nascimento; NAVEGANTE, Paulo Sérgio Carvalho; SCHALKEN, Charles George P. S. Caracterização Hidrogeológica da Cidade de Santarém e das Vilas de Mojuí dos Campos e Alter-do-Chão com Proposta Técnica para a perfuração de Poços Tubulares Profundos. Em: **XI Congresso de Água Subterrânea**, 2000, Belém/PA. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/24127> Acesso em: 11 Out. 2019.

PAULINO, Itamar Rodrigues. A Amazônia entre culturas, identidades e memórias. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). **Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2018.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **Um olhar acerca do *Homo Violens*: parâmetros filosóficos para compreender a violência do ser humano pós-moderno.** Brasília, Universidade Católica, 2004. Monografia de Especialização. 111p

PINTO, José Maria. Representações da Amazônia na relação de Carvajal: devaneio e mistificação. Em: **Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC.** 08-12/07/2013, UEPB, Campina Grande, PB. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/abralicinternacional/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_677_7a946d955c1b221e1fe76a30410ef6c3.pdf. Acesso em: 04 Mar. 2019.

PORRO, Antonio. **Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial.** Cardenas do IEB. São Paulo, IEB / Universidade de São Paulo, 2007.

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país.** 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

REIS, Arthur César Ferreira (1906). **A Amazônia e a integridade do Brasil –** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

RODET, Maria J.; GUAPINDAIA, Vera; MATOS, Amauri. **Análise tecnológica e cadeia operatória: uma nova proposta para a indústria lítica lascada das culturas ceramista da Amazônia.** In: Arqueologia Amazônica / Organizada por Edithe Pereira e Vera Guapindaia. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, 2010.

RODRIGUES, Igor Morais Mariano; VOLKMER-RIBEIRO, Cecilia; MACHADO, Vanessa de Souza. Cauixi em cerâmica arqueológica da região de Lagoa Santa, Minas Gerais: inclusão de esponjas processadas ou exploração de depósitos sedimentares com espículas? **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 85-100, jan.-abr. 2017.

ROOSEVELT, A. C.; DA COSTA, M. Lima; MACHADO, C. Lopes; MICHAB, M.; MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FEATHERS, J.; BARNETT, W.; DA SILVEIRA, M. Imazio; HENDERSON, A.; SILVA, J.; CHERNOFF, B.; REESE, D. S.; HOLMAN, J. A.; TOTH, N.; SCHICK, K. Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. **Science**. 272(5260): 373–384. 19.04.1996.

RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SILVA, Marcos Antônio da; & SILVA, Rosiclér Theodoro da Silva. Teoria e Prática no Ensino de Geoarqueologia na PUC-Goiás. Em: **Revista Arqueologia**, vol 27 nº2, Goiás, 2014.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geographia Nacional.** Memória Lida no IHGSP. São Paulo, Casa Eclectica, 1901. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf Acesso em 5 de M de 2019.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura.** São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANTOS, Josias Paulo dos. Determinação do Teor de Ilita em Argilosminerais Interestratificados a partir da Análise do Potássio Total. *Sitientibus*. Feira de Santana, n. 18 p. 127-141. Janeiro/junho de 1998.

SETRAN, Secretaria de Estado de Transportes. **As obras que recuperaram toda rodovia que liga o centro do município de Monte Alegre ao porto de Santana do Tapará, no Oeste do Pará.** Disponível em: <http://setran.pa.gov.br/site/noticia/66>, acesso em 02 Dez. 2018.

SHEPARD, Anna o. **Ceramics For The Archaeologiste.** Washington-USA, Carnegie Institution Of Washington, 1956.

SILVA, Glayce Jholy Souza de. **Mineralogia, química e avaliação de fertilidade potencial de fragmentos cerâmicos de sítios de terra preta:** Caxiuanã, Juruti, Bracarena e Quebrada Tacana. Belém-PA, PPGG/Instituto de Geociências, Universidade Federal do Pará, 2010. Dissertação de Mestrado, 109p.

SILVA, Sebastião Pereira. CAULIM. In: **Balanço Mineral Brasileiro.** Brasília, DNPM, 2001.

SOARES, Ricardo. **Agregação e distribuição de matéria orgânica em solos de terra preta de índio da Amazônia Central.** Rio de Janeiro-RJ, Universidade Federal Fluminense, 2007. Dissertação de Mestrado. 110p.

SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: 1879. Disponível em Livro: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242787> Acesso em: 25 Jun. 2019.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820.** Vol. 244(1v), 244b(2v), 244c(3v). Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

TEIXEIRA, Pedro. **Viaje del capitán Pedro Texeira, aguas arriba del rio de las Amazonas: 1638-1639.** Autor Secundário Jimenez de la Espada, Marcos 1831-1889. Madrid: Imprenta de Fortanet, 1889.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico.** Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo, Odysseus, 2004.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture:** researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. London, John Murray, 1871.

VALLE, Fabio F. do; NERES, Isaac de A.; SOUZA, Mara L. G. de S. (e cols). Exantema durante férias na região Amazônica. **Revista SPDV** 74(5) 2017; DOI: <https://dx.doi.org/10.29021/spdv.75.4.786>

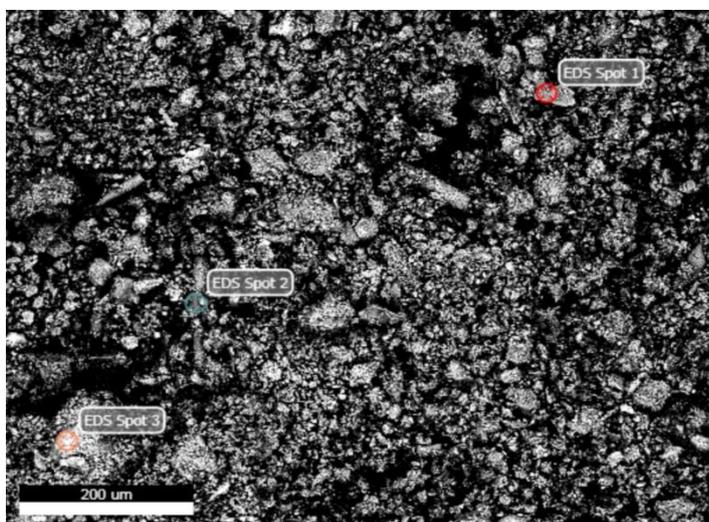
VASCONCELLOS, Padre Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus**. Tomo Primeiro (e único), Vol I. 2ª ed. Lisboa, J. F. Lopes Editor, 1865. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/autor:simao-de-vasconcellos>. Acesso em: 02 Jun. 2019.

VIANA, A. Aibeli; *et al.* Cauxi em cerâmicas arqueológicas: Uma questão de escolha cultural. **REVISRA DE ARQUEOLOGIA/ Sociedade de Arqueologia Brasileira**. 2011. São Paulo: SAB, 2011. V.24, N°1.

VOLKMER-RIBERIO, C.; PIMPÃO, D.M. 2007. Capítulo 7. Esponjas. p. 83-88. In: Rapp Py-Daniel, L.; Deus, C.P.; Henriques, A.L.; Pimpão, D.M.; Ribeiro, O.M. (orgs.). **Biodiversidade do Médio Madeira**: Bases científicas para propostas de conservação. INPA: Manaus, 244pp.

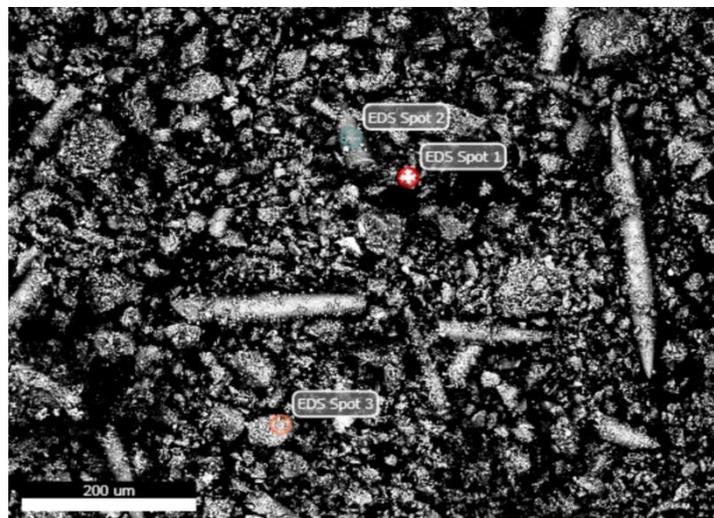
WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília, ed. Senado Federal, 2004. [A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley. London (GB); New York (USA); Melbourne (AUS), Ward, Lock, 1889.

APÊNDICE II MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OB-03



Elementos	Peso/atômico (%)					
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3	
	<i>Wt %</i>	<i>At %</i>	<i>Wt %</i>	<i>At %</i>	<i>Wt %</i>	<i>At %</i>
Al	5.03	5.24	8.64	9.76	17.97	23.00
Si	90.93	91.08	73.91	80.21	32.20	39.58
P	4.04	3.67	-	-	10.05	11.20
K	-	-	0.65	0.51	2.76	2.44
Ca	-	-	1.64	1.25	3.71	3.20
Fe	-	-	15.16	8.27	33.29	20.58
Total	100	100	100	100	100	100

**APÊNDICE IV MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-
OBD-07**



Elementos	Peso/atômico (%)					
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3	
	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %
AlK	15.21	22.02	12.15	12.65	35.02	39.02
SiK	14.98	20.83	83.23	83.24	38.68	41.40
P K	1.41	1.78	4.20	3.81	10.48	10.18
K K	0.31	0.31	0.39	0.28	1.77	1.36
CaK	0.36	0.35	0.02	0.01	1.27	0.95
TiK	62.97	51.36	-	-	2.36	1.48
CrK	0.23	0.17	-	-	-	-
FeK	4.54	3.18	-	-	10.42	5.61
Total	100	100	100	100	100	100

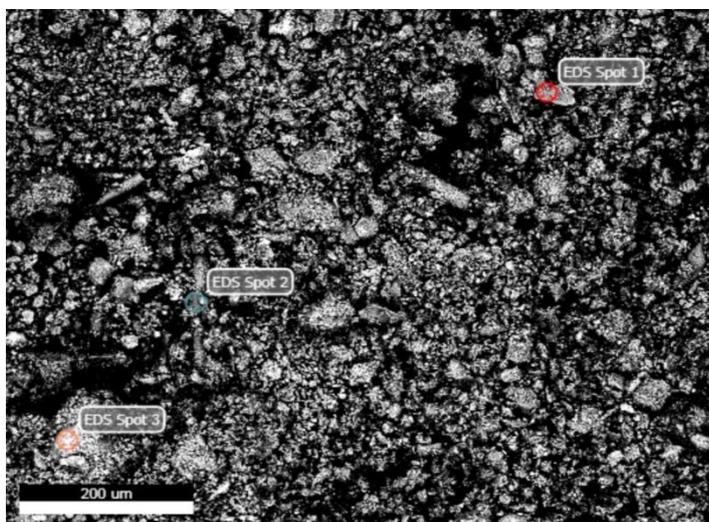
APÊNDICE V MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-



Elementos	Peso/atômico (%)							
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3		Ponto 4	
	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %
AlK	4.67	4.86	4.96	5.17	12.41	13.34	28.51	32.13
SiK	95.20	95.06	92.36	92.43	76.71	79.23	44.97	48.68
P K	-	-	2.52	2.29	3.71	3.48	7.74	7.60
K K	0.12	0.09	0.15	0.11	0.41	0.30	2.79	2.17
CaK	-	-	-	-	0.67	0.49	3.34	2.54
FeK	-	-	-	-	6.09	3.16	12.63	6.88
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

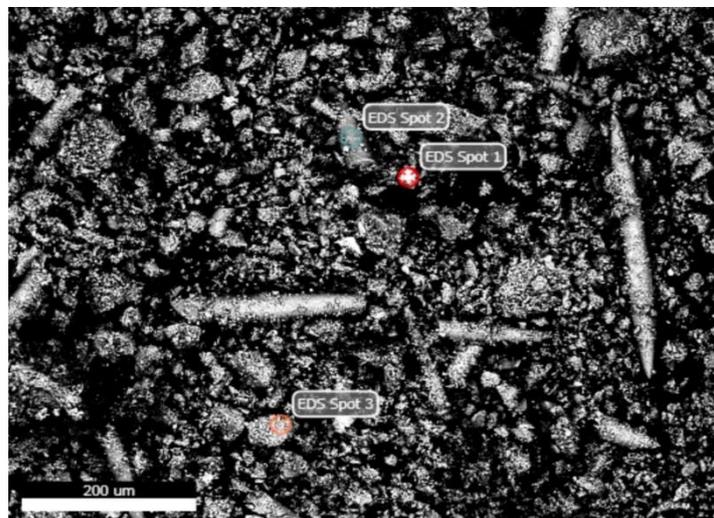
APÊNDICE VI MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS AMOSTRA ARQ-OB-

**APÊNDICE VIII MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-
OBD-03**



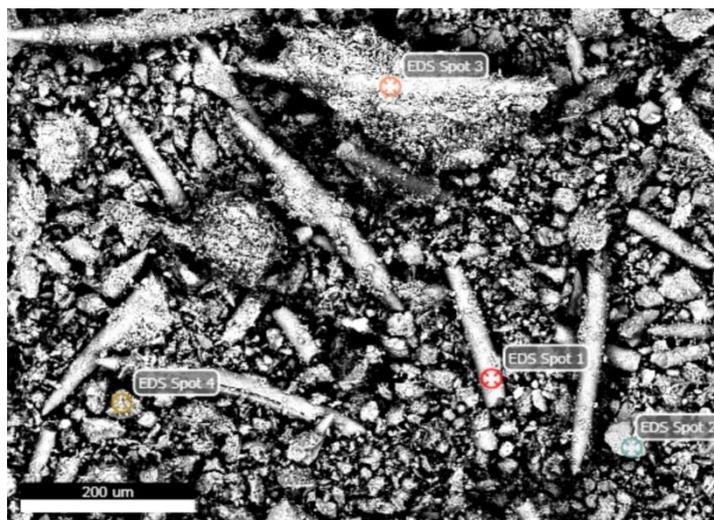
Elementos	Peso/atômico (%)					
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3	
	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %
Al	5.03	5.24	8.64	9.76	17.97	23.00
Si	90.93	91.08	73.91	80.21	32.20	39.58
P	4.04	3.67	-	-	10.05	11.20
K	-	-	0.65	0.51	2.76	2.44
Ca	-	-	1.64	1.25	3.71	3.20
Fe	-	-	15.16	8.27	33.29	20.58
Total	100	100	100	100	100	100

APÊNDICE X MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-07



Elementos	Peso/atômico (%)					
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3	
	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %
AlK	15.21	22.02	12.15	12.65	35.02	39.02
SiK	14.98	20.83	83.23	83.24	38.68	41.40
P K	1.41	1.78	4.20	3.81	10.48	10.18
K K	0.31	0.31	0.39	0.28	1.77	1.36
CaK	0.36	0.35	0.02	0.01	1.27	0.95
TiK	62.97	51.36	-	-	2.36	1.48
CrK	0.23	0.17	-	-	-	-
FeK	4.54	3.18	-	-	10.42	5.61
Total	100	100	100	100	100	100

APÊNDICE XII MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS, AMOSTRA ARQ-OBD-12



Elementos	Peso/atômico (%)							
	Ponto 1		Ponto 2		Ponto 3		Ponto 4	
	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %	Wt %	At %
AlK	4.67	4.86	4.96	5.17	12.41	13.34	28.51	32.13
SiK	95.20	95.06	92.36	92.43	76.71	79.23	44.97	48.68
P K	-	-	2.52	2.29	3.71	3.48	7.74	7.60
K K	0.12	0.09	0.15	0.11	0.41	0.30	2.79	2.17
CaK	-	-	-	-	0.67	0.49	3.34	2.54
FeK	-	-	-	-	6.09	3.16	12.63	6.88
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

**APÊNDICE XII MICROGRAFIAS E TABELA MEV-EDS AMOSTRA ARQ-
OBD-20**

